316
vagens

ARSENAL DO EXERCITO
BIBLIOTECA

VIAGENS D'ALTINA,

NAS CIDADES MAIS CULTAS DA EUROPA, E NAS PRINCIPAES POVOAÇÕES DOS BALINOS, POVOS DESCONHECIDOS DE TODO O MUNDO.

Assiduitate quotidiana, & consuetudine oculorum assuescunt animi, neque admirantur, neque requirunt rationes earum rerum, quas vident.

Cicer. De Nat. Deorum lib. II. cap. 2.

TOMO I.

Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira.
ANNO MCC.LXXXXVIII.
Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se na loja da Viuva Bertrand, e Filhos aos Martyres.

BIBLIOTECA DO EXERCITO 252 I DAA
DIRECÇÃO DA ARMA DE ARTILHARIA
Nº 252
BIBLIOTECA Nº

Taxão este Livro em padel na quantia de trezentos e sessenta réis. Lisboa 16 de Junho de 1798.

Com sinco Rubricas.

A' HUMANIDADE.

HAbitantes de toda a superficie deste Globo, ricos, e pobres, sociaes, e salvagens, recebei igualmente todos a offerta do meu trabalho, emprehendido com o designio de concorrer para a vossa felicidade. Esta offerta he seguida dos votos sinceros, que faço ao Ceo, para que desterre dos vossos corações os sentimentos oppostos, que vos fazem reciprocamente inimigos, e tyrannos huns dos outros; e para que substitua em seu lugar a doce, preciosa, e inestimavel

vel amizade. E Tu, Author Supremo da construcção maravilhosa do Universo, que do alto da tua Grandeza estás vendo este Globo, como hum atomo indivisivel, digna-te, digna-te d'ouvir as súpplicas d'uma pequena formiga, que do centro do pó, onde vive confundida, contempla a tua Obra, reconhece as tuas Maravilhas, e chega aos pés do teu Augusto Throno, para te rogar, que espalhes nos corações de todos os Humanos o Assopro Divino da Concordia. Occupados dos teus Louvores, e dos meios de nos prestarmos mutuamente todos os serviços de bons irmãos, nós gozaremos das vantagens, que a fraca constituição da humanidade nos permitte, em quanto não passarmos para o feliz Estado, que a tua Beneficencia Eterna nos destina.

VIA-

REFLEXÕES PRELIMINARES.

LEmbrando-me do dito de Fontenelle, que ſe tiveſſe huma mão cheia de verdades, havia de penſar primeiro bem antes de a abrir, eu quiz imitallo, penſando tambem ſe devia publicar, ou deixar no ſilencio as verdades, que fui aprender entre os Póvos Balinos. Que reſponderá, me dizia eu a mim meſma, que reſponderá a Fyſica, quando lhe diſſerem, que ella ignora a cauſa do fluxo, e do refluxo do Mar, a que produz os ventos, a que ſuſtenta os volcões, e as d'outros muitos fenomenos, porque occupada dos ſeus tubos, e das ſuas máquinas, não ſabe fazer a applicação das verdades, que lhe moſtrão eſtes inſtrumentos, ao eſtudo ſublime da Natureza? Que reſponderá a Anatomia, que crê ter eſquadrinhado as partes mais ſubtís, e mais occultas do corpo humano, quando lhe perguntarem, que ordem ſeguem os canaes, que de todas as partes do corpo vão ao centro; onde ſe faz a fermentação dos alimentos, que deſtruindo o equilibrio do ar interior

com o exterior, deixa entrar a atmosfera, que o nutre, augmenta, e vivifica? Que reſponderá ella, quando lhe perguntarem, por que partes do corpo vão paſſar as ſubſtancias ſeminaes, que ſe filtrão pela barba? Que qualidade de fluido entra pelos cabellos? Para que partes do corpo ſe deſtina? e que caminho ſegue? Que reſponderá a Medicina, quando lhe differem, que a circulação do ſangue, que ella olha como demonſtrada, he huma das puerilidades mais dignas de piedade, a que a ignorancia da cauſa, que produz o ſeu movimento, ou oſcillação podia recorrer? Que reſponderá, quando lhe differem, que bem longe de ter conhecimentos certos, ella ignora ainda os principios conſtitutivos do corpo humano, e por conſequencia as cauſas das ſuas enfermidades? Que reſponderá a Aſtronomia, que chega a vaidade ao ponto de querer conhecer os Aſtros, que ella póde apenas perceber, quando lhe differem, que o ſyſtema, que faz a baſe de todos os ſeus conhecimentos, he o mais ridiculo delirio, que a extravagancia humana podia produzir? Que reſponderáõ eſſes turbilhões compoſtos de ſofiſmas, de palavras obſcuras,

ras, e d'expreſsões inintelligiveis, que a vaidade dos homens honra com o nome de ſciencias, porque são a ſua obra, que reſponderáõ elles, quando lhes differem, que não tem, nem principios, nem conſequencias? Que reſponderá o Seculo XVIII., que ſe diſpõe com tanta pompa, para entregar ao que lhe vai ſucceder o depóſito dos ſeus conhecimentos, que elle julga ſem limites, quando lhe differem, que o Seculo XIX. rindo-ſe do ſeu orgulho, o reputará ainda mais barbaro, do que elle reputa os que o precedêrão? Os pertendidos Filoſofos, aliſtados debaixo das bandeiras das differentes Sciencias, que elles não conhecem ſenão de nome, reuniráõ todos os ſeus eſforços contra a mão profana, que chegar o atrevimento até o ponto d'inſultar os Simulacros ſagrados dos ſeus Altares. Tomando a opinião d'ignorantes, como o maior de todos os opprobrios, e acuſtumados ás proclamações univerſaes; elles olharáõ com indignação, e com horror a obra capaz de fazer cahir os fantaſmas, que os ſuſtentão; e carregando-a d'execrações, e d'anathemas, farão com que a multidão, que julga ſempre ſegundo as ſuas deciſões,

a condemne a hum perpétuo deſprezo. Onde poderei eu achar hum aſylo, no caſo de ſer conhecida, que me defenda dos ataques multiplicados, que emprehenderáõ contra mim as numeroſas cohortes dos meus inimigos?

Com razão dizia Fontenelle, que ſe tiveſſe huma mão cheia de verdades, havia de penſar primeiro bem, antes de a abrir. Não eſtou eu ainda ſatisfeita d'infortunios, e de calamidades, para me expôr, e ſoffrer as perſeguições dos Homens de letras, inimigos ſempre irreconciliaveis, e temiveis? No fim deſtas, e d'outras muitas reflexões da meſma natureza, aſſentei em que o ſocego era o mais precioſo de todos os bens, e querendo viver em paz, fui entregar ás chammas todos os meus eſcritos. Eu dizia mui contente a cada caderno, que hia queimando, inimizade dos Cultivadores de theoria deſtruida, inimizade dos Medicos deſtruida, inimizade dos Aſtronomos deſtruida. Aſſim que os vi reduzidos todos a cinzas, principiei a reſpirar com tanta ſatisfação, e alegria, como quem ſuppunha ter-ſe conduzido, ſegundo os principios da mais exacta prudencia. Julgando que a minha

nha acção valia hum tratado completo de Moral, determinei viver dahi em diante tranquilla, e feliz, ſem me embaraçar mais dos deſvarios dos homens.

Fatal illusão! Com que facilidade enganas os fracos mortaes com as eſperanças quiméricas, que lhes promettes! Os projectos do ſocego, com que eu queria ſegurar a minha felicidade perpétua, forão de tão pouca duração, que ſe deſvanecêrão quaſi tão depreſſa, como o fumo produzido pelo incendio dos meus eſcritos. Quando eu m'occupava a eſcrever o que tinha aprendido entre os Póvos Balinos, via paſſar os dias tão rápidamente huns após os outros, que me parecia que elles ſe ſuccedião tão ligeiros, como o relampago. As ſemanas erão para mim tão curtas, que me forçavão a queixar-me algumas vezes da brevidade do tempo, que nem ao menos me dava tempo de o gozar. A falſa idéa, que nós formámos regularmente da felicidade, faz com que deſconhecendo-a até no meſmo tempo, em que a gozâmos, lhe não ſabemos dar o ſeu verdadeiro valor, aſſim como á ſaude, que a conſtitue em grande parte, ſenão depois que a perdemos. O curſo do tempo

ſen-

sendo sempre igual, e inalteravel para todos os Mortaes, aquelles, a quem parecer que elle foge mais depressa, serão seguramente os mais felizes. O mesmo, dia que parece curto ao que passa entre a satisfação, e o prazer, parece longuissimo ao infeliz, que geme nos horrores d'uma prizão, ou cercado de dores.

A satisfação, com que eu escrevia, o que tinha aprendido entre os Póvos Balinos, e o gosto, com que meditava as principaes materias, que hia escrevendo, para me segurar, se erão taes como me tinhão parecido, enchião a minha alma d'um prazer tão puro, que me fazia feliz, e a minha felicidade augmentava pelo doce enthusiasmo, que me inflammava, com a esperança de ser util á Humanidade.

Eu ouvia dizer que os climas estavão mui differentes do que tinhão sido em outro tempo; que as Tysicas, e as enfermidades de nervos, sobre-tudo as histericas, contra as quaes são geralmente baldadas todas as diligencias da Medicina, se augmentavão cada vez mais; (1) e que a Especie humana

(1) Programma da Acad R. das Scienc. de Lisboa de 17 de Janeiro de 1789. pag. 7.

mana s'enfraquecia nas Cidades. Eu conhecia as causas destes males, e desejava concorrer para as evitar; mas temendo de m'expôr a soffrer o odio, e o desprezo público, tomei o partido de communicar os meus pensamentos a alguns sujeitos, que me parecião sábios, porque tinhão ouvido lições públicas, e frequentado as Universidades. Demasiadamente afferrados ás lições dos seus Oraculos, elles olhárão os meus pensamentos, como delirios da razão, e nem ao menos se dignárão de os examinar. Eu fui forçada a calar-me, para evitar a casa dos loucos: castigo que eu merecia bem, por m'enganar tão grosseiramente com os sujeitos, com quem tratava. Quando as lições de Paulino, e dos Balinos não bastassem para me fazer conhecer semelhantes Sábios; o uso, que eu tinha delles, era mais do que sufficiente para isso, se eu não tivesse huma tendencia natural, para cahir em asneiras de todas as qualidades.

Aborrecida das Cidades, fui habitar os campos, para gozar do ar livre, e d'um espectaculo mais agradavel; a nova habitação não concorreo nada para a minha felicidade. Eu via

o

o lavrador curvado debaixo do trabalho, quaſi ſempre pobre, e abatido, no meſmo tempo em que elle tinha meios faceis, para fertilizar as ſuas terras, e para fazer proſperar os ſeus rebanhos. Se eu o queria ajudar com os meus conſelhos, enſinando-lhe o meio de preparar a terra, de beneficiar a lã, e de fazer abundar em leite todas as rezes de cria, elle reſpondia logo, que o meu methodo ſeria bom em outro paiz; mas que os ſeus paſſados tinhão uſado ſempre daquelle, porque não havia outro melhor para aquella terra.

De que me ſerve, dizia eu, enchendo-me de melancolia, de que me ſerve o que fui aprender com os Póvos Balinos, e a contemplação da Natureza, ſe eu não póſſo ſer util em nada aos meus ſemelhantes. Vendo que os meus conhecimentos erão inuteis, deſprezei toda a eſpecie d'applicação, para me lançar na ocioſidade, ſem exceptuar a contemplação da Natureza, na qual eu occupava já huma grande parte do tempo com prazer. Quando eſta contemplação não ſerviſſe, ſenão para me fazer paſſar o tempo agradavelmente, era já hum grande bem; mas

mas ella podia, além diſto, fazer-me adquirir conhecimentos nóvos, e o curſo do tempo m'offereceria occaſiões de os fazer utilizar. A ocioſidade, que alguma gente appetece, por não conhecer que he hum grande mal, produzio ſobre mim effeitos tão promptos, e tão terriveis, que fez com que a minha propria exiſtencia me parecia inſupportavel. O enfado contínuo, que me devorava, fazia a minha ſituação tão deſgraçada, que diſcorrendo eu em todos os meios, que me lembravão, não podia conceber hum ſó capaz de me fazer feliz.

Huma noite, em que eu dormia com hum ſomno pouco ſocegado, e com a imaginação occupada de ſonhos deſagradaveis, vi vir hum Genio, o qual me diſſe, voltando ſe para mim: donde vem a origem deſſes ſonhos terriveis, que te atormentão, do enfado, que te devora, e da melancolia, que te faz deſgraçada? Acaſo conhecias tu eſte triſtes flagellos, quando occupada a eſcrever as tuas viagens, e o que foſtes obſervar, e aprender entre os Póvos Balinos, concorrias para a felicidade dos teus ſemelhantes? Deſterra, miſeravel mortal, deſterra os ter-

ro-

rores panicos, que te fizerão abandonar a mais util de todas as emprezas, que tu podias meditar. Não realizes a opinião dos que dizem, que as mulheres são tão fracas d'espirito, como do corpo. Péga outra vez na penna, e escreve novamente tudo o que os quiméricos projectos de felicidade te fizerão queimar. Escreve correntemente, e com toda a brevidade que puderes, tanto os acontecimentos dignos d'attenção, e as observações, que fizeste na Europa, como o que aprendeste entre os Póvos Balinos. Não sacrifiques a realidade á sombra, occupando inutilmente em correcções de estilo, ou d'outros objectos indifferentes, o tempo precioso, que pódes empregar, dizendo cousas interessantes, e necessarias.

Escreve atrevidamente tudo o que julgares util á Humanidade, ainda que os teus sentimentos se achem oppostos á opinião pública. Tu não és a primeira, que mostras a ignorancia dos conhecimentos humanos, e a vaidade dos pertendidos Sabios; muitos Filosofos antigos, e modernos o fizerão já muitas vezes. Socrates o mais respeitavel de todos elles dizia, que a unica cousa

sa, que sabia, era que não sabia nada. (1) Cicero dizia, que não havia absurdo de qualidade alguma, que não fosse sustentado por algum Filosofo. (2) Montagne dizia, que a Filosofia tinha tantos semblantes, e variedades differentes, que não havia sonho, ou loucura, que a fantasia humana lhe não tivesse misturado. (3) Huecio fez hum tratado para provar a incerteza dos conhecimentos humanos. (4) Não espereis algum soccorro dos Filosofos, diz o Abbade Mably, he raro que os prejuizos da sua patria, da sua educação, e do seu Seculo, não passem nos seus escritos. Consagrados ordinariamente a algum systema, elles se julgarião no erro, apartando-se delle. (5) O Abbade de Condillac diz, que os Filosofos devem mais a sua reputação á importancia das materias, de que se occupão, do que ao modo, por que as tratão; (6) que envergonhando-se de ter meditado inutilmente, são sempre partidistas teimo-

(1) Cicer. Acad. Quæst. liv. 1. cap. 4.
(2) Cicer. de Devinat. iv. 2.
(3) Essais. liv. 2. cap. 12.
(4) De Imbecillitate mentis hum.
(5) Principes de Mor. liv. 2.
(6) Traité des Syst. cap. 4.

moſos dos pertendidos fructos dos ſeus trabalhos; (1) que elles ſe querem ſobre tudo ſingularizar, que elles agitão queſtões frivolas, fallão linguagens ininteligiveis, obſervão pouco, e dão as ſuas imaginações por interpretações da Natureza. (2) Anaxagoras, Democrito, Protagoras, e outros muitos Filoſofos de todos os Seculos, que cultivárão as letras, ſeguírão com pouca differença os meſmos ſentimentos. Tu não vais clamar, como os Charlatães, contra os males, que não podem conhecer, nem curar; o modo, por que os Balinos te convencêrão do erro, foi moſtrando-te o caminho da verdade. Tu pódes fazer o meſmo, e tens niſſo huma grande vantagem ſobre todos os que clamão contra os erros, ſem moſtrar os meios de os evitar.

As tuas viagens entre os Balinos ſerão talvez olhadas como huma ficção imaginada por algum homem atrevido, para publicar os ſeus penſamentos com mais liberdade? Que importa que as verdades, que tu vais annunciar, ſejão eſ-

(1) Diſſai. ſur l'origine des Connoiſſ. humaines. Sect. 2. cap. 2.

(2) Logique part. 2. cap. 2.

eſcritas por hum homem, ou por huma mulher, aprendidas entre os Balinos, ou na Europa? A peſſoa, que as publíca, e o lugar, onde forão aprendidas, são couſas perfeitamente indifferentes, com tanto que ellas poſſão utilizar á Humanidade. „ Eu não ſei que „ algum Filoſofo até agora tenha tido „ o atrevimento de dizer; eis-ahi o „ termo, onde póde chegar o homem, „ e que não póde exceder. Nós ignorámos o que a noſſa natureza nos „ permitte, nenhum de nós não medio „ ainda a diſtancia, que ſe acha entre „ hum homem, e outro homem.„

„ Eu ſei que ha algum perigo a „ annunciar idéas novas, e que mais „ as opiniões, que ſe atacão, são antigas, mais provas são neceſſarias para as deſtruir. Mas não ſe ſegue daqui, que a novidade d'uma idéa ſeja „ hum ſinal da ſua falſidade, reſulta „ ſómente, que ſe não deve dizer nada „ ſem prova. „ Tu pódes provar com evidencia as novidades, que vais annunciar; mas acautela-te, para que as verdades conhecidas te não conduzão ao orgulhoſo charlataniſmo de querer explicar tudo, e exceder os limites dos conhecimentos humanos.

„ Por-

» Porque são eſtes limites tão cur-
» tos, e tão difficeis a eſtender, a pe-
» zar da applicação de tantos Eſcrito-
» res? Porque ſe encontrão entre elles
» tão poucos Sabios, e tantos Sofiſtas;
» tão poucos Eſpiritos originaes, e tan-
» tas obras, cujo fundo he em todas
» o meſmo? He porque são poucos os
» Eſcritores, que tem ſondado a pro-
» fundidade da ſua alma, medido a
» ſua extensão, e eſtendido a força das
» ſuas faculdades; he porqué hão mui
» poucos, que não ſejão ſujeitos a re-
» gras pueris, e a prejuizos ridiculos:
» e mui poucos, que não tenhão ſuffo-
» cado as ſuas luzes naturaes debaixo
» de huma multidão de penſamentos
» empreſtados. Todo o Author, que
» quer trabalhar utilmente para ſi, para
» o Público, e para a Gloria, não de-
» ve penſar, nem compôr, ſenão ſe-
» gundo as ſuas proprias luzes; e por
» conſequencia deve ler pouco, e ob-
» ſervar, e meditar muito. Ora quaſi
» todos os Authores, embaraçados com
» huma ſciencia eſtranha, opprimidos
» debaixo das idéas d'outro, conſomem
» a ſua vida a ler o que os outros
» eſcrevêrão, a copiar o que os outros
» penſárão. Sem caracter, que lhes ſeja

» pro-

» proprio, elles adoptão ſervilmente o
» dos ſeus predeceſſores; arraſtando-ſe
» debaixo dos ſeus paſſos, elles ſe proſ-
» trão com hum reſpeito cégo dian-
» te da Eſtatua d'um grande homem,
» beijão o ſeu pedeſtal, e inſultão ao
» Penſador, que ſe ri ao lado da ſua
» baixeza, e da ſua mediocridade. Eſta
» mediocridade apparece logo, a pezar
» do cuidado, com que elles a involvem
» d'authoridades, a Poſtoridade, e o ſeu
» meſmo Seculo, lhes ſignalão o ſeu
» verdadeiro lugar; elles ſepultão n'um
» eterno eſquecimento as obras volu-
» moſas deſtes vis imitadores, entre
» tanto que as deſcubertas brilhantes
» do Eſcritor original ſobrevivem á
» deſtruição dos tempos. O ſello do
» genio as diſtingue nas ſuas revolu-
» ções, e eſte ſello he reſpeitado de to-
» dos os Seculos. Verdadeiras em todos
» os tempos, ellas são uteis para todos
» os Homens, para todos os Paizes.
» Mas a quem devem elles eſtas deſcu-
» bertas? A' meditação. Foi na medita-
» ção, que huma feliz circumſtancia
» deſpertou o ſeu genio occulto, ar-
» raſtados pelo impulſo d'um fenomeno
» novo, tocados da ſua luz, elles o ſe-
» guírão, obſervárão, deſcobrírão, e

» li-

» ligárão a ſua cauſa a outros effeitos, » admirárão em fim o Univerſo por » theorias ſublimes, e merecêrão a ſua » adoração. Eis-ahi a ſorte dos Eſcri- » tores, que fortes da ſua propria » energia, bebêrão as ſuas luzes na me- » ditação. A ſua gloria he immortal, » a ſua utilidade he real; e aos pra- » zeres da gloria, ao prazer de ſer util, » elles ajuntão os da meditação: praze- » res de todos os inſtantes, de todos » os lugares; prazeres que ninguem pó- » de arrebatar ao Sabio. »

Já não eſtamos no tempo, em que os eſpiritos imitadores fazião fortuna, com tanto que ſoubeſſem voltar as couſas, que os outros tinhão dito, de modo que não foſſem conhecidas á primeira viſta. A Europa eſtá hoje cheia de Sabios, que ſuppoſto não tenhão conhecimentos certos, e ſeguros ſobre algumas materias, fazem eſforços para os adquirir, e amão ſinceramente a verdade. A experiencia, eſta méſtra univerſal de todas as couſas, tem feito conhecer, que não he imitando, mas ſim ſeguindo caminhos nóvos, e deſconhecidos, que os homens podem chegar ao conhecimento de muitas verdades intereſſantes, e felizes.

O

O ſyſtema de Copernico, o d'attracção da materia, o da circulação do ſangue, e outros deſta natureza, ſoffrêrão muitos annos de contradicção, primeiro que ſe eſtabeleceſſem; mas falſos de ſua natureza, e ſem principios, que os pudeſſem ſuſtentar, elles devião ſer objectos de diſputas continuadas; e ſe chegárão a ſer olhados como verdades, foi pelo credito dos Eſcritores, que os ſuſtentárão. Eſcreve, eſcreve ſem receio do odio, e do deſprezo público, que tanto te tem atormentado; as verdades, que tu vais annunciar, são acompanhadas de ſignaes, que as caracterizão tão diſtinctamente, que não podem ſer objectos de conteſtações por muito tempo. Em lugar do odio, que tu temes, os amigos da verdade encherão de bençõas a quem os apartar do caminho do erro; e os gritos dos Charlatães, que julgão dos progreſſos das Sciencias pelo número dos volumes, que as tratão, e pelos textos, e aforiſmos, de que elles tem as cabeças recheadas, não terão nunca força para eclipſar a luz brilhante da verdade.

Deſpreza o apparato ſcientifico, e todos os termos technicos, que puderes ſupprir com os familiares: a Filoſo-

sia datará os seus progressos do tempo em que a fizerem popular.

O Genio desappareceo, e eu despretei com hum animo tão firme de seguir os seus conselhos, que os fui pôr logo em prática, dando novamente principio á historia das minhas viagens. Eu as estou continuando a escrever, porém como queimei todos os meus manuscritos, sem exceptuar os que trouxe de Bali, sou obrigada a fazer huma nova viagem a este Reino feliz, para adquirir novamente todos os conhecimentos, que a minha imprudencia me fez perder, e que a minha memoria não pôde conservar. Entre os muitos conhecimentos, que eu trouxe dos Póvos Balinos, os unicos, de que me lembro, são os que vou annunciar, para os dar ao Público no curso desta obra, em quanto o não enriqueço com outros muitos, que pertendo ir buscar.

Caracteres, e Typografia.

O Methodo, de que se servem os Balinos, para formar os seus caracteres, he tão simples, que qualquer pes-

pessoa de mediocres talentos póde aprender a escrever em duas horas, com a vantagem de não poder fazer a escrita torta, desigual, enganchada, ou inintelligivel, como succede á maior parte da gente na Europa. A escrita he sempre tão direita, tão igual, e tão bella, que não ha entre nós hum só Escriturario em estado de a imitar. A todas estas perfeições ella ajunta, a de ser pelo menos dobrado mais breve do que a nossa. De dous Escriturarios, hum Europeo, e outro Balino, igualmente habituados a escrever, o ultimo escreverá seguramente duas paginas, em quanto o primeiro escrever huma.

As Imprensas são sempre nas Escolas públicas, hum Discipulo junta os Caracteres, e fórma a estampa, e outro lê, e examina, se ella está correcta, antes de imprimir. Elles podem lella, porque vão ajuntando os Caracteres, e separando as palavras direitamente como escrevem, e não ao revéz, como nós fazemos. Os Discipulos alternão, e não tem a centesima parte do uso dos nossos Compositores; e assim mesmo são tão exactos, que he huma raridade, o encontrar hum erro d'impressão na pri-

meira folha, por conſequencia nas outras.

Agricultura, Economia Ruſtica, e Domeſtica.

OS principios da Vegetação são differentes dos que nós ſuppomos.

As plantas não recebem nutrimento algum das raizes, nem os fructos das plantas, ao contrario os fructos, e as folhas communicão ás raizes o nutrimento, que ellas recebem da atmosfera.

Explicação dos principaes fenomenos da Natureza, ſegundo eſte Syſtema.

Methodo de combinar as fructas, por ex. a uva branca com a preta, a laranja com o limão, e todas as que tem entre ſi alguma analogia.

Cauſa da fertilidade dos terrenos. Os eſtrumes animaes são os melhores. Differentes meios de os ſupprir.

Meios d'evitar a degeneração, ou enfraquecimento dos fructos, e das ſementes.

Reflexões intereſſantes ſobre a cultura das vinhas, e das arvores.

Gran-

Grandes defeitos dos arados, e charruas da Europa.

Novos inſtrumentos aratorios.

Nova conſtrucção de carros.

Reflexões ſobre as lavouras, e ſobre as ſementeiras.

Máquinas para romper terras incultas, para arrancar raizes, e para outros uſos por meio do vento.

Máquinas para ceifar as méſſes, e extrahir o grão das eſpigas com facilidade.

Methodo d'abbreviar as operações do linho, e do canamo, até ao ponto de os taſcar.

Máquinas hydraulicas para os taſcar, fiar, e para outros uſos.

Fuſos d'uma invenção nova, com os quaes huma mulher póde torcer ſeis vezes mais linha no meſmo tempo, do que com os ordinarios.

Meios de fazer engordar, e proſperar os gados, d'aperfeiçoar a lã, e de fazer abundar em leite todas as rezes de cria.

Methodo de crear a melhor qualidade de ſeda.

Me-

Medicina, Anatomia, Cirurgia.

DEmonſtração da falſidade da circulação do ſangue.

Cauſa que produz o ſeu movimento, ou oſcillação.

Formação do féto. Elle não recebe nutrimento algum da mãi, pelo cordão umbilical. Toda a materia, que o faz creſcer, he tirada unicamente do ar, que o cérca no utero, e que ſe renova contínuamente.

Fóra da mãi, elle não creſce pelo augmento tirado dos alimentos; mas com as materias, que, miſturadas com a atmosfera, entrão por todos os póros do corpo.

O ar, que entra pelo canal da garganta, não he o que comprime o bofe, e produz a reſpiração.

Que couſa he a reſpiração, e erro em que ſe eſtá a eſte reſpeito.

O leite não he tirado do ſangue, como falſamente ſe ſuppõe. Cauſa que o produz.

A barba he eſſencialiſſima para a entrada das ſubſtancias ſeminaes.

O uſo de a fazer, principalmente diaria, ou quaſi diariamente, he perni-

nicioſiſſimo á propagação da eſpecie humana.

Reflexões neceſſarias ſobre alguns objectos, relativos á differença de conſtituição nas mulheres.

Todos os cabellos eſpalhados nas differentes partes do corpo communicão ſuccos aos nervos.

Os fermentos, que entrão pelos póros do corpo, miſturados com a atmosfera, são as cauſas da maior parte das enfermidades.

Cauſas das enfermidades de nervos, e meios de as evitar.

Meios d'evitar as moleſtias contagioſas.

Novo methodo de curativo a reſpeito das chagas, e das feridas.

Aſtronomia, Fyſica Geral, e Experimental.

INcompatibilidade da força centripeta com a centrifuga no Globo da terra.

Demonſtração da falſidade do Syſtema de Copernico.

Falſidade da gravitação dos Planetas para os Sol, e do Sol para o Planetas.

A gravitação applicada aos cór pos, que nos cercão, ainda mais abſurda.

Cauſa que faz cahir os córpos.

Cauſa do fluxo, e refluxo do Mar.

Cauſa que ſuſtenta a Terra no centro do Mundo.

Grandes erros ſobre as experiencias pneumaticas.

Mechanica, e Maquinaria.

OS principaes principios da Mechanica são puramente hypotheticos.

Demonſtração do erro, que ſuppõe a força viva d'um corpo em movimento, igual á ſua maſſa, multiplicada pelo quadrado da ligeireza.

Impoſſibilidade de avaliar, e reduzir a números a ligeireza dos córpos.

Todas as máquinas diminuem a força do homem, ou a que as põe em movimento.

Quaes são as vantagens das máquinas. Principios que conſtituem a ſua perfeição.

Huma nova pendula para evitar huma grande deſigualdade, procedida da differença da atmosfera, que ſe não acha

acha ainda evitada na de Caſſini, nem em alguma outra.

Hum relogio que bate horas, e quartos com repetição d'ambas as couſas, e com deſpertador, tudo iſto n'uma ſó rodage. (*)

Seis relogios differentes huns dos outros, dos quaes o mais complicado he

(*) Annunciou-ſe n'uma Gazeta de Madrid de Março de 1789 hum relogio de nova invenção, que dá as horas, e os quartos n'uma ſó rodage; e como eſta invenção he antiga, tendo a roda das cavilhas, d'um lado as dos quartos, e do outro as das horas, o Author adverte que no ſeu relogio eſtão todas do meſmo lado. Se algum curioſo, dos que lerão a Gazeta deſeja ſaber o ſegredo da invenção, ei-lo aqui. Huma peça no ſeu eſtado de repouſo embaraça que o martello dos quartos toque na campainha, quando o outro dá as horas; eſta meſma peça que levanta, quando o relogio quer dar os quartos, embaraça o martello das horas de tocar na campainha, e deixa ao dos quartos a liberdade de bater na ſua. As cavilhas levantão ſempre ambos os martellos. Hum relogio deſtes não preciſa mais do que huma campainha, embaraçando o martello dos quartos, quando dá horas, e deixando-os bater ambos nos quartos, como nas repetições d'algibeira. Eu não ſei ſe o Author goſtará de que lhe deſcubrão o ſeu ſegredo, mas fica-lhe em troco diſſo a liberdade de fazer o meſmo dos que eu annuncio, em quanto os não publico.

he metade mais ſimples, do que todos os que actualmente ſe conhecem.

Hum relogio, que ſem mais fábrica do que tres rodas, dous martellos, e a pendula moſtra as horas, os minutos, os ſegundos, e bate as horas, e os quartos, tudo com exactidão.

Fábricas, Artes, e Officios.

A Simplicidade, com que vivem eſtes Póvos, permitte-lhes poucas Artes, e Officios, em comparação da multiplicidade dos da Europa. A vantagem, que elles tem a eſte reſpeito ſobre nós, he a de fabricarem quaſi tudo em grandes Fábricas á margem dos rios. Elles não empregão a força do homem, ou dos animaes, ſenão nas circumſtancias de não poderem uſar da do vento, ou da agua.

A opinião, em que eſtão eſtes Póvos de que a inclinação contínua do peito origina muitas Tyſicas, faz com que elles uſem de máquinas, para tecer todas as ſuas obras. Cada máquina tece regularmente quatro têas, ſendo largas; e das eſtreitas, aſſim como ligas, ou fitas, téce vinte, trinta, ou quarenta,

ta, ſegundo que ellas são mais, ou menos eſtreitas.

Eu tenho viſto em algumas partes da Europa teares, que tecem ao meſmo tempo muitas fitas, ligas &c., mas conſtruidos ſegundo hum principio tão máo, que são forçados a parar a cada momento, para atar os muitos fios, que as lançadeiras quebrão contínuamente na paſſagem. As lançadeiras dos teares dos Balinos são conduzidas por hum principio tão bom, que não encontrão, nem quebrão os fios das têas.

Marinha.

HUma bomba, que trabalha com o movimento do navio, qualquer que ſeja a ſua carga, direcção, ou inclinação, e ſem embaraçar a manobra.

Hum relogio de longitudes, conſtruido ſegundo hum principio differente do d'Ariſſon, e mui exacto.

SCI-

SCIENCIA DA GUERRA.

Armamento militar, Tactica, Caſtramentação.

. . . . . .
. . . . . .

Artilheria, (*) *Baliſtica*, *Fortificação, e Strategica.*

. . . . . .
. . . . . .

O Leitor mediocre acoſtumado a tratar de delirio o que não póde conceber, olhará como projectos incompativeis, e como imaginações quiméricas, tudo o que eu acabo d'annunciar; e o ſilencio dos ultimos artigos, como huma nova oſtentação de Charlataniſmo, talvez imaginada para melhor extracção da obra, e para me fazer admirar. Supponha muito embora o que elle quizer;

(*) A Artilharia he tomada aqui unicamente a reſpeito do conſtrucção de novas bocas de fogo; e não ſobre a direcção dos tiros, a qual pertence á Baliſtica.

zer; o que eu tenho dito a reſpeito da Agricultura, e da Medicina, objectos os mais intereſſantes á Humanidade, baſta para conduzir o Sabio á deſcuberta de grandes verdades. O meio mais ſeguro para me fazer acreditar a reſpeito das máquinas, que annuncio, he moſtrando, como eu o vou fazer, as mais difficeis, e que pareceráõ impoſſiveis aos Maquiniſtas, em quanto as não virem.

Eu viſitei os melhores Arſenaes da Europa, entrei em muitas Fortalezas bem fortificadas, vi manobrar as tropas de muitas Potencias, li as melhores Obras militares, e poſſo ſegurar depois de tudo iſto, que os Balinos tem invenções, e conhecimentos ſobre a guerra ignorados ainda na Europa; e alguns capazes de decidir da ſorte dos Imperios. Eu principiava a annunciar os que me lembravão, quando julguei que ouvia o Genio, que me tinha apparecido em ſonho, gritando-me que condemnaſſe ao ſilencio eſtas deſcubertas fataes, e deſtruidoras. Para não riſcar, e refazer novamente o que tinha eſcrito, continuei com as linhas pontuadas. Em tudo o mais, que fica annunciado, irei ſatisfazendo o Público com

a brevidade, que me for poſſivel; e ſe concluir a viagem, que premedito, proteſto da ſatisfazer com tudo o que as circumſtancias actuaes me não permittem.

VIAGENS D'ALTINA.

CAPITULO I.

Da minha primeira Educação.

LIGADA do modo que ſe coſtumão ligar as creanças recem naſcidas, e envolta em hum panno verde, eu fui expoſta em hum caminho público perto de Sevilha, onde João Palomino, e ſua Mulher me achárão á volta d'uma romaria, que tinhão ido fazer á Mãi de Deos, a pedirlhe ſucceſsão. A conjunctura não podia ſer-me mais favoravel, porque os dous Eſpoſos olhárão o meu encontro, como hum aviſo do Céo, e determinárão cuidar da minha Educação, como

mo se eu fosse sua filha. Depois disto não preciso dizer, que não conheci os Pais; que me fizerão vir ao Mundo, nem o verdadeiro lugar do meu nascimento.

João Palomino, que era natural de Sevilha, tinha ficado orfão de pai, e mãi na idade de doze annos, e passados poucos mezes, quando a falta de seus Pais o consternava mais fortemente, pelo desamparo, em que se via, teve a felicidade d'entrar na Familia d'um Fidalgo Italiano, que o levou para Roma, onde lhe fez aprender a Pintura. Elle fez progressos tão rápidos nesta arte, que veio a ser dentro de poucos annos hum dos melhores Pintores do seu tempo; e por conselho do seu Bemfeitor foi estabelecer-se a Paris, onde a experiencia não desmentio a esperança, que este lhe fizera esperar. Palomino casou ao quarto anno da sua assistencia em Paris com Anna Bercley, filha de Pais Irlandezes; a virtuosa Mulher a quem eu devi toda a minha felicidade. A reputação das suas pinturas augmentou tanto, que elle se achou no fim de 12 annos com 60 mil libras, (*) fortuna já mui brilhante para huma

(*) Cada libra vale 100 reis.

ma pessoa da sua profissão. Persuadido de que a grande opulencia não he a que faz a verdadeira felicidade do homem, elle preferia huma subsistencia mediocre com socego a todas as riquezas do Universo; e como se não esquecia das felizes margens do Guadalquivir, poz 50 mil libras no Banco de Londres, e partio com sua Mulher para Sevilha, para com huma subsistencia segura gozarem de tranquillidade o resto dos seus dias. Tal he a historia abbreviada dos meus Bemfeitores, historia que precisaria hum volume, se eu não quizesse passar rápidamente pelos objectos, que julgo indifferentes aos Leitores, para chegar mais depressa aos que os podem interessar.

Maman foi a primeira palavra, que m'ensinárão a pronunciar, para designar mãi, como he uso em muitas partes, principalmente em Inglaterra, e em França. Maman foi o nome, com que eu fiquei tratando sempre a minha adoravel Bemfeitora, e eu não posso pronunciallo ainda hoje, sem derramar lagrimas pela Pessoa, de que elle me faz lembrar. A Lingua Ingleza, que Maman sabía como materna, foi a primeira, que ella me fez fallar; e á idade de 30

mezes principiou a fazer-me conhecer os caracteres, pouco depois a formar as syllabas, e ultimamente a ler. Aos quatro annos paſſámos ao Francez, que ella me fazia tambem ler, mas ſem deixar o Inglez; e tal era o methodo, com que m'enſinava, que não obſtante os meus tenros annos, eu não ſentia confuſão nas lições das duas linguas. Os progreſſos, com que eu me adiantava, animárão Palomino a enſinar-me tambem o Italiano. Eu ſabía quatro linguas á idade de ſeis annos; a Ingleza, a Franceza, a Italiana, e a Heſpanhola, porque tinha aprendido a ultima ſó com o uſo de a ouvir fallar.

As linguas não erão o unico objecto da minha inſtrucção; Maman ſe occupava a formar-me o eſpirito com huma educação regular; e como ella gaſtava o tempo que lhe reſtava dos cuidados domeſticos, applicando-ſe ao eſtudo da Filoſofia, e da Moral, tinha adquirido conhecimentos ſolidos ſobre eſtas Sciencias: conhecimentos, que lhe davão a facilidade de dirigir-me ſegundo os ſeus deſejos. Entre os Authores da ſua eſcolha, Seneca, Epicteto, Montagne, Rouſſeau, e Helvecio, erão os que ella mais eſtimava; mas

 ſem

ſem adoptar cegamente todos os ſeus principios, ella eſcolhia por exames refletidos, e imparciaes, tudo o que lhe parecia bom, entre os eſcritos deſtes célebres Filoſofos.

O uſo do Mundo, e a lição dos livros lhe tinhão enſinado a conhecer o grande effeito, que fazem ſobre nós os primeiros coſtumes da infancia, e o muito que elles decidem dos noſſos conhecimentos, dos noſſos erros, e da noſſa ſorte. Eſta conſideração a determinou a apartar-me cuidadoſamente de todas as peſſoas, cuja communicação pudeſſe ſer-me nociva, ſem excepruar a criada da caſa, á qual prohibia de contar-me hiſtorias, ou de me dizer alguma couſa mais, do que o que expreſſamente ſe lhe determinaſſe.

Ao paſſo que a minha razão ſe hia deſenvolvendo, Maman me fazia fazer a applicação das experiencias, que ſe ſuccedião com o tempo, e enſinando-me a julgallas, me acoſtumava a diſcernir o bem do mal. Eu cheguei por eſte modo ao conhecimento da virtude, a qual me parecia amavel ſó pelas vantagens, que me preſentava, e aborrecendo o vicio por elle meſmo, e pelas perniciosas conſequencias, que o ſeguem

 ſem-

ſempre, eu me habituei a não deſejar nunca, ſenão o que podia conduzir-me á verdadeira felicidade, que Maman me fazia diſtinguir bem da felicidade quimérica, que todos buſcão, e que ninguem acha.

Para acoſtumar-me á leitura, a minha Meſtra me deo alguns livros de Novellas. A Bella Maria, a Marianna, os Contos Moraes de Marmontel, e outros deſte goſto, fizerão a minha primeira lição. O goſto, com que eu devorava eſtes livros, enchia Maman de tanta ſatisfação, que me diſpenſava algumas vezes d'outras obrigações, porque não conhecia ainda o paſſo falſo, que tinha feito, fazendo-me ler livros de ſemelhante natureza.

Ella ſabía que os enredos amoroſos, de que eſtes livros abundão, não são perigoſos, quando a natureza não entra tambem com alguma parte, o que não havia a temer na minha idade: o mal veio donde ella menos o eſperava. A ſemelhança, que eu julgava achar entre mim, e as heroinas das hiſtorias, que lia, me fazia tomar tanto intereſſe nos ſeus ſucceſſos, que era arrebatada com goſto, quando as via triunfantes, e filhas de grandes Perſonagens.

Eſ-

Eſquecia-me de dizer, que eu tinha hum bilhete comigo, quando me achárão expoſta, que dizia: eſta menina eſtá baptizada, e chama-ſe Maria Altina. A raridade do nome Altina, que Maman me dizia, não tinha ouvido ainda; o ſer achada em hum caminho públ ico, o que tambem não era ordinario; o methodo da minha educação, que eu ſabía ſer differente do das outras meninas de Sevilha; e a muita gente, que vinha a caſa, ſó para me ver, e admirar o meu adiantamento, erão outras tantas circumſtancias, que me fazião julgar a heroina d'alguma hiſtoria, e pelo menos filha d'um Duque, ou d'um Marquez. Eſte delirio tinha entrado de tal modo na minha cabeça, que eu era já menos attenta ás lições de Maman, e até parecia algumas vezes inquieta, e ſobreſaltada. Se batião á porta, eu hia como hum raio ver quem era, na eſperança de que foſſe algum expreſſo a procurar-me. Hum dia, em que batêrão, em occaſião em que eu eſtava dando lição, fiz hum eſtremecimento á maneira d'uma peſſoa, que ſe electriza; extremecimento que confirmou Maman na deſconfiança, em que já eſtava, de que eu tinha alguma couſa, que me

in-

inquietava. Ha algum tempo, me diſſe ella, que tu me pareces differente do que eras, eu deſejo ſaber a cauſa deſta mudança. Vendo que eu me fazia encarnada, e que não reſpondia, continuou, dizendo, que julgava que eu não era capaz de fazer couſa, que me fizeſſe envergonhar. Eſta pequena reprehensão fez hum effeito tão forte ſobre mim, que não ſabendo eu, como poderia reparar a falta, que tinha feito, em não dizer promptamente a verdade, me lancei aos abraços a ella, contando-lhe com as lagrimas nos olhos todo o effeito, que as Novellas tinhão produzido ſobre mim; e moſtrando-me envergonhada de não ter dito logo huma couſa, que eu não queria occultar, mas que huma eſpecie de pejo me tinha embaraçado de dizer.

Não chores, minha querida Altina, não chores, me diſſe eſta angelica Maman, apertando-me entre os braços, acoſtumada a olhar a mentira com o horror, que ella merece, tu não devias ſuppôr, que os Authores dos livros que te tenho dado, foſſem capazes de mentir, e tomando, como reaes, as heroinas imaginarias, de que elles ſe tem ſervido, para inſpirar a virtude, era natural que ven-

vendo-te em circumſtancias, que tem ſemelhanças com as dellas, te julgaſſes já no principio d'uma carreira, que eſperavas, vieſſe com pouca differença, a terminar do meſmo modo.

A Bella Maria, a Marianna, e todas as outras, que te tem intereſſado, nunca exiſtírão. Como a maior parte da gente, principalmente a Mocidade gôſta de ler hiſtorias, os Eſcritores buſcão eſte meio, para conduzir os que as lem á virtude, movendo-os a ſentimentos de compaixão, para as infelicidades dos ſeus ſemelhantes. O intereſſe, que a compaixão nos faz tomar na ſorte dos infelizes, produz em nós o deſejo de ſaber como ella ſe termina, e conduzidos d'acontecimento em acontecimento, nós lemos regularmente qualquer deſtas hiſtorias com tanto apperite, que parecemos ſem ſocego, em quanto não chegamos ao fim, para ſabermos o ultimo exito das peſſoas, que nos tem intereſſado. He por eſta razão, que ellas acabão ſempre triunfantes; porque o fim dos Authores, que as imaginão, ficaria illudido, ſe nos não moſtraſſem o triunfo da virtude ſobre o vicio.

Neſtes termos, ſuppoſto, dizer o

que

que não he, seja mentir, tomando as cousas segundo a sua verdadeira significação, com tudo, as mentiras desta qualidade deixão de ser olhadas como taes, pela mesma razão, de que se reputão geralmente conhecidas de todo o Mundo; e pelo bom fim, para que são imaginadas.

Maman me explicava os principios da Religião com toda a clareza de que elles são susceptiveis, e acostumando-me ás obrigações da Igreja compativeis com a minha idade, tinha grande cuidado de me fazer assistir aos Officios Divinos com a attenção, com que se deve estar na presença do Altissimo. Ella olhava a profanação dos Templos com tanto horror, que nós não ficavamos na Igreja mais tempo, do que o necessario para cumprirmos com as nossas obrigações, para que o enfado, a distracção, ou o costume, não produzissem em mim o mesmo effeito, que produzem em muita gente, que os destina para se occupar nelles das suas conversações; e algumas vezes de cousas mais escandalosas.

Sem se inquietar do effeito, que tinhão produzido as Novellas sobre mim, ella me deo as Memorias d'um homem de

de qualidade, e outras de Sage, que ella estimava; mas pedindo-me conta todos os dias do que tinha lido, e fazendo-me notar a ficção em muitas partes, onde ella se não póde occultar. A lição destes livros, que devia conservar-me no meu delirio, servio a desvanecer-mo pelas sabias reflexões, de que foi acompanhada. Taes erão as luzes da minha adorada Mestra, que sabía curar o mal com o mesmo veneno, que o tinha produzido.

Desvanecidos inteiramente os meus delirios, eu vivia tão contente, e satisfeita na companhia da minha amada Maman, que me julgava huma das creaturas mais felizes do Universo. O meu contentamento crescia com a esperança de passar para huma leitura mais instructiva, a qual devia logo começar, e he natural, que fizesse progressos, sendo dirigida por huma Mestra tão illuminada; mas a morte, que zomba dos projectos humanos, desconcertou os nossos, arrebatando-me esta preciosa joia, quando eu mais a precisava. Ella tomou os Sacramentos ao decimo dia da sua enfermidade, sinco dias depois fez o seu testamento, e no dia dezoito, depois de se despedir de seu

seu Marido, e de mim, como quem fazia a jornada da Eternidade, espirou com huma tranquillidade d'alma, e com huma resignação para os Decretos do Altissimo, que fizerão a admiração dos assistentes. Ella me recommendou alguns momentos antes de dar o ultimo suspiro, que me não esqueceisse da virtude. Estas ultimas palavras fizerão huma impressão tão forte no meu coração, e ficárão tão firmes na minha memoria, que se he possivel, que as Almas levem alguma lembrança desta vida transitoria para a Eternidade, a minha levará os sentimentos de gratidão, e de reconhecimento para a minha Bemfeitora, e a lembrança destas ultimas palavras, que eu não posso pronunciar ainda hoje sem chorar.

Pelo seu testamento, que se abrio logo depois da sua morte, determinava, que depois das formalidades do costume se repartissem seis mil libras por algumas pobres envergonhadas, das quaes se não tinha esquecido do modo que podia, durante a sua vida. A seu Marido deixava o juro de todo o resto, em quanto vivesse, e a mim o fundo depois da sua morte. A seu respeito determinou hum funeral simples, os estilos

los da Igreja, e doze Missas, ditas por doze Clerigos virtuosos, á escolha de seu Marido, com esmola de tres pezos cada huma. Póde julgar-se, pelo que tenho dito, da consternação, e do abatimento, em que nos deixaria a ambos a falta d'uma pessoa, que fazia toda a nossa consolação.

CAPITULO II.

Do tempo que vivi na companhia de Palomino.

ULtimadas as obrigações do funeral, e dos mais costumes da Igreja, Palomino satisfez todos os legados, sem recorrer ao dinheiro do Banco, servindo-se para isso do de seu íntimo amigo Thomaz d'Aguilar, o qual tomou tambem sobre si todo o trabalho, desde o dia do funeral, até á conclusão do ultimo legado. Desde a morte de Maman, a affeição de Palomino para mim augmentou tanto, que eramos quasi inseparaveis. Havia mais de quinze dias, que eu não abria hum livro, quando recebi os *Ultimos sentimentos dos Homens Illustres condemnados á morte*, que me entregou hum ho-

homem, a quem Maman os tinha empreſtado. A leitura deſtes livros, que eu principiei a ler, deſde o momento em que os recebi, ſervio a alliviar-me em parte da pena, que ainda me affligia com muita força, e a confirmar-me na opinião, de que os Grandes, e os que occupão os primeiros empregos dos Eſtados, não são tão felizes, como a multidão os imagina.

Acabada a leitura deſtes livros, fiquei dous dias ſem ler, na eſperança de que Palomino me entregaſſe a chave dos livros de Maman, os quaes eſtavão ainda no meſmo baú, onde ella os coſtumava ter fechados. A couſa ſuccedeo ao contrario do que eu eſperava, Palomino me perguntou, porque não lia, e ſem eſperar a minha reſpoſta, continuou: eſſa livraria, que ahi vês, he pequena, mas eſcolhida, tu achará nella as obras dos melhores Eſcritores Heſpanhoes. Feijóo, Gracian, Solis, e Cervantes, não cedem, cada hum no ſeu genero, aos mais célebres Eſcritores da Europa. Depois diſto perdendo toda a eſperança de ler os livros de Maman, que eu julgava melhores, do que os que elle elogiava, cheguei-me á eſtante, e tirei hum em oitavo, que

que ſuccedeo ſer o D. Quixote. Eu o li com grande goſto, não porque eſtiveſſe em eſtado de julgar d'uma obra, que ſe repura hoje a melhor da Europa no ſeu genero, mas porque os livros deſte goſto são regularmente agradaveis ás peſſoas da minha idade.

Depois de D. Quixote, li o Criticon, que Palomino me ſegurou valia huma livraria inteira, mas que eu achei muito inferior aos elogios deſmedidos, que elle lhe prodigava. He certo, que ſe achão eſpalhadas neſta obra excellentes Maximas moraes, mas quaſi ſempre confundidas com impertinencias inſupportaveis. O que me pareceo ſobretudo indigno da penna d'um Filoſofo, foi o bello elogio, que elle faz ao noſſo Sexo, dizendo: *que hum mal maior do que huma mulher, ſó duas, porque he mal dobrado.* Que diria elle d'uma mulher, que eſcreveſſe, que hum mal maior do que hum homem, ſó dous? O parallelo ſeria igual. Deixando as outras obras do Filoſofo Jeſuita, voltei as minhas viſtas para a conquiſta do Mexico, que me encheo d'indignação contra os Authores das crueis atrocidades, que me horroriſavão.

Ma-

Maman me tinha dito, que o Padre Bento Feijóo fôra o Filoſofo, que concorrêra mais, para tirar os Heſpanhoes da ignorancia, e das trévas, em que vivião mergulhados; e que os meſmos Francezes ſe não tinhão envergonhado de traduzir as ſuas obras. Eſta conſideração me fez voltar para o Theatro Critico, e ſuppoſto, eu não eſtava em eſtado de julgar do ſeu merecimento, não deixei de o admirar. Hum homem, que ſe eleva tanto acima dos prejuizos da ſua Nação, e do ſeu Eſtado, he quaſi hum prodigio.

Hum dia, em que eu eſtava para ſahir a paſſear ao campo com Palomino, entrou hum D. Joſé Monnano, o qual depois de nos cumprimentar com muita civilidade, diſſe voltando-ſe para elle, que hia pedir-me para caſar, não porque o tentaſſe o que eu havia de herdar por ſua morte; mas porque me eſtimava, por cauſa da boa educação, com que me tinhão creado; que elle ſabía, que eu era huma menina expoſta, mas que como elle não ſacrificava á opinião, não preferia a nobreza á verdadeira virtude; que ſabía, que eu não tinha chegado á idade nubil, (eu tinha apenas nove annos)

annos) mas que ſe a couſa ſe contrataſſe, queria concorrer para continuar a minha educação, com toda a deſpeza neceſſaria. Palomino lhe reſpondeo, que ſua Mulher lhe tinha recommendado algumas horas antes de morrer, me deixaſſe inteiramente livre a eſcolha do meu caſamento; mas que deſejava não foſſe antes de dezoito annos, para que o fogo da primeira idade me não fizeſſe fazer huma eſcolha precipitada ſobre hum objecto, que devia decidir da minha felicidade; que eu ſaberia fazer juſtiça aos ſeus merecimentos, quando a idade, e a razão me puzeſſem nas circumſtancias de eſcolher eſpoſo, no caſo que elle ſe achaſſe ainda neſſe tempo do meſmo ſentimento. Monnano quiz ainda perſuadir Palomino com alguns argumentos, mas vendo, que elle perſiſtia com firmeza, ſahio, deſpedindo-ſe com a meſma civilidade, com que nos tinha cumprimentado.

O tempo fazendo o ſeu coſtumado effeito, tinha já diſſipado huma grande parte do pezar, e do abatimento, em que me tinha deixado a morte de Maman: eu achava em Palomino hum verdadeiro Amigo, hum Pai, e hum

Con-

Consolador. Estas circumstancias começavão já a fazer-me viver contente, quando a morte veio dar-me hum golpe incomparavelmente mais sensivel, que o primeiro, privando-me deste virtuoso Protector, que fazia toda a minha felicidade. Eu o vi cahir ensanguentado ao pé de mim no campo, hum dia em que elle me tinha levado a passear, assim como costumava fazer muitas vezes. Estou morto, me disse elle, estou morto d'um tiro, minha querida Altina. Corre, vai ver se encontras alguem, que me leve para a Cidade, ou que me chame hum Confessor: vai, minha filha, vai que preciso sacramentar-me. Eu tinha ouvido tiros, que ainda continuavão, mas não via quem os dava, olhava para toda a parte, e não via huma só pessoa. Póde julgar-se, qual sería a dor, e a confusão, em que me deixaria hum acontecimento tão funesto, e tão inesperado. Obedecendo ás suas vozes, eu corri com toda a minha força para a parte da Cidade, e encontrei, depois de subir huma pequena barreira, dous homens, que subião da parte opposta, encaminhando-se para o mesmo sitio. Compadecidos da minha afflicção, e dos meus gritos, el-

elles correrão a soccorrello; e apertando-lhe, do modo que puderão, a ferida, o conduzirão nos braços até a nossa casa, que era em huma extremidade da Cidade do mesmo lado.

Eu fiz logo chamar hum Cirurgião, o qual depois de examinar, e curar a ferida, disse que ella não era perigosa. Palomino tomou os Sacramentos, não obstante a segurança do Cirurgião, e a experiencia mostrou, que obrára com prudencia, porque a ferida gangrenou de tal modo, que o levou em sinco dias. O meu Protector soube antes de morrer, que o tiro não tinha sido dirigido expressamente para elle; que tinha sido huma das balas dos soldados, que atiravão ao alvo, e que nós não tinhamos visto, porque ficavão encubertos com hum muro. A ferida era no lado esquerdo, e a bala sahio mais abaixo do sitio, por onde tinha entrado; o que era huma prova evidente de que ella declinava, quando o ferio.

Eu fiquei sua herdeira, recommendada debaixo da tutéla d'Aguillar, e com a mesma liberdade, que Maman me tinha deixado. Feito o funeral, Aguillar fez proceder a hum inventa-

rio, o qual se executou com muita exactidão. Eu fui conduzida depois disto para sua casa.

CAPITULO III.

Do muito que soffri em poder d'Aguillar, e da amizade que tomei no Porto com Paulino.

INconsolavel pela morte de Palomino, eu augmentava ainda a minha mágoa, renovando a lembrança de Maman. A contemplação do modo, porque eu tinha vivido debaixo da protecção dos dous Espostos, fazia huma impressão tão forte sobre mim, que eu me julgava a creatura mais infeliz de todo o mundo. A minha perda era na verdade irreparavel, mas a conducta d'Aguillar a meu respeito concorreo a fazer-ma cada vez mais sensivel. Vendendo todos os móveis, que me pertencião, elle não exceptuou os livros de Maman, a pezar das muitas súpplicas, e instancias, que lhe fiz, para que mos conservasse. Elle me respondeo d'um modo pouco agradavel, que os livros Francezes estavão cheios d'heresias, que os fazião perigosos não

só para as pessoas da minha idade, mas até para outras mais adiantadas; que elle tinha excellentes livros Hespanhoes, que eu podia ler, e que além disso estava prompto a comprar os que fossem necessarios para a minha instrucção. Semelhante conducta não era mui recommendavel, para me fazer estimar a sua companhia; outras muitas circumstancias concorrêrão a fazer-ma aborrecivel; e o aborrecimento augmentou, quando depois d'examinar os seus livros, não achei hum só capaz de entreter-me hum quarto d'hora.

Aguillar era hum dos homens mais contradictorios, que tem talvez apparecido sobre a superficie da terra. Bom copista, e máo pintor, elle teria imitado perfeitamente os melhores quadros de Zeuxis, e d'Apelles, se os pudesse ter á vista; mas sem modêlo, teria pintado hum mono, querendo pintar hum passaro. Para servir as pessoas, que elle suppunha da sua amizade, era capaz de vender até a ultima camiza, e expôr a propria vida; mas todos os que tinhão a infelicidade de desagradar-lhe, podião estar seguros d'um inimigo vil, falsario, aleivoso, e prompto a pôr em uso, para satisfazer a sua vingança, as-

mais negras, e as mais infames indignidades. Podia dizer-se delle o que Sylla dizia de si, que era o melhor amigo, e o peor inimigo. Sua mulher era na verdade bella, mas ao resto tão estupida, que podia olhar-se como huma besta com figura humana.

Eu passava o tempo a cozer, e a bordar na companhia deste bello par, e em huma casa, que era o theatro d'uma guerra continuada, cujos combates terminavão sempre pelo triunfo do mais forte. Havião poucos jantares, que não fossem seguidos de desterras desagradaveis. Huma palavra indifferente servia muitas vezes de pretexto a huma disputa sanguinolenta. Passava-se de resposta em resposta ás injurias, ás imprecações, e a tudo quanto o furor dos zelos, e a raiva da desesperação podião suggerir. O que m'inquietava era, que a pezar de todas as minhas precauções, eu era muitas vezes a victima destas infernaes disputas. Por cumulo de infelicidade, Aguillar quiz ensinar-me a Lingua Latina, que elle não sabía. O zelo da minha instrucção não era o verdadeiro motivo, que o animava: elle tinha outras vistas, e estas vistas consistião em buscar pretextos continuados de me castigar. Eu passei tres annos neste infeliz estudo, sem adiantar nunca hum dia mais do que outro, e soffrendo castigos, e insultos, que a prudencia, e a vergonha m'obrigão a calar.

Quatro mezes depois da morte de Palomino deixámos Sevilha, para ir estabelecer-nos a Madrid, onde passámos dous annos, e onde passariamos muito mais tempo, se hum desgosto d'Aguillar o não obrigasse a deixar a Capital, para ir assistir a S. Tiago. Aos dous mezes da nossa assistencia nesta Cidade, fui com elle ver a Corunha, e o Ferrol. Eu não podia adivinhar a causa d'um fenomeno de semelhante natureza. Querer carregar-se com o embaraço d'uma mulher, em huma jornada ainda que pequena, era o que me parecia fóra da ordem natural das cousas, reparando ao modo, por que elle me tinha tratado. Nós fizemos n'um dia a jornada de S. Tiago a Corunha; gastámos tres a ver esta Cidade, e o Ferrol, e voltámos no quinto outra vez a S. Tiago. Era já noite, quando entrámos na Cidade, e achámos fechada a porta da nossa casa. Depois de batermos algumas vezes, sahio o cria-

criado d'uma casa visinha, o qual nos disse, ao entregar-nos a chave, que sua mulher tinha sido enterrada no dia antecedente, morta de veneno; que a criada estava presa, e que jurava, e protestava, que o veneno, que matára sua ama, só podia estar n'uma caixa de doce, que ella comêra só, porque de todos os mais mantimentos tinhão comido ambas, e que ella não experimentava algum damno. O criado se recolheo outra vez para casa de seu amo.

O discurso deste criado deixou Aguillar confuso, e indeciso do que faria. Depois de alguns momentos de reflexão abrio a porta, despedio o arrieiro, e disse-me que era indispensavelmente necessario, que deixassemos S. Tiago naquella mesma noite, para não soffrer algum insulto da Justiça de Galliza, a qual elle dizia era a mais barbara, e a mais indigna de todo o Mundo; que não queria expôr-se a perder tudo o que tinha, e talvez a algum accidente mais desagradavel. A isto ajuntou, que como nós hiamos para Portugal, onde ninguem me conhecia, seria bom que eu fosse vestida d'homem, porque com este traje podia ir ás Escolas Públicas instruir-me á minha

nha vontade, e gozar de toda a liberdade, de que gozão os homens. Eu não hesitei hum só momento a acceitar huma proposição, em que se me fallava de liberdade. Tomadas as nossas medidas, elle foi alugar bestas, e comprar os vestidos necessarios para a minha mudança; as cousas forão dispostas com tanta brevidade, que sahimos na mesma noite, dirigindo-nos á raia. Na manhã seguinte chegámas a Ponte-Vedra, e no mesmo dia passámos o Minho, e fomos dormir a Valença, primeira povoação de Portugal.

Salvos, e seguros do perigo imminente, que corriamos em terras de Galliza, fizemos o resto da jornada, que dirigimos para o Porto, com mais tranquillidade. Eu passei perto de quatro mezes, depois que nos estabelecemos nesta Cidade, sem gozar de mais liberdade, do que gozava antes da mudança apparente de sexo. He verdade que eu não era tratada com a antiga aspereza; mas esta mudança era menos o effeito do papel, que eu apresentava, do que dos remorsos, que devorando Aguillar, lhe fazião suppôr, que occultava huma parte do seu crime, tratando-me com mais affabilidade. Hum

dia

dia que eu estava encostada a huma janella occupada destes pensamentos, vi hum gato lançando-se sobre huma perdiz, na mesma sala onde Aguillar trabalhava, cuja sala era o armazem geral de toda a casa. Eu lhe descarreguei huma arrochada, para que largasse a preza, mas com tanta incerteza, que o errei, e fiz cahir huma garrafa, que estava ao pé delle; e esta maldita garrafa rasgou o mais bello painel, que Aguillar tinha pintado.

A afflicção, que me causou este infeliz successo, era já huma pena mais do que sufficiente para me punir d'um crime involuntario; e que até deixava de ser crime, reparando ao zelo que o tinha originado. Aguillar pensando d'outro modo, se levantou enfurecido, e buscando, eu não sei o que, para instrumento do meu castigo, jurou lançando fogo pelos olhos: *bóto a vivos que te porei mais . . .* Sem esperar a continuação do discurso, tomei a escada de dous saltos, e sahi para a rua com tanta precipitação, que lançei por terra huma mulher, que passava casualmente diante da porta. Eu corri algumas ruas da Cidade sem capote, sem chapeo, e com vestidos destinados unica-

camente para o uso de casa, melancolica, pensativa, e incerta do destino, que tomaria; mas com huma resolução firme, e determinada de não voltar mais para poder d'Aguillar.

Eu tenho recebido alguns revezes da fortuna, mas nenhum delles destinado a perder-me inteiramente; porque no mesmo tempo em que ella parecia querer abater-me com huma mão, era sempre vigilante a sustentar-me com a outra. Perdendo a minha amada Maman, eu tinha ficado herdeira dos seus bens, e sustentada por hum consolador tal como Palomino: com a perda deste passei para o poder d'um tyranno; mas este mal, na verdade grande, era balançado pela certeza de gozar á idade de dezoito annos da minha liberdade, e d'uma herança mais do que sufficiente para sustentar-me com decencia. Eu tive a felicidade, quando fugia ao furor d'Aguillar, de encontrar Paulino, hum sujeito que me conhecia, e que na triste conjunctura, onde eu me achava, era para mim hum Anjo tutelar. Perguntando-me a causa, que me conduzia daquelle modo por alli, eu lhe contei fielmente o que me tinha succedido, com hum discurso misturado

de

de lagrimas, e cortado de suspiros. Elle se compadeceo da minha afflicção, e não esqueceo nada do que podia lembrar-lhe para consolar-me: quiz que eu o acompanhasse para sua casa, onde jantei com elle; e depois sahio a cuidar dos seus negocios.

Eu fiquei a ler junto da sua bibliotheca, a qual era pequena, mas escolhida; e elle ao recolher-se para casa, fez huma visita a Aguillar, para sondar o animo de que o achava a meu respeito. O painel rasgado deo motivo para a conversação, na qual Aguillar contou o caso d'um modo tão feio, que fazia conhecer o furor, e a raiva, que ainda o devoravão; ajuntando, que me destinava hum castigo, que me fizesse lembrar por muito tempo do damno, que tinha causado. Paulino quiz mitigallo, dizendo-lhe, que os castigos não produzião quasi nunca o effeito, que os Pais, e os Mestres se propunhão, que a moderação, a affabilidade, e o exemplo erão meios incomparavelmente mais efficazes, que todo o homem, que quizesse ensinar os seus filhos, prégando-lhes o amor da virtude, e o horror dos vicios, juntos com exemplos de furor, e de vingança, não podia fazer mais do que depravallos. Mu-

Mudando a apparencia do sexo, eu tinha tambem mudado o nome d'Altina no de José d'Aguillar, para deste modo representar melhor a farça de seu filho. Olhada como tal por Paulino, assim como pela mais gente, que nos communicava, elle se despedio, dizendo-lhe, que se lembrasse de que eu era seu filho, e de que o meu delicto era involuntario. Paulino não quiz perder mais tempo inutilmente. Elle conhecia os homens, e sabía que o valor do painel, que estava justo em dez moedas, era mui grande para lhe deixar dar tão cedo ouvidos á razão. Em virtude desta consideração, resolveo de lhe não fallar mais de mim, até que o tempo lhe fizesse mudar o furor em compaixão.

Eu lia com tanta attenção n'um tomo da Historia d'Inglaterra por Hume, quando Paulino entrou, que o não senti, senão quando chegou ao pé de mim: admirado de que eu soubesse o Inglez, a sua admiração augmentou, vendo, que eu sabía tambem o Italiano, e o Francez. Olhando como huma raridade, que o filho d'um Pintor soubesse quatro Linguas na idade d'onze annos, elle quiz saber aonde eu as tinha aprendido. Eu

lhe

lhe reſpondi, que as tinha aprendido em Sevilha, o Francez, e o Inglez com huma Irlandeza, e o Italiano com ſeu marido, os quaes ſuppoſto não tinhão comigo relação alguma de parenteſco, erão tão bons, que me tinhão enſinado ſem mais idéas d'intereſſe, do que o deſejo de fazer bem. Eu queria dizer-lhe mais, mas fui obrigada a calar me, com o temor de comprometter hum ſegredo, no qual eu era ainda mais intereſſada, do que Aguillar.

Eu paſſei oito dias em caſa de Paulino, tratada com huma affeição, e com huma affabilidade, que augmentavão cada dia. As couſas ſuccedêrão, como elle as tinha meditado. Aguillar deſeſperando de achar noticias minhas, começava a formar idéas triſtiſſimas do meu deſtino, julgando-me affogada, ou devorada pelas féras; e eſtas idéas, que a ſua imaginação agigantava, o tornavão inconſolavel. Paulino vendo que a occaſião era favoravel, convidou hum amigo ſeu, para que me acompanhaſſe para caſa, inſtruido primeiro do modo, por que ſe devia conduzir.

Como a minha volta para caſa ſe fazia com menos precipitação, do que

a ſahida, nós eſperámos, que anoiteceſſe, e chegámos em occaſião, em que Aguillar eſtava ainda ſem luz, circumſtancia, que o meu Conductor eſtimou muito, porque favorecia os ſeus projectos. Depois d'um curto cumprimento, elle lhe diſſe, que hia alli ſómente para m'acompanhar, que eu tinha eſtado em caſa d'um amigo ſeu, que me tinha tratado com eſtimação, que ſe quizeſſe informar-ſe mais miudamente d'alguma couſa, com ninguem o podia fazer melhor do que comigo: dito iſto, ſahio dando por deſculpa da brevidade da viſita hum negocio de importancia, que o apreſſava.

A primeira couſa, que Aguillar me perguntou, logo que ficámos ſós, foi onde tinha eſtado, e o que me tinha ſuccedido deſde o momento, em que ſahíra de caſa. Eu lhe reſpondi, que tinha eſtado n'uma caſa, onde me receberião com a meſma vontade outra vez, no caſo que nos deſconcordaſſemos, que ſobre o reſto podia eſtar ſeguro de que lhe não diria mais nada. A iſto ajuntei, que eu vinha para ſua caſa, com a condição de gozar da minha liberdade, aſſim como elle mo tinha dito na fatal noite de S. Tiago,

que para ficar mettida em caſa como antes, era para mim indifferente eſtar veſtida com calções, com ſaias, ou com huma tunica. Não me eſqueceo dizer-lhe, que eu eſtava prompta a tratallo com acatamento, e reſpeito, e a pagar-lhe a perda do painel. Tudo iſto foi dito com hum tom de firmeza, que moſtrava, que eu era capaz de tomar huma reſolução prompta, no caſo de ſer contrariada.

O meu animo, me diſſe elle, nunca foi de te privar da liberdade, ſe eu te tenho prohibido até agora o ſahires ſó, he porque temia as más companhias, principalmente dos rapazes da tua idade, que são ſempre inquietos, e perigoſos. Eu conſinto em que ſaias, todas as vezes que quizeres, com tanto que não frequentes, ſenão peſſoas de probidade. A iſto reſpondi, que a ninguem podia intereſſar mais a minha conducta, do que a mim meſma; e que eu fazia tenção de que ella foſſe tal, que não pudeſſe deshonrar-me. A converſação durou ainda muito tempo, e terminou inteiramente a meu favor.

Eu comecei a ſahir os dias ſeguintes, dirigindo quaſi todas as minhas vi-

viſitas para caſa de Paulino, o qual tomou o trabalho de enſinar-me o Latim, e com tão bom methodo, que em ſeis mezes cheguei a entender paſſavelmente Virgilio, e Horacio. Eſte ſabio Mentor dirigio inteiramente os meus eſtudos, acompanhando-os com excellentes conſelhos, todo o tempo que fiquei no Porto. As ſuas maximas erão tão ſemelhantes ás de Maman, que eu tive muitas vezes difficuldade a reter as lagrimas, que me excitava a terna lembrança da minha adoravel meſtra. Longe de ſe aſſemelhar aos Moraliſtas auſteros na theoria, e corrompidos na prática, elle inſtruia tanto com os exemplos, como com as palavras.

Hum dia em que elle, dous amigos ſeus, e eu converſavamos no ſeu quarto, ouvimos bater na eſcada, e ſem dar tempo a que ſe foſſe ver quem era, entrou Bertina, huma donzella gentil, bella, e agradavel, acompanhada com huma criada. Achando mais companhia do que ella imaginava, não pôde deixar de fazer-ſe encarnada; mas não obſtante iſſo, teve a prompta lembrança de dizer, que paſſando a fazer huma viſita, ſobia a pedir-lhe lhe fizeſſe entre-

gar

gar huma carta a seu parente R***, ao qual tinha escrito tres, sem receber huma só resposta, ou porque lhas interceptassem, ou por outra causa, que ella não podia conhecer; que esta resposta era relativa a hum negocio importante, que a interessava. Ella se despedio depois de dar o seu recado, e Paulino acompanhando-a até a escada, a segurou de que faria com gosto, o que ella lhe recommendava.

A visita inesperada de Bertina deo materia para huma nova conversação. Os dous amigos, que sabião já por algumas antecedencias, que ella o amava, começárão a dizer-lhe, que dava Deos as nozes a quem não tinha dentes, conhecendo a indifferença, com que elle a tratava, e continuando a investillo a respeito da fortuna, que desprezava, chegárão a ponto de dizer-lhe, que ella, e os que conhecessem a sua fraqueza, o julgarião mais proprio para guardar o serralho de Sofi, ou do Gran-Turco, do que para viver na sociedade. Elle respondeo com muita tranquillidade, sem se inquietar dos discursos dos taes amigos, que Bertina julgando-o em circumstancias de casar com ella, fazia todos aquelles excessos, para

ra o conduzir aos seus desejos; mas que elle, cujos sentimentos erão inteiramente oppostos, não devia abusar da sua credulidade para a corromper; e que não trocava, pelos curtos prazeres d'alguns momentos, os remorsos perpetuos de ter causado a sua perdição; que o valor destes prazeres devia diminuir bastante, lembrando-se de que para os conseguir, era necessario affirmar-lhe, que a amaria eternamente, que lhe guardaria huma fidelidade perpétua, e outras muitas expressões de semelhante natureza; e tudo isto no mesmo tempo em que o seu coração lhe estaria dizendo interiormente, que aquellas expressões erão a linguagem da traição, e da aleivosia.

Não imiteis, lhes disse elle, não imiteis os corruptores de profissão, que, sem a mais pequena sombra de pejo, escrevem com veneno de vibora expressões ternas, que nunca sentirão, para corromperem alguns corações innocentes, os quaes, por ignorarem os seus enganos, cahem nos vis laços, que elles lhes tecem, pagando as suas credulidades por damnos, e perdas irreparaveis. Estes monstros ignorando que os verdadeiros prazeres do amor

só podem ser gozados por corações unidos, e fiéis, julgão poder gozar o que não conhecem, e augmentar a sua gloria, augmentando o número das victimas, sacrificadas ás suas infames aleivosias.

Para cumulo da maldade, elles julgão perdida a sua gloria, se as suas boas fortunas ficão no silencio; principio, que os conduz a fazer pública a lista das suas conquistas, condemnando por este modo ao desprezo, e ao opprobrio as infelizes victimas dos seus appetites.

Não deve perdoar-se aos primeiros homens a grande injustiça de quererem, que as mesmas acções, que se reputavão nelles indifferentes, fossem seguidas no sexo mais fraco do desprezo, e do opprobrio. Se a causa não fosse decidida pela força, sobre quem deveria cahir este opprobrio, sobre o enganador, ou sobre o enganado? Não deve admirar, que estes abusos fossem adoptados pelos Póvos barbaros, e ignorantes, que attribuião sempre a causas estrangeiras as horriveis consequencias, que os seguião; mas parece o extremo da inconsequencia, que a Europa, que se crê illuminada, continue a julgal-

gallos necessarios, depois de milhares d'exemplos, que provão quanto elles são perniciosos á ordem social, e aos interesses da Humanidade. Estes, e outros muitos prejuizos da mesma, e de differente natureza, provaráõ invencivelmente á Posteridade, que os progressos das nossas luzes estão ainda bem longe de chegar ao estado, onde nós já os reputamos.

Se ha alguma cousa, disse Alexandre, (hum dos dous amigos da companhia) se ha alguma cousa entre as instituições dos Antigos, que mereça superiormente a nossa admiração, e os nossos elogios, he esta submissão, a que reduzírão as mulheres, privando-as d'uma parte da sua liberdade, e unindo idéas d'opprobrio, e de ignominia á perda desta virtude, que faz o seu principal ornamento. Se ellas fossem postas em tudo ao nivel dos homens, que gozassem da mesma liberdade, e que não tivessem hum obstaculo mais forte, que se oppozesse aos seus appetites desordenados, a igualdade, e a mistura dos dous sexos produziria a corrupção total dos costumes, e a corrupção dos costumes a desordem, e a confusão das Sociedades.

Se eu visse, que huma só Nação tratava as mulheres com esta desigualdade, e que entre todos os outros Póvos da terra gozavão dos mesmos privilegios, de que gozão os homens, eu diria, que esta Nação as tratava com injustiça; mas se eu observo, que na China são separadas da vista do Público, privadas de liberdade, e reduzidas quasi a nada; que na Turquia, na Persia, e em outras muitas partes da Asia, e da Africa são escravas, e em muitas destas partes escravas por hum principio de constituição; se eu vejo, que os salvagens as tratão por toda a parte com o ultimo desprezo; se eu as vejo em fim universalmente submettidas, devo concluir desta universalidade, que ellas devem de direito natural ser submettidas aos homens, e constrangidas, por todas as sortes de meios, a conservarem o pudor, com que a Natureza as distinguio tanto delles. Alguns Filosofos tem mostrado, não só, que as mulheres são improprias para cultivar as sciencias, mas tambem, que não he conveniente, que ellas as cultivem.

Os Filosofos, respondeo Paulino, que pensão desse modo, bem longe de entrarem na indagação da verdade, com a imparcialidade de que se jactão, caminhão tão prevenidos, que he impossivel, que a prevenção os não conduza pelos caminhos dos abysmos, e dos erros. Se lançamos os olhos para o vasto campo, que nos offerece a Historia, veremos que as mulheres derão em differentes tempos exemplos innumeraveis de heroismo; humas vezes combatendo com as armas na mão, com tanto valor, como o podem fazer os mais animosos soldados; outras sacrificando a vida, para vingarem os maridos, a sua honra, ou para a salvarem. Se as buscamos pela parte das letras, achamos que ellas tem adquirido em differentes Seculos conhecimentos, como os homens, e ensinado as sciencias em cadeiras públicas.

Entre as mulheres, dizem os Filosofos, que as atacão, não apparecêrão ainda destes genios ratos, que fazem honra á humanidade, assim como Des-Cartes, Newton, Leibnicio, &c. Se comparando o pequeno número de Genios inventores, com os milhões d'homens, que se tem applicado ás letras, buscarmos a mesma proporção a respeito das mulheres, acharemos, que Hypacia só

só (com a invenção do Areometro, que os maiores Fysicos não puderão adiantar ainda nada do ponto de perfeição, onde ella o deixou) basta para fazer inclinar a balança da parte do seu sexo.

A unanimidade universal de todos os Póvos a respeito da submissão das mulheres não prova nada contra ellas. O partido dos homens he sempre o mais forte entre todos os Póvos, e todo o mundo sabe, que o partido mais forte prevalece em toda a parte.

He certo, que o pudor nas mulheres he regularmente mui superior ao que se acha nos homens; mas he hum grande erro attribuir á Natureza a obra da educação.

Eu concordo em que he util obrigallas a conservar o pudor, e a virtude; mas he tambem necessario conter os homens por obstaculos igualmente fortes. A primeira fraqueza d'uma mulher he quasi sempre procedida da boa fé, que a faz crer na palavra d'um aleivoso; e ella he punida a pezar desta desigualdade, com a perda da estimação pública, o mais forte de todos os castigos; entre tanto que o enganador, que tem a malicia de

a arruinar, continúa a gozar da mesma consideração, de que gozava antes disso.

Moliere, e Despreaux ridiculizárão muito as mulheres; ellas tem defeitos, eu o confesso, mas os homens tambem tem a sua parte. Se as mulheres são regularmente mais sujeitas á vaidade, e aos caprichos, não, não insultemos por isso a natureza, attribuindo-lhe a obra da nossa baixeza: as adulações continuadas, com que nós as enganamos, são a principal causa da maior parte dos seus defeitos.

CAPITULO IV.

Reflexões de Paulino sobre a Politica.

SE a Politica, disse Paulino, he a sciencia augusta, interessante, e necessaria, de fazer a felicidade dos Póvos, e a prosperidade dos Estados, devemos concordar, que nem os Antigos, nem os Modernos conhecêrão ainda perfeitamente os seus verdadeiros principios. Os Egypcios, os Assyrios, os Fenicios, e outros Póvos da antiguidade, tinhão alguns costumes, e Leis

boas,

boas, confundidas entre innumeraveis fabulas, e superstições grosseiras, contrarias á prosperidade, e aos interesses geraes da Humanidade.

A Grecia no tempo da sua grandeza nos offerece hum quadro mais sublime, e mais interessante. Algumas Sciencias chegadas ao uso da razão, a Pintura, a Escultura, a Architectura, e outras muitas Artes cultivadas com gosto, e com successo, o Theatro fazendo progressos, e a Arte da guerra reduzida a principios, obrigão á admiração, e ao espanto, se reflectirmos sobre a rapidez dos seus progressos, relativamente aos tempos d'ignorancia, e de barbaridade, que lhes precedêrão.

Mas a cultura das Sciencias, e das Artes, o embellecimento das Praças, o gosto dos Theatros, embaraçárão, que os Athenienses fossem quasi sempre infelizes? Não se vio a virtude calcada aos pés, e opprimida no mesmo tempo, em que a tyrannia arvorava publicamente os seus troféos? Deixou a sua constituição de ser defeituosa, sujeita a revoluções, á decadencia, e a huma ruina total?

Lycurgo dando Leis aos Espartanos tinha olhado a igualdade, como o prin-

principio fundamental do seu Systema: As comidas públicas, a maceração dos rapazes ao pé dos Altares, muitas vezes até á morte, e as donzellas dançando públicamente nuas, podião ter alguma cousa de bom, em relação ao objecto, e ás circumstancias do seu Plano; mas o desprezo, e o envilecimento unidos á agricultura, e aos trabalhos de primeira necessidade, devião fazer a sua constituição pouco segura.

A enorme differença entre os Senhores, e os escravos, e a dureza, e barbaridade, com que estes ultimos forão sempre tratados, não devião despertar nos Espartanos a idéa de desigualdade, e fazellos soberbos, e altivos? Arbitros da Grecia não buscárão elles a entreter a divisão entre todos os Póvos, conduzindo-se por vistas de ambição, e de soberba?

Alguns Filosofos olhão o governo de Esparta, como chéfe d'obra da sabedoria humana. Lycurgo tinha providenciado por excellentes Leis muitos dos abusos, que produzem a ruina dos Estados. O amor da patria, e da liberdade, o endurecimento para os trabalhos marciaes, e o desprezo do luxo, merecem na verdade os nossos elogios; mas

as

as Leis, que fazião morrer as creanças, que nascião fracas, com algum defeito, ou mal constituidas, e que prohibião aos escravos de queixar-se de quaesquer insultos, ou tratamentos, que lhes fossem feitos, e de comparecer diante da Justiça, não insultavão ellas abertamente a Natureza?

Deixemos a Grecia, e vejamos os Romanos, que conquistárão quasi todo o mundo conhecido no seu tempo, e que derão as suas Leis, e os seus costumes á maior parte dos Póvos conquistados. Romulo á frente d'uma tropa de criminosos, de banidos, e de gente sem lei, e sem costumes, lança os primeiros fundamentos da Capital do Mundo, que consagra ao Deos da Guerra, e onde recebe toda a qualidade de gente, até os mesmos escravos. Pouco escrupuloso na escolha dos meios para conseguir os fins, que se propõe, elle publica humas festas, ás quaes os Póvos da visinhança correm em multidão. Os Romanos lhes arrebatão suas filhas á mão armada, no meio do divertimento dos espectaculos, quando elles se julgavão em segurança, fiados na fé pública.

Em lugar de fazer Leis, que regu-

gulassem a administração da Justiça, Romulo instituio o Direito de patronage, pelo qual os Plebeos podião escolher Patronos entre os Patricios, que os defendessem nos seus processos civis, e criminaes. Servio Tullio foi o primeiro Rei de Roma, que publicou Leis civis, mas Tarquino, o Soberbo, que o fez assassinar, e que lhe succedeo no Throno, revogou tudo o que elle tinha feito. Roma gemia debaixo da tyrannia de Tarquino, quando o insulto feito por seu filho Sexto a Lucrecia, e o cadaver sanguinolento desta Matrona, despertárão os animos dos Romanos, que o expulsárão do Throno, e de Roma.

Os Senadores tomárão as redeas do Governo, succedendo-se huns aos outros de cinco em cinco dias, com o titulo de Entre-Rei. Depois disso elegêrão dous Magistrados, os quaes revestidos de grande authoridade devião governar por espaço d'um anno, com o titulo de Consules. Tarquino ligado com alguns Póvos inimigos dos Romanos vem cercar Roma, e intenta restabelecer-se sobre o Throno. Os Patricios, que conhecião, de que consequencia lhes era interessar o Povo na conservação

da

da Republica, buscárão todos os meios d'affabilidade, fazendo-lhe esperar hum governo feliz, em quanto se virão ameaçados dos perigos. O levantamento do cerco de Roma, desvanecendo o temor do Senado, mudou a sua affabilidade em tyrannia; e o Povo opprimido conheceo, que mudando a fórma do Governo, tinha substituido muitos tyrannos a hum só.

Os Consules restabelecêrão as Leis sobre os contratos, mas em tudo o mais a administração da Justiça continuou a ser arbitraria, e o Direito de patronage se estendeo cada vez mais, porque as contestações entre os Cidadões devião augmentar-se á proporção que elles se multiplicavão. Esta infeliz Instituição fazendo passar a maior parte do Patrimonio dos Plebeos, para os Patricios, e augmentando o seu credito, e o seu partido pelo grande número de Clientes, veio a ser huma das principaes causas da decadencia da República.

Huma Sociedade composta d'homens taes, como erão os primeiros Romanos, devia necessariamente ser marcada com o sello da perfidia, e da crueldade. De sete Reis cinco forão ou assassi-

sinados, ou depostos, e desde o estabelecimento do Consulado, até a retirada do Povo para o Monte Sagrado, póde dizer-se, que não houverão senão motins, desordens, e calamidades. A retirada para o Monte Sagrado produzio a abolição das dividas, e a creação dos Tribunos do Povo, que se fizerão logo os inimigos declarados do Senado.

Os Tribunos pedirão Leis, e o Senado resistio por muito tempo, mas sendo por fim obrigado a ceder, mandou vir as Leis da Grecia, e nomeou dez Commissarios tirados da sua ordem, para fazer a compilação, e escolha das Leis Gregas, e Romanas, e augmentar as que elles julgassem mais proprias ao estado, e ás circumstancias da República. Os Decemviros cumprirão tão bem com a sua commissão, que o Povo achou as Leis admiraveis. Dinis d'Halicarnasso, Tito Livio, e outros muitos Escritores, dão os mais desmedidos elogios a estas Leis das doze taboas. Havião na verdade muitas Leis boas entre ellas; mas tambem havião algumas dignas da execração da Humanidade. As que determinavão, que o devedor, que não tivesse com que pagar,

gar, paſſaſſe debaixo da eſcravidão do Crédor, e que o que tiveſſe muitos, foſſe feito em pedaços, e repartido entre elles, só podião ſer forjadas por algum inimigo irreconciliavel da Humanidade.

Mudou-ſe a fórma do Governo, e em lugar dos dous Conſules ſe encarregárão os meſmos Decemviros da Magiſtratura, que devia do meſmo modo ſer annual. Elles ſe conduzírão o primeiro anno com tanta prudencia, e moderação, que merecêrão a reconducção para o ſeguinte. Longe de ſe moſtrarem, como no primeiro, juſtos, e moderados, elles poſtergárão o reſpeito das Leis, e as mais ſagradas obrigações da República, e da Humanidade. Não havia para elles mais juſtiça do que os ſeus caprichos, e os dos ſeus valídos: enſoberbecidos os primeiros da ſua authoridade, e os ſegundos do ſeu valimento, tratavão com a maior indignidade todos os Cidadãos, que tinhão a infelicidade de lhes deſagradar.

Roma gemia na oppreſsão, e no abatimento, quando Appio, o primeiro dos Decemviros, diſtribuindo a juſtiça na Praça, vio paſſar Virginia donzella Romana, que hia ás Eſcolas públicas. Appio namorado da ſua formoſura, e não

não achando outro meio de a poſſuir, inſtruio Claudio, hum exempto do ſeu valimento, para que lha pediſſe em juſtiça, debaixo de pretexto de ſer filha d'uma ſua eſcrava. Não obſtante ſer eſta donzella filha de Virginio, e de ſua legitima mulher, reconhecida por hum grande número de Cidadãos, hia paſſar debaixo do poder do infame Magiſtrado, quando Virginio, que na alternativa fatal de ver ſua filha deshonrada, ou morta, eſcolheo o ultimo partido, e foi elle meſmo o ſeu aſſaſſino. O cadaver ſanguinolento da infeliz Virginia produzio huma ſublevação geral. Os Exercitos, que eſtavão em campanha, vierão a Roma; expulſarão-ſe os Decemviros, e reſtabeleceo-ſe o Conſulado.

O Direito de patronage hia perder-ſe pela publicação das Leis das doze taboas; mas os Patricios ſempre vigilantes ſobre os ſeus intereſſes, involvêrão eſtas leis com tantos ritos, fórmulas, e ceremonias, que a ſua applicação ficou ſendo impoſſivel aos Plebeos, porque os Patricios fizerão ſempre hum ſegredo deſtes ritos, e deſtas fórmulas; e ainda depois que Flavio as fez públicas, inventárão outras differentes, e pa-

para que não tivessem a mesma sorte das primeiras, disfarçarão-as debaixo de cifras, e pontuações, que para isso imaginárão expressamente. Testamentos, contratos, processos, e todas as sortes de negocios, que os Cidadãos podião ter, erão sujeitos a estas fórmulas, e a estes ritos. Se faltava alguma palavra, tanto na celebração dos contratos, como quando as partes comparecião diante do Magistrado, tudo era nullo, e inválido. Os Patricios chegárão a malicia a tal ponto, que bastava a falta d'uma única palavra, ou que ella não fosse pronunciada segundo as circumstancias estabelecidas, para invalidar os mais provados, e os mais authenticos contratos; e isto ainda nos casos, em que as Leis erão claras, e determinantes.»

Todas estas invenções equivalêrão bem para os Patricios ao defeito de Leis. O que ha digno d'admiração he, que os Tribunos do Povo sempre vigilantes a embaraçar os intentos dos Patricios, deixassem introduzir estas fórmulas, tão contrarias aos interesses do Povo. He verdade que cessárão de ser secretas, logo que os Plebeos chegárão ás primeiras Dignidades; mas acostumados a ellas desde dous seculos, longe

ge de as imaginarem abusivas, olhavão-as já como a base da sua Jurisprudencia. Alguns Jurisconsultos desabusados clamárão contra estes abusos, tão contrarios aos interesses da República; mas quando se ataca algum systema geralmente recebido, as mesmas luzes se tornão trévas, que embaração a multidão de ver claro, até nos objectos que mais a interessão.

» Os Pretores quizerão remediar aos abusos introduzidos no Direito civil, corrigindo as Leis, e augmentando-as, o que fazião, passando muitas vezes do direito estricto, e do rigor á equidade; mas como elles erão obrigados a jurar, entrando na Pretura, a observancia das Leis, e dos principaes Edictos dos Pretores, que os precedião, estas mudanças erão sempre feitas debaixo de nomes disfarçados; o que augmentava a confusão, e a inconsequencia.»

O Direito Pretoriano confundido com o Direito civil, e com as decisões dos Jurisconsultos, tem sido a fonte, onde a Europa bebeo a sua Legislação, e he ainda hoje o objecto do estudo, e da applicação das nossas Academias. Ao Direito romano nós juntamos o Direito ecclesiastico, e estas Legislações

já tão difficeis a combinar, forão confundidas com as gloſas, e commentarios de milhares de Eſcritores.

A applicação á agricultura; o amor da Patria, e da Liberdade; o reſpeito, e a força do Juramento; a facilidade, com que a Pobreza podia chegar ás primeiras Dignidades, com tanto que foſſe acompanhada de virtude; os exercicios do Campo de Marte; a exactidão da diſciplina militar; a experiencia continuada da guerra; a repartição dos deſpojos dos vencidos; as Coroas civicas; os Triunfos; a conſtancia a ſoffrer as infelicidades ſem abatimento; a habilidade a fazer dos Póvos vencidos alliados, e a conquiſtar huns com o ſoccorro dos outros, evitando de fazer duas guerras juntamente, forão as verdadeiras cauſas, que produzírão a grandeza, e a proſperidade da República.

Os pobres paſſando debaixo das cadeias dos ſeus Concidadãos, ſoffrendo tratos barbaros, e indignos, e muitas vezes depois de terem combatido com gloria pela defenſa, e pela liberdade da Patria; os Patricios buſcando todos os meios d'abater o Povo, e o Povo para ſe deſonerar, ſempre oppoſto aos Pa-

Patricios; as Leis agrarias as mais uteis, e neceſſarias para a conſervação da República, quaſi todas as deſpezas deſde a ſua publicação, e não produzindo regularmente outro effeito mais, do que a morte dos Conſules, ou Tribunos que as propunhão, que o Senado fazia morrer occultamente, ou nos motins; o Senado corrompido ao ponto de vender ao Rei Jugurtha a impunidade dos ſeus crimes, até contra as meſmas Legiões da República; as Provincias gemendo debaixo da rapacidade dos Pretores, dos Proconſules, e dos ſeus validos, que as eſgotavão por todas as ſortes de exacções; o luxo, e as riquezas dos Póvos conquiſtados, corrompendo os ultimos reſtos dos coſtumes dos Romanos; os Grandes, e alguns Particulares, abſorvendo todas as riquezas, e envoltos no mais deſordenado luxo, no meſmo tempo em que a multidão dos Cidadãos gemia cheia de miſeria, e de pobreza; » as campanhas de Roma, e d'Italia reduzidas a caſas de campo, a jardins, e a boſques de recreio, ou mal cultivadas por eſcravos, aos quaes os Nobres ſeus Senhores, depoſitarios da adminiſtração da Juſtiça, deixavão fazer im-

punemente o officio de salteadores, pagando-lhes por este modo indigno do seu trabalho, » taes tem sido as injustiças, as desordens, e as calamidades, que opprimirão os Romanos, até no meio das victorias, e dos triunfos.

Eu me tenho dilatado muito com os Romanos, conquistadores do Mundo, e modelos dos Póvos, elles são dignos das nossas reflexões. Se seguindo a historia dos seus progressos, e da sua decadencia, tivessemos imitado entre as suas Leis, e instituições, tudo o que os tem feito florecer, e produzido a sua grandeza, fugindo das causas das suas desordens, nós seriamos necessariamente mais felices; e o nosso Seculo mereceria com mais justos titulos ser chamado illustrado, e de Filosofia.

Qual he entre todas essas Nações, que se crêm tão illuminadas, a que por hum systema sábio, justo, e consequente, se tem sinceramente occupado dos interesses dos Póvos, e da sua subsistencia? Que por huma Legislação sábia, e meditada tem buscado todos os meios possiveis d'evitar os homicidios, os roubos, e todas as qualidades de crimes, atacando-os nas suas primeiras origens, e fazendo os homens applicados,

dos, laboriosos, inimigos dos vicios, inclinados á virtude, ao amor da Gloria, e da Patria? Que protegendo a Agricultura, a Povoação, e todas as Artes necessarias, tem calcado aos pés os vicios, que costumão fazer a infelicidade dos Póvos, e a ruina dos Estados? Que pela repartição sábia dos Empregos, pela boa administração da Justiça, e pela distribuição dos impóstos justa, e relativa ás faculdades dos contribuentes, tem justamente adquirido o amor, o respeito, e a estimação dos Póvos? Que fazendo dos soldados Cidadãos, tem determinado pela bondade dos seus regulamentos huma disciplina militar, digna de fazer dos exercicios da paz os verdadeiros ensaios da guerra? A Inglaterra superior a muitos respeitos a todo o resto da Europa, tem sábiamente evitado esta multidão de Magistrados, e Gentes de justiça, que inundão quasi todos os outros Póvos, e que são os seus verdadeiros tyrannos, fingindo que os servem. A Instituição dos Jurados he digna d'elogios, e a Inglaterra, huma das Nações, onde a administração da Justiça he a menos arbitraria, tem algumas Leis boas, misturadas com outras, mais dignas

gnas do tempo d'Alfredo, que do Seculo XVIII. Ella protegeo a Agricultura, as Artes, e o Commercio; mas os meſmos principios, que devião produzir a felicidade, forão a origem do mal. Hum número prodigioſo de Cidadãos correo ás Artes, as Manufacturas proſperavão por algum tempo; mas o número dos Artiſtas augmentou tão exceſſivamente, que as obras manufacturadas forão ſuperiores ao ſeu conſumo; as Fabricas começárão a declinar, e milhares de Cidadãos forão reduzidos á mendicidade, e á miſeria. A Inglaterrra não póde ainda evitar o ver as ſuas Praças cubertas de mendigos, e infeſtadas de ladrões.

França, a patria das Sciencias, e o paiz proprio para a producção de couſas grandes, teria feito progreſſos vantajoſos, e dado talvez as Leis ao Mundo, ſe não tiveſſe cahido em tão grandes erros politicos. Enfraquecida pelas guerras de Religião, a ſua ſorte hia mudar pela elevação de Henrique IV. ao Throno; mas eſte Principe, naſcido para fazer as delicias dos ſeus vaſſallos, foi aſſaſſinado, e teve apenas tempo para moſtrar os bons deſejos, que o animavão. Luiz XIII., ou verdadeiramente Richelieu

lieu para atacar os privilegios, e as prerogativas da Nobreza, que podião ſer contrarias aos intereſſes regios, principiou chamando-a á Capital, onde a corrompeo com o luxo, e acabou reduzindo-a ao abatimento. Luiz XIV. que ſ'admira ſem razão, porque alguns Homens de letras, que elle protegeo, lhe prodigárão os epithetos de Sábio, de Pio, e de Grande, foi hum dos Soberanos, que concorrêrão mais para a infelicidade da França. A revogação do Edicto de Nantes fez retroceder muito os progreſſos de França, e produzio grandes vantagens a algumas Provincias d'Alemanha, á Inglaterra, e á Hollanda.

Os campos deſertos para povoar as Cidades; a agricultura ſacrificada ás artes de goſto, e de luxo; quaſi todas as ſuas guerras emprehendidas por ambição, ou por capricho; o brilhante da ſua Corte arraſtando o luxo dos particulares, e corrompendo os coſtumes; e ſommas immenſas deſpendidas em palacios, e jardins, chegárão a França quaſi ao bordo do precipicio. A Baſtilha, e outras muitas prizões cheias d'infelices ſacrificados ao odio dos ſeus Valídos, e das ſuas Damas; o Palati-

na-

nado reduzido a cinzas por ſua ordem; os velhos, as mulheres, os innocentes, diſperſos quaſi núſ pelos campos, no rigor do Inverno, dando gritos de confuſão, á viſta dos triſtes eſpectaculos, que lhes arrebatavão os ſeus aſylos, deporáõ, em quanto a Hiſtoria puder conſervar a memoria de taes horrores, que os marmores das Praças de Vandome, e das Victorias, que o publícão Grande, Pio, Generoſo, Conquiſtador das Nações, e Pacificador dos Póvos, são monumentos injuſtos, e mentiroſos da adulação, e da liſonja.

As exacções na cobrança dos impoſtos; eſtes impoſtos extraordinarios, mui ſuperiores ás faculdades dos Contribuentes; a multiplicidade das patentes de nobreza em prejuizo geral dos Póvos; a venda dos empregos públicos; a Legislação criminal tyranna, e oppoſta aos principios immudaveis da Natureza, a civil cheia de defeitos, e confundida com milhares de Leis municipaes, barbaras, e contradictorias; os proceſſos á excepção dos criminaes eternos, e arraſtando deſpezas enormes; as Provincias, e as Cidades, Eſtrangeiras a ſi meſmas; mais d'oito mil infelices mandados annualmente para as Galeras,

ou

ou punidos com outros caſtigos, por buſcarem o meio de ſubſiſtir pela venda do ſal, ou d'outros objectos de contrabando; perto de vinte e tres mil guardas occupados a vigiar ſobre eſtes contrabandos; huma parte dos Cidadãos mergulhada no mais deſordenado luxo, e o reſto cheio de pobreza, e de miſeria, eis-aqui o grande painel, que nos offerece a França, eſta Nação a quem muitas outras tem imitado.

Raſguemos o véo da preoccupação, e do coſtume, que tantas vezes nos eſcurece a viſta, pintando-nos os objectos mui differentes do que são, raſguemos eſte véo, e examinemos hum ſyſtema monſtruoſo, ſuſtentado ſobre principios deſtruidores da felicidade dos Póvos, e da verdadeira proſperidade dos Eſtados. Como o ouro, e a prata são os repreſentantes de tudo, e por conſequencia os nervos da paz, e da guerra, a maior parte das Potencias, ambicioſas de grandeza, e de gloria, fazem contínuamente eſforços para accumular eſtes metaes, que ellas julgão o unico meio para chegar ao ponto de elevação, que ſe propõe. Eſtas riquezas de convenção fazem deſprezar as verdadeiras, e as Nações, ſacrificando

tu-

tudo a hum commercio, de que são mutuamente zelosas, fechão os pórtos a alguns generos, abrindo-os a outros com grandes impoſições, que ellas não ceſsão d'augmentar, julgando que eſta falſa politica lhes produz as vantagens d'animar a induſtria nacional, apartar a eſtrangeira, e augmentar as rendas dos Eſtados, ſem a oppreſsão dos Póvos, porque eſtas impoſições são pagas por Negociantes, que vivem na opulencia, e no faſto. Triſte cegueira, que não deixa ver que eſtas vantagens momentaneas arraſtão por hum encadeamento de males a fraqueza, e a ruina dos Imperios!

O preço da induſtria geral dos Cidadãos creſce, e deve creſcer ſempre em razão do valor das couſas, que a precisão, ou o coſtume tem feito neceſſarias. Os campos vizinhos das Capitaes, e das Cidades commerciantes florecem; mas as Provincias apartadas, ás quaes a diſtancia, os máos caminhos, e a falta de rios navegaveis difficultão, ou impoſſibilitão a extracção das ſuas producções, vêm decahir a ſua agricultura, a ſua induſtria, e a ſua povoação. A gente de ſerviço buſcando maior ſalario para o ſeu trabalho, vai deſertando das Provincias, para ir habitar as Capitaes, onde o augmento da povoação facilita a todas as ſortes de crimes o meio de ſe confundirem na multidão. Os criminoſos vem de toda a parte buſcar aſylo á ſua ocioſidade, e aos ſeus delictos. As deſordens ſe augmentão, os homicidios são frequentes, os roubos geraes, e as operações de policia ſem effeito, ou ſimples palliativos; porque quando ſe não buſcão as cauſas dos males nas ſuas primeiras origens, para lhes cortar até as ultimas raizes, quaeſquer outros remedios são inúteis.

O luxo, o objecto dos elogios de muitos Eſcritores, porque animando parte da induſtria dos Cidadãos, parece produzir bens reaes aos olhos deſtes apologiſtas, que cégos dos ſeus prejuizos, não vêm, que a induſtria, que elle anima, he inteiramente oppoſta aos verdadeiros intereſſes dos Póvos. O luxo effeminando os homens, que elle corrompe, tem eſtendido o ſeu contagio a todos os ramos das adminiſtrações públicas, e deſterrado das Sociedades até os ultimos ſentimentos de juſtiça, de moderação, e de patriotiſmo.

mo. O luxo augmentando a ſomma das calamidades públicas tem reduzido o Juramento, eſte ſupplemento das Leis, a mais ſanta, e ſublime das Inſtituições da humanidade a huma ceremonia vã, e ſem effeito. A agricultura, as Leis, os coſtumes, tudo he em fim ſacrificado a eſte monſtro igualmente ambicioſo, e diſſipador, que ſempre inſaciavel, não põe termo aos ſeus appetites deſordenados, ſenão com a ultima ruina dos Imperios, que precipita.

Os Juriſconſultos ſempre promptos para defender o pró, ou contra do primeiro conſtituinte, que ſe lhes preſenta; os Orfãos, as Viuvas, e muitos infelices de todas as condições, gemendo muitas vezes cercados de fome, e de miſeria, no meſmo tempo em que vêm devorar os ſeus bens, por enredadores, e gente de má fé; eſtes enredadores empregando o valimento, a intriga, o dinheiro, e outros meios ainda mais vergonhoſos, para ſobornar, e corromper os Juizes; a verdade envolta entre mil formalidades, que conduzem a deſpezas enormes, os proceſſos, que ellas eternizão: tal he a Juriſprudencia, com que em muitas partes ſe quer

ſegurar a propriedade, e ſuſtentar a paz, e a harmonia. Eſpalhando a incerteza por toda a parte, ella he a origem das oppoſições, das inimizades, e por conſequencia de todos os crimes, que o odio, e a vingança são capazes de produzir. O coſtume faz já olhar aos Juizes como indifferente a barbaridade de deixar eſquecer nas mais indignas prizões milhares d'infelices, abandonados á fome, ao frio, á deſeſperação, e a todos os males, que podem abater a humanidade. O cumulo do horror he que a innocencia gema muitas vezes confundida com o crime, neſtes monumentos vergonhoſos da ignorancia, e da maldade dos homens, no meſmo tempo em que innumeraveis aſſaſſinos, ladrões, e gentes carregadas de todas as qualidades de crimes paſſeão impunemente no meio das Sociedades, que corrompem, e infeſtão.

Tudo o que póde fazer o particular Filoſofo, he gemer ſobre a oppreſsão da humanidade. Os Soberanos podem enxugar as lagrimas dos infelices, e elles as enxugarião ſem dúvida, ſe pudeſſem conhecer os flagellos, que os opprimem. Alguns Soberanos quizerão fazer a felicidade dos ſeus Póvos, mas

por falta de conhecimento das verdadeiras cauſas, que produzião as ſuas calamidades, em lugar de as evitar com remedios efficazes, uſárão de palliativos, que produzindo algum bem momentaneo, os tornárão a envolver no abatimento, e na opprelsão, de que tinhão ſahido. Eu diſſe, e eu repetirei ainda, que o luxo he o primeiro principio da corrupção, e a verdadeira cauſa da fraqueza, e da ruina dos Imperios. Em quanto elle graſſar entre as Sociedades, o intereſſe ſerá o movel geral de todas as acções, e o commum dos homens penſando com pouca differença do meſmo modo, as Leis mais juſtas, e mais ſaudaveis ſerão inteiramente inúteis, porque a ambição ſempre vigilante a buſcar os meios de ſe ſatisfazer, achará mil modos de as lludir.

O Legislador ſábio, e illuſtrado deve prevenir tanto, como a natureza humana o póde permittir, todos os abuſos capazes de corromper, e deſtruir as ſuas Leis. Hum Imperio bem conſtituido póde ſer tão duravel como o Mundo, ſe apartando ſábiamente os vicios, que o poderem corromper, ſouber conſervar a pureza dos ſeus principios. Crê-ſe, que o Corpo politico he aſſim como o humano, ſujeito a enfermidades, e á morte: paradoxo que hum dos mais célebres, e o mais eloquente Eſcritor dos noſſos dias quiz provar. Mas poderáõ nunca os mais engenhoſos ſofiſmas mudar em nada a eſſencia da verdade? Se lançamos a viſta ſobre os Egypcios, ſobre os Aſſyrios, e ſobre outros muitos Póvos, e Imperios, que parecião prometter huma duração eterna, e que ſe precipitárão quaſi da maior altura da ſua grandeza, ou corrêrão ao ſeu fim, com progreſſos menos rápidos, mas igualmente funeſtos, ſeremos tentados de crer, que tudo he ſujeito a eſte fataliſmo, que deſtróe, e reproduz o Univerſo.

A reflexão nos fará conhecer, que todos eſſes Póvos tiverão o deſtino, onde os ſeus vicios os devião neceſſariamente conduzir, e que a ſua ruina mais, ou menos prompta, foi em razão dos progreſſos mais, ou menos rápidos, com que elles ſe deixárão corromper. A China ſubſiſte deſde mais de 40 Seculos, a pezar dos caprichos da fortuna, e do tempo. As revoluções interiores, e as conquiſtas dos Tartaros,

ros, fazendo mudar muitas vezes este Imperio de Soberanos, não alterárão os principios da sua Constituição, nem os seus costumes. A applicação ao trabalho, a obediencia ás Leis, e a inclinação para os seus primeiros usos são as principaes causas, que operão este prodigio, e que annuncião á China, que ella verá talvez ainda o Sepulchro de mil Imperios differentes.

Para que os Póvos sejão felices, he preciso, que desde o primeiro até o ultimo dos Cidadãos, gozem todos do necessario commodo, e de segurança, com tanto que a sua conducta, ou acções não offendão as Leis, ou os costumes; que as Leis sejão geralmente imparciaes, justas, claras, precisas, e determinantes, que o crime não cesse de ser crime, e de ser punido, debaixo de qualquer condição que for commettido, o que suppõe a vida, a reputação, e a fazenda dos Cidadãos em segurança, e por consequencia os direitos da humanidade igualmente respeitados em todos os homens.

A Justiça deve sem contradicção formar a base fundamental do Systema Politico. Mas que Legislador se poderá já mais lisongear de a fazer triunfar

far contra os ataques violentos da ambição, senão destruir as ultimas raizes deste vicio? O Amor da temperança, a Applicação ao trabalho, e o Respeito para a Religião, são as primeiras virtudes, que a devem sustentar. O Amor da temperança pizando aos pés a ambição, a avareza, e o luxo fará, com que a justiça acompanhada do desinteresse, se conduza sempre consequente. A Applicação ao trabalho fará abundar os Póvos do necessario, e evitará o grande número de desordens, que o ocio costuma regularmente produzir. Do Respeito da Religião nascerá o Santo Temor de Deos, primeiro principio de todas as virtudes, e o unico antidoto contra innumeraveis crimes, que se podem commetter no meio da escuridão, e do silencio. Os Cidadãos, que viverem cercados dos bens, que costumão nascer destas virtudes, amarão os Soberanos, que lhos procurarem, e farão esforços para defendellos dos seus inimigos, no caso de serem atacados; e do valor, que se familiarizará entre elles, nascerá o Amor da gloria, com tanto que os saibão conduzir.

Eu não posso imaginar huma scena mais bella, nem mais sublime, do

que hum Principe ſentado ſobre o Throno, lançando a viſta ſobre a multidão dos ſeus Vaſſallos, que elle vê applicados a trabalhos uteis, virtuoſos, e cercados d'abundancia, de tranquillidade, e de juſtiça, fazendo ſoar por toda a parte os louvores ſinceros do Auguſto Protector, que faz a ſua felicidade; e a gratidão, a amizade, e o reſpeito dos Póvos, juntos com a doce ſatisfação de os fazer felices, são os mais precioſos bens, que os Soberanos podem poſſuir.

Os Governos republicanos não são taes, como alguns Politicos os pintão, nem merecem os elogios, que elles lhes prodigão, ſe ſe examinão com attenção. As Ariſtocracias são regularmente aſſembléas de Tyrannos, onde os Ariſtocrates tomando os ſeus prejuizos por principios de juſtiça, olhão tudo o que eſtá abaixo da ſua claſſe, como digno d'abjeção, e deſprezo. He raro que huma Democracia ſe conſerve muito tempo em boa ordem; o Povo ſempre ignorante, e groſſeiro, ou ſe precipita na Anarquia, ou ſe faz a victima do primeiro Tyranno, que o ſabe enganar. Huma Monarquia bem regulada he ſem contradicção o melhor de to-

BIBLIOTECA DO EXERCITO

todos os Governos. Os abuſos são inſeparaveis das Monarquias, dirão os Politicos oppoſtos, e os Soberanos não poderão evitar, que huma multidão de pequenos tyrannos eſpalhados nas Provincias faça gemer os Póvos na oppreſsão, e na miſeria. Eu reſpondo, que eſſas oppreſsões deſapparecerão inteiramente, quando o mentir aos Soberanos for hum crime de leſa-Mageſtade, com medidas exactas, que o fação conhecer, e caſtigar. Os pequenos tyrannos, não podendo comprar a impunidade dos ſeus crimes, dos cortezãos corrompidos, que cercarem os Thronos, ſerão obrigados a conterſe nos limites da juſtiça; e a imparcialidade da juſtiça fará a felicidade dos Eſtados.

CAPITULO V.

Continuação das Reflexões de Paulino ſobre outros objectos.

CONtinuando a ſeguir os meus eſtudos debaixo da direcção de Paulino, eu ouvia com hum goſto extraordinario os ſeus conſelhos, e as ſuas reflexões. As ſuas Maximas de Moral

tinhão muita ſemelhança com as de Maman, como o eu já diſſe; mas não obſtante eſta ſemelhança, elle tinha conhecimentos incomparavelmente mais extenſos do que ella. Sinco annos de viagens entre os Póvos mais illuminados da Europa, emprehendidas unicamente com o deſejo d'inſtruir-ſe, huma applicação ſeguida, e meditada nas Sciencias, que intereſsão mais a Humanidade, e o uſo do Mundo, devião dar-lhe luzes, que huma mulher não póde facilmente adquirir.

Eu lhe diſſe, julgando-me em circumſtancias de paſſar a eſtudos maiores, que o meu animo era de frequentar as Aulas, para aprender Rhetorica, Logica, e Filoſofia; mas eſte ſabio Mentor eſtimava-me já muito, para conſentir, que eu perdeſſe o tempo inutilmente, indiſpondo-me com o uſo das Aulas, para poder adquirir conhecimentos uteis.

Para me dar huma idéa da Rhetorica, não teve mais trabalho, que o de me moſtrar o bello elogio, que lhe faz D'Alembert. » Os homens, diz eſte » Sabio, communicando entre ſi as ſuas » idéas, buſcárão tambem o meio de » communicar as ſuas paixões; o que » con-

» conſeguírão com a Eloquencia. Feita » para fallar ao ſentimento, como a » Logica, e a Grammatica fallão ao » eſpirito, ella impõe ſilencio á meſma » razão; e os prodigios, que opéra muitas vezes nas mãos d'um ſó, ſobre » toda huma Nação, são talvez o teſtemunho mais brilhante da ſuperioridade d'um homem ſobre outro. O » que ha de ſingular, he que ſe tenha » julgado ſupprir com regras a hum » talento tão raro. He com pouca diffe» rença o meſmo, que ſe ſe quizeſſe » reduzir o genio a preceitos. O pri» meiro, que pertendeo, que ſe devião » os Oradores á Arte, ou não era do » número, ou era bem ingrato para » a Natureza. Ella ſó póde crear hum » homem eloquente; os homens são » o primeiro livro, que elle deve eſtu» dar; os grandes Modélos são o ſe» gundo; e tudo o que os Eſcritores » illuſtres nos deixárão de filoſofico, e » de reflectido ſobre o talento do Ora» dor, não ſerve ſenão para provar a » difficuldade de o imitar. Mui illuſtra» dos para pertender abrir a carreira, » elles não querião ſem dúvida fazer » mais, do que moſtrar os obſtaculos. » A reſpeito das puerilidades pedan-

» teſ-

» teſcas, que ſe tem honrado com o » nome de Rhetorica, ou verdadeira- » mente, que não tem ſervido ſenão » para fazer eſte nome ridiculo, e que » são para a Arte Oratoria o que a » Eſcolaſtica he para a verdadeira Fi- » loſofia, não são proprias, ſenão para » dar huma idéa falſa, e barbara de » Eloquencia. »

Deſde que Santo Agoſtinho definio a Logica, *chave das Sciencias*, todo o Mundo a ficou olhando como a baſe de todos os conhecimentos humanos, e eu a olharia tambem do meſmo modo, ſe ella foſſe, como ſe crê, a Arte de penſar. Mas quem, que faça uſo da razão, poderá crer, que os homens são capazes d'enſinar a Arte de penſar? Como D'Alembert, eu creio que eſta arte he hum preſente, que a Natureza faz aos bons Eſpiritos, e que póde dizer-ſe dos livros, que a tratão, que ſó podem ſer uteis aos que os não precisão. (1) Quando eu digo que os homens não podem enſinar a Arte de penſar, fallo da arte, que conduz á invenção, e aos progreſſos das Sciencias; porque a arte de diſcorrer em cou-

(1) Diſcurſ. prel. de l' Encyclop.

couſas conhecidas não he mais do que o methodo de ſimplificar as idéas, e de as examinar com ordem. He a eſte methodo, que os Filoſofos chamão analyſe, que ſe reduz toda a logica, e neſte ſentido meſmo he util, porque ſuppoſto os homens adquirão naturalmente o coſtume d'analyſar, ſempre as regras os podem d'algum modo ajudar. Eu creio que em lugar de ir ouvir as lições, que hum Meſtre dicta da Cadeira, he melhor aprendellas com reflexão por algum livro de bom methodo.

A Filoſofia, que cada hum define de ſeu modo, e que eu definirei com D'Alembert *a applicação da razão aos differentes objectos, em que ella ſe póde exercitar*, (1) abraça quaſi todos os noſſos conhecimentos; mas merece principalmente a noſſa attenção, na parte em que s'occupa do eſtudo intereſſante da Natureza. O uſo das Aulas he hum ſoccorro mui fraco, para fazer progreſſos neſta Sciencia ſublime, » porque ninguem poderá ſaber bem, » ſenão o que tiver aprendido por ſi » meſmo. » (2) Os milhares de Diſci-

pu-

(1) Elemens de Filoſ. §. 3.
(2) Elemens de Filoſ. §. 28.

pulos, que occupão as Aulas, eſpalhados entre todos os Póvos, são huma prova evidente deſta verdade. Todos, ou quaſi todos principião pelo eſtudo da Logica, preliminar que julgão indiſpenſavel, para a carreira ſcientifica em que entrão; mas nós não vemos que eſta pertendida chave das ſciencias os enſine a diſcorrer, e a adiantar a ſomma dos conhecimentos já adquiridos. Ao contrario ſabemos, que acoſtumados a ouvir com hum reſpeito eſtupido as lições dos ſeus Meſtres, o eſpirito d'imitação os fortifica de tal modo no caminho do erro, que olharião como hum delicto de leſa-filoſofia o penſamento de duvidar hum ſó momento, das decisões dos ſeus Oraculos.

Olhando Paulino como hum Ariſtarco demaſiadamente ſevero, eu lhe diſſe, que tinha ouvido dizer a algumas peſſoas, que me parecião de juizo, que havião muitos ſabios, que paſſavão a maior parte do tempo ſobre os livros; e que as grandes livrarias, que eu tinha viſto em alguns Conventos, me fazião crer, que a eſféra dos conhecimentos humanos era mui extenſa, porque para compôr tantos livros, era neceſſaria-

riamente preciſo ſaber muito. Eſſas livrarias, me reſpondeo elle, são pequenos retalhos em comparação das Bibliothecas immenſas, que s'encontrão em differentes partes da Europa. A Bibliotheca Real de París, que tinha no tempo, em que Voltaire eſcrevia, o Seculo de Luiz XIV., cento e oitenta mil volumes, deve ter agora perto de duzentos mil. As Bibliothecas de Londres, de Berlin, de Petersburg, e d'outras muitas partes, onde as luzes começão a raiar, são com pouca differença ſemelhantes. A Heſpanha, que as outras Nações olhão como a mais apartada do oriente da razão, tem já Bibliothecas públicas, entre as quaes a Real de Madrid excede, ſegundo o que eu ouvi dizer ao meſmo Bibliothecario, de cento e vinte mil volumes.

Conta-ſe hum grande número de Bibliothecas públicas na Europa, ſem fallar das livrarias particulares, que s'augmentão ſem limites. A julgar pelo número prodigioſo de livros, que nos inunda, e pelas muitas imprenſas, que trabalhão conſtantemente por toda a parte, deve ſuppôr-ſe que os conhecimentos humanos tem chegado ao mais alto ponto de perfeição. Mas ſe eſſas

Bi-

Bibliothecas immenſas, tão admiradas pelos Eſpiritos mediocres, pudeſſem ſer examinadas ſem prevenção, creio que merecerião com mais juſtos titulos ſer olhadas como archivos da mentira, do que como monumentos da verdade.

Ganganelli queria, que para honra da Humanidade, ſe reduziſſem todos os livros a oito mil volumes. Eſte Sabio fazia ainda muita honra aos conhecimentos humanos. Mais eſcrupuloſo do que elle, eu creio que reduzindo os oito mil a oito, eſte número ſeria mais do que ſufficiente, ſe limitando-nos ás verdades uteis, e neceſſarias, os purgaſſemos d'erros, de repetições, e de couſas indifferentes.

O commum da gente, reputando ſempre ſabio o homem, que paſſa muito tempo ſobre os livros, prodiga eſte reſpeitavel epitheto muitas vezes ás peſſoas, que menos o merecem, por não conhecer que a applicação póde ſer tal, que as aparte cada vez mais do caminho da verdade.

Toda a applicação, que ſe não dirigir a augmentar a noſſa felicidade, e felicidade dos noſſos ſemelhantes, ſerá pueril, e inutil. As obrigaç ões ſociaes pe-

pedem que concorramos, do modo que nos for poſſivel, para o bem geral da Sociedade; nem nós podemos pertender a eſtimação dos noſſos Concidadãos, ſe lhes não formos uteis, porque toda a eſtimação vem da utilidade. Para conhecermos que parte dos noſſos intereſſes devemos ſacrificar ao intereſſe público, ou ao intereſſe particular de qualquer outro Cidadão, e em que circumſtancias preciſamos o conhecimento dos homens, e das relações ſociaes, que nos ligão a elles. Para conhecer os homens, he preciſo eſtudallos; eſte eſtudo he pois eſſencial, mas deve ſer precedido do noſſo proprio conhecimento, porque ſem iſſo cada hum de nós ſe julgará o primeiro dos mortaes: circumſtancia que nos fará inſupportaveis. Hum exame parcial do noſſo caracter, ou algumas reflexões momentaneas ſobre as noſſas virtudes, e ſobre os noſſos vicios, baſtão para nos dar a louca vaidade de que nos conhecemos; e muitas vezes ſem nenhuma deſtas circumſtancias: tanto nós ſomos faceis a illudirnos ſobre eſte ponto.

O amor proprio, a origem de todas as paixões, e a mais neceſſaria de todas ellas para a noſſa conſervação, he hum

hum grande obſtaculo, que nos embaraça de nos conhecermos; porque em lugar de o reduzirmos aos juſtos limites, que farião a noſſa felicidade, e a felicidade ſocial, nós o deixamos creſcer tanto, que degera em vicio, e em vicio de tal natureza, que origina todos os outros, e produz males irreparaveis, tanto públicos, como particulares.

O amor proprio, que data quaſi do noſſo naſcimento, marcha no ſeu principio com paſſos tão lentos, que parece imperceptivel; mas pela moderação dos primeiros annos, faz depois progreſſos tão rápidos, que chega a dominar-nos, antes de nós o podermos conhecer. O ſeu imperio ſobre nós chega ao ponto de nos não deixar ver quaſi nunca as couſas, taes como ellas são. Parece que tem hum oculo graduado de tal modo, que augmenta, e diminue prodigioſamente os objectos. Quer hum homem examinar-ſe para adquirir o precioſo conhecimento de ſi meſmo? O ſeu amor proprio lhe preſenta logo eſte maldito oculo, o qual agigantando-lhe as ſuas virtudes, lhe moſtra todos os ſeus defeitos como nullos. O effeito he inteiramente oppoſto, quando

do examina as virtudes, e os vicios dos ſeus ſemelhantes; com a differença, que o oculo recebe então differentes graduações, fazendo-lhe ver as couſas maiores, ou menores, ſegundo a inclinação, a indifferença, ou a inimizade, que ſente para os ſujeitos, que quer examinar. Fortificando cada vez mais a ſua vaidade com eſta prevenção, e olhando o lugar, que occupa no Mundo, mui inferior aos ſeus merecimentos, queixaſe das injuſtiças da fortuna, que o apartão dos altos Empregos, que a ſua delirada imaginação lhe diz, que devia occupar.

He aſſim que o homem muitas vezes no meio das honras, e das riquezas, forja os proprios ferros, que o tyrannizão, e que o fazem infeliz; porque os ſeus deſejos immoderados, juntos com as eſperanças, que os ſeguem, lhe embaração o doce goſto de gozar do preſente. Quer elle hum meio efficaz d'evitar a inconſequencia, e os abyſmos, onde a vaidade o precipita? que ſe deſpóje das prevenções, e que conſulte a razão, e a Natureza. Huma, e outra lhe dirão, que póde ſer feliz, ſe ſouber olhar como deſneceſſarias as grandezas deſte Mundo, contentando-

ſe

se unicamente com o preciso. Huma vez convencido desta verdade, póde viver tranquillamente em qualquer lugar, onde a desigualdade das condições o tiver posto, com tanto que não soffra males reaes, que o inquietem. Eu digo males reaes, porque não posso deixar d'olhar como taes, a dor, e a falta de subsistencia. Algumas Seitas de Filosofos sustentavão que o homem podia ser feliz, cercado de pobreza, e de dores. Possidonio gritava atormentado pela dor, que ella o não havia de fazer confessar, que era hum mal. Triste delirio! Como se a imaginação pudesse destruir a sensibilidade da natureza!

O desprezo das riquezas, diz Rochefoucaud, *era nos Filosofos hum desejo occulto de vingar o seu merecimento da injustiça da fortuna, pelo desprezo dos mesmos bens, de que ella os privava: era hum segredo para se livrarem do invilecimento da pobreza.* A pobreza he quasi incompativel com a Filosofia. O Filosofo pobre será mil vezes reduzido á necessidade de derramar incensos, e prodigar adulações aos Bemfeitores, a quem dever a sua subsistencia. Hum verdadeiro Cinico he hu-

huma excepção desta regra; mas hum verdadeiro Cinico, reparando na nossa condição, he hum dos mais raros fenomenos da Natureza.

A riqueza longe de ser hum obstaculo para a Filosofia, como o pertendem alguns Sabios, facilitará ao Filosofo mil meios de a exercitar, liberalizando com mão benefica todo o seu superfluo ás pessoas, que o precisarem. Não confundamos, como o Povo grosseiro, a liberalidade com a ambição; o que distribue dons, e presentes com mão larga aos Poderosos, aos Ricos, e aos que não precisão, he hum ambicioso, que espalha para receber com usura; e se os seus fins não sahem sempre, como elle os premedita, he porque toma mal as suas medidas, ou porque huma nova ordem de cousas lhas vem desordenar.

» Nós não podemos chegar-nos mais » perto do grande Modélo de perfei- » ção, que nos he proposto, do que » applicando-nos com todo o nosso po- » der, e fazer bem aos nossos seme- » lhantes. »

» A inclinação para fazer a felici- » dade dos outros he huma qualidade » tão amavel, que nos faz amar da- » quel-

» quelles meſmos, que não podem ter » parte nos noſſos beneficios. »

CAPITULO VI.

Reflexões de Paulino ſobre a Arte de nadar.

A Noticia funeſta de ſe ter perdido hum barco, que vinha com muita gente para a romagem de Noſſa Senhora do Pilar, dada por hum dos da meſma companhia, em outra tarde em que nos tomámos a juntar, deo motivo a huma converſação, que eu vou expôr, porque foi huma das que concorrêrão mais para a minha felicidade. Não poſſo comprehender, diſſe hum dos amigos de Paulino, ouvindo eſta noticia, a razão, por que ſendo o homem tão ſuperior ao animal em conhecimentos, fica tanto abaixo delle a reſpeito da arte de nadar. A meſma razão, reſpondeo Paulino, que faz adquirir ao homem ſocial conhecimentos tão ſuperiores ao animal, he a que o põe tanto abaixo delle a reſpeito de nadar. O homem ſalvagem, errante, e que não tiveſſe entrado nunca em ſociedade, nadaria a primeira vez que cahiſſe

ſe em hum rio, com a meſma facilidade com que nadão os animaes. Querer, lhe replicou Ignacio, (era o nome do Amigo) que o homem naſça com o conhecimento de nadar, e que o perca por viver na Sociedade, he huma das propoſições mais abſurdas, que ſe podem proferir. Será, continuou Paulino, porque os teus prejuizos te fazem ſuppôr abſurdo, tudo o que ſe não conforma com elles. De dous Arguentes, que ſuſtentão hum o pró, outro o contra da meſma couſa, hum delles eſtá neceſſariamente no erro: o coſtume, que o tem habituado a olhar eſte erro, como verdade, faz com que elle o ſuſtente com calor; e ſe a prevenção he de muito tempo, então todas as razões do ſeu contrario são inúteis, ainda que ſejão claras, e evidentes, porque os erros, que envelhecem comnoſco, são quaſi impoſſiveis a deſtruir. Eis-aqui por que nós ſomos tantas vezes ſurdos ás vozes da razão, e porque os argumentos, que devião ſervir para deſenvolver a verdade, acabão regularmente deixando os Arguentes, cada hum na opinião, de que o outro he hum ignorante; porque o homem he regularmente inclinado a ſuppôr tal, o

que desconcorda dos seus sentimentos. Eu posso enganar-me, mas não devo ser julgado, sem que se oução primeiro as minhas razões. Ei-las aqui.

He huma verdade geralmente conhecida em Hydrostatica, que hum corpo lançado n'um liquido vai ao fundo, se o seu pezo he superior ao pezo d'um igual volume do liquido; e que o corpo nada na superficie, se o seu pezo he inferior ao pezo d'um igual volume do mesmo liquido. He tambem huma verdade conhecida por milhares d'experiencias, que tanto o corpo do homem, como o do animal, he superior a hum igual volume d'agua; isto he, supposto comprimido, e sem o ar interior, que com huma respiração livre, lhe dilata o peito, o que faz o volume do corpo maior do que elle realmente he, pelo augmento do ar, que tem dentro de si. He igualmente evidente, que tanto os homens, como os animaes, não temem, nem desejão as cousas, serão pela boa, ou má idéa, que fórmão dellas. O conhecimento, que o homem tem adquirido na Sociedade, de que cahindo em agua profunda se affoga, e o horror, que tem para a morte, faz que quando lhe succede ver-se em

em semelhantes circumstancias, a afflicção, que produz nelle o temor da morte, o comprime de modo, que deixa o volume do seu corpo mais pezado, do que hum igual volume d'agua: circumstancia que o deve fazer ir ao fundo, e affogar. Ora o animal, que não tem idéa do que he affogar-se, não tem tambem temor da morte, quando cahe na agua, e não tendo por esta causa a afflicção do homem, fica no seu estado natural; o que lhe faz o seu volume d'um pezo inferior ao d'outro igual volume d'agua: circumstancia que o faz ficar na superficie da agua. Ficando na superficie da agua, tem toda a facilidade de nadar, porque, quaesquer que sejão os seus movimentos, sahirá para fóra, com a differença sómente de gastar mais, ou menos tempo. Ao homem salvagem succederia o mesmo, que succede ao animal, porque não teria idéa do que era affogar-se.

Saber nadar consiste em não ter medo, e não na combinação dos movimentos das pernas com os dos braços, como geralmente s'imagina. Huma prova disto he, que o homem, que sabe nadar, nada de qualquer modo que sejão os seus movimentos, vagarosos,

apreſſados, iguaes, deſiguaes, nada d'ilharga, de pé, e de coſtas: deſte ultimo modo póde ſuſtentar-ſe na flor da agua, ſem fazer movimento. Ora ſe o ſaber nadar conſiſtiſſe na combinação dos movimentos, ſeria impoſſivel que hum homem ſe ſuſtentaſſe immovel na flor d'agua. A razão, porque ſe nada de coſtas com mais facilidade do que d'outro modo, he porque a cabeça fica mettida tambem na agua, o que faz occupar maior volume della, cujo volume, ſendo por conſequencia mais pezado, nos ſuſtenta mais facilmente na ſua ſuperficie. Pondo o menor pezo poſſivel do volume do corpo, como principio geral, e eſſencial da Arte de nadar, não nego, que he neceſſario ſaber empregar os braços, e as pernas com habilidade para cortar facilmente a agua. Taes forão as razões de Paulino, nas quaes o amigo (que tambem ſabía nadar) concordou; mas concedendo que erão verdadeiras, negou que o homem ſalvagem pudeſſe nadar, ſem aprender, o que ſó podião fazer os animaes, por hum inſtinto, que a Natureza recuſava aos homens.

O grande deſejo, que eu tinha de ſaber nadar, fez com que ouviſſe eſtas re-

reflexões com grande goſto, porque me facilitavão o meio d'aprender ſem meſtre, e ſem teſtemunhas, huma couſa, que as circumſtancias, em que eu me achava, me fazião quaſi impoſſivel de conſeguir. Obſervando no tempo da maré baixa o ſitio, que podia convir ao meu projecto, achei que o melhor era perto da Porta Nova, onde a agua ao mais podia ter a altura de quatro pés, não entrando pelo rio mais de trinta paſſos. Eu fui no meſmo dia da obſervação, depois das nove horas da noite, pôr em prática os principios de Paulino, e deſpindo-me no areal á margem do rio, entrei até onde a agua me dava pelo peito; dahi voltando para a parte da terra, tomei todo o ar que pude, e mettendo a cabeça debaixo d'agua, nadei para a margem do rio, a extenſão de ſinco, ou ſeis paſſos, e nadaria mais, ſe não foſſe a grande violencia, que me cauſava a falta de reſpiração. Eu continuei a meſma couſa ſinco vezes, e ſahi, por não poder ſoffrer o incommodo da agua, que m'entrava pelos ouvidos. Na noite ſeguinte fui certa á meſma hora, e depois de dous mergulhos como os primeiros, nadei de coſtas: eſte modo violento foi pa-

para mim o mais nutural, porque principiei logo a nadar bem, com a differença ſómente, que ao tomar a reſpiração, bebia alguma agua, da que me paſſava por ſima da face. Eu continuei até ſexta noite com tanta felicidade, que na quarta nadava já bem de todos os modos. Na ſexta, que foi a ultima, tive a imprudencia, julgando-me já huma grande nadadora, d'entrar muito pelo Douro dentro: imprudencia que me hia cuſtando cara, porque conduzida pela violencia da corrente, fui obrigada a fazer grandes esforços para evitar hum navio, que eſtava ancorado no meio do rio. Depois diſſo ſendo já tarde para voltar para traz, ſegui a corrente, e cortando ſempre para o lado oppoſto, fui ſahir muito abaixo do ſitio, que me ſervia d'enſaio. A alegria de ter ſahido do perigo foi ſeguida do abatimento, que me cauſava o ver-me da parte oppoſta, ſem ſaber como me ſalvaria do riſco, a que eſtava expoſta, de ver deſordenar todos os meus projectos, e de ſoffrer huma vergonha, que eu me julgava incapaz de ſupportar.

Não m'eſquecia ir tomar o rio mais acima, e paſſar a nado para o outro lado, mas além de que a corrente da agua

agua era cada vez mais violenta, temia d'ir bater a alguma amarra, ou a algum navio. Depois d'alguns momentos de reflexão, tomei o partido de deſatar o toldo d'hum barco, o qual ſobre alguns arcos o cobria á maneira de tumba; e cubrindo-me com elle, ſubí ao caes, para ir procurar a caſa d'um barqueiro, que me paſſaſſe. Apenas teria andado ſincoenta paſſos, encontrei hum homem, e pedindo-lhe que m'enſinaſſe a caſa d'algum barqueiro, a ſua reſpoſta foi, que os barqueiros daquelle ſitio não coſtumavão paſſar ninguem de noite; mas que eu podia ir defronte da Ribeira, e chamar pela Guarda, a qual tinha obrigação de me paſſar a toda a hora. Contente com eſta noticia, fui ao lugar annunciado, onde me puz a gritar, *O' da Guarda*, e tal era a minha ſimplicidade, que ſuppunha, que era a Guarda dos ſoldados da porta da Ribeira, a que me devia vir paſſar. Eu tinha eſtado meia hora gritando de minuto em minuto, *O' da Guarda*, ſem eſperança de que a Guarda vieſſe, quando hum homem d'huma caſa viſinha, incommodado dos meus gritos, ſahio á janella a enſinar-me a caſa dos barqueiros da guarda, que fica

va-

va a alguma diſtancia daquelle ſitio. Sabida a tal caſa, fui lá direita, e ainda me foi preciſo bater tres vezes á porta com baſtante eſtrondo, para os deſpertar do profundo ſomno com que dormião. Elles pozerão a condição de que lhe havia de pagar ſeis vintens, e forão paſſar-me.

Eu lhes diſſe ao entrar no barco, que em lugar de ſeis vintens, lhes daria tres cruzados novos, ſe me quizeſſem ir deitar a Miragaia: a propoſição era mui vantajoſa para ſer rejeitada. Nós fomos ſahir perto dos meus fatos, onde depois de me veſtir, lhes dei os tres cruzados novos, e o toldo, para que no dia ſeguinte o entregaſſem a ſeu dono.

Munida deſta lição, e pizada dos pés, fui com baſtante trabalho para caſa, e fiquei oito dias de cama por amor do tal exceſſo. Durante a minha pequena moleſtia, fui algumas vezes viſitada por Paulino; e depois que ſahi, continuei como antes os meus eſtudos debaixo da ſua direcção.

CAPITULO VII.

Do tempo que gaſtei nas minhas viagens, e d'um acontecimento extraordinario, que me ſuccedeo.

ENganada com a idéa, que me tinhão feito formar de Lisboa as relações exaggeradas d'algumas peſſoas, eſperava achar eſta Capital o centro de todas as delicias, e quaſi hum Paraiſo ſobre a terra; mas a experiencia diſſipou depreſſa a minha illuſão, trocando-me os prazeres imaginarios em incommodos reaes, e inſupportaveis. No fim de oito mezes d'aſſiſtencia em Lisboa, embarcámos para Inglaterra, fomos a Plimouth, e de Plimouth a Londres, onde nos dilatámos hum anno. De Londres embarcámos para Hollanda, d'Hollanda paſſámos aos Paizes-Baixos, dos Paizes-Baixos a Alemanha, d'Alemanha a França, e ultimamente á Italia. Dezoito annos forão empregados neſte giro, dilatando-nos nas principaes Cidades deſtes Póvos; em humas mais do que em outras, ſegundo que as achavamos mais, ou menos dignas da noſſa attenção.

O producto do trabalho d'Aguillar, e o juro do meu dinheiro, fornecião todas as noſſas deſpezas, e deixavão ainda huma boa reſerva, que conſervavamos para o que pudeſſe ſucceder.

Eu paſſava a maior parte do tempo applicando-me a differentes generos da literatura, e frequentando as Bibliothecas públicas, e as peſſoas inſtruidas do meu conhecimento. A minha applicação não era limitada unicamente a eſtudos eſpeculativos; eu unia a prática á theorica, ſempre que as circumſtancias me preſentavão occaſiões favoraveis, humas vezes ouvindo lições práticas nos Laboratorios de Quimica, nos Gabinetes de Hiſtoria natural, e de Fyſica; outras nas officinas dos Artiſtas, nas grandes Fábricas, e ſobre tudo nos campos, examinando os inſtrumentos agronomicos, e as differentes tótas dos Lavradores. Nada eſcapava á minha vigilancia de tudo o que me parecia raro, ou digno de attenção d'um viajante.

Aguillar, que entrava já nos ſeſſenta annos, tomou a reſolução d'ir deſcançar o reſto dos ſeus dias; e eſcolheo para iſſo o Porto, por ſer, ſegundo elle dizia, huma das terras mais pro-

proprias para o ſeu temperamento. Eu deſejava paſſar alguns annos mais a viajar, mas fui, não obſtante eſte deſejo, obrigada a condeſcender com a ſua vontade, porque elle tinha deſde a aventura do painel condeſcendido ſempre com a minha. De Roma, onde elle tomou ultimamente a reſolução de voltar para Portugal, partimos para Genova com animo d'embarcar para Lisboa; mas em lugar de ſeguirmos a verdadeira eſtrada, fizemos huma grande volta, por amor d'uma viſita, que Aguillar queria tornar a hum ſeu amigo, que o tinha ido viſitar a Roma. Eu creio que não devo entreter os meus Leitores com as circumſtancias deſta viſita, nem com outras, que me parecem ainda mais indifferentes, quando os poſſo occupar de couſas incomparavelmente mais intereſſantes. O acontecimento, que vou contar, he, reparando em todas as ſuas circumſtancias, o mais ſingular, e o mais extraordinario de que tenho ouvido fallar, e talvez ſem exemplo em toda a hiſtoria do Mundo.

No terceiro dia de jornada das oito para as nove horas da manhã, paſſámos hum boſque, que teria quaſi huma legua

gua d'extensão, cheios de temor, e de melancolia, porque nos dizião que era infestado de ladrões. Apenas sahimos deste bosque, vimos logo a huma pequena distancia hum rancho de camponezas, acompanhadas de tres homens. Estamos livres de perigo, disse o caleceiro mui contente; a sahida do bosque, e o encontro, que julgavamos feliz, desterrando os nossos temores, voltárão toda a nossa tristeza em alegria. Oh Ceos! como os Mortaes são sujeitos á illusão! O momento, que nós julgavamos de mais alegria, era justamente o mais funesto da nossa vida. Estas supposstas camponezas, cercando a carruagem por toda a parte, fizerão apear o caleceiro, mandando-nos ao mesmo tempo descer, a mim, e a Aguillar. Este por effeito d'um atrevimento inconsiderado, desparou hum tiro de pistola, com o que fez cahir morto hum dos ladrões, que se tinha presentado do lado esquerdo: arrastado no mesmo momento pelas pernas fóra da carruagem pelos do lado direito, elles lhe dérão os mais indignos tratos, que pudé ão imaginar. Eu saltei fóra, antes que me tirassem do mesmo modo, e supposto não soffri os mesmos tratos, fui con-

conduzida com os meus companheiros com as mãos prezas atraz das costas, para huma baixa, que ficava a pouca distancia, pela parte de cima da estrada. Estes infames, que erão quatorze, levárão a carruagem no ar até a mesma baixa, depois de lhe tirarem as mulas, e hum baú, que levárão separadamente.

Logo que chegárão á tal baixa, tombárão duas grandes pedras, e abrírão hum alçapão, que não era facil de conhecer, porque a terra, e as hervas, que o cubrião, o fazião mui semelhante ao outro terreno. Aberto o alçapão, vimos huma caverna, que teria vinte palmos d'altura, e que parecia estender-se muito para os lados. Estavão dentro desta caverna algumas carruagens, muitos cadaveres, e alguns moribundos, os quaes exhalavão de momentos a momentos ais tão doloridos, que parecião capazes de fazer enternecer as mesmas pedras; mas os infames authores destas atrocidades estavão tão familiarizados com elles, que lhes não fazião a mais pequena sensação.

A primeira cousa que fizerão, foi lançar dentro a carroça, e o cadaver do companheiro, que Aguillar lhes ti-

nha

nha morto; e ligando-nos novamente com mais segurança as mãos atraz das costas, as pernas, e os quartos, empurrárão-nos a todos para dentro da infernal caverna. Eu fui a primeira, e cahi sobre hum cadaver; Aguillar foi o segundo, e ficou estendido sem final de vida; o caleceiro, que foi o ultimo, deo com a cabeça em huma roda com tanta força, que ficou morto. No fim desta horrivel scena, fechárão outra vez o alçapão, que servia de campa á nossa sepultura.

Eu tinha lido nas duas noites antecedentes a esta fatal catastrofe a vida do Barão de Trenck. O animo, e a constancia, com que este homem extraordinario venceo cousas, que parecião invenciveis, concorrêrão a confirmar-me no sentimento, em que eu já estava, de me não desanimar das emprezas, por difficeis que me parecessem, quando os successos forão de grande consequencia. Nenhum podia exceder á de me salvar da morte, a que estava condemnada. Animada com a lembrança deste grande Modêlo, disse para o lado, onde ouvia gemidos; eu não sei quem vós sois, infelices companheiros da minha desgraça, mas sei que como eu

eu deveis fazer todos os esforços para sahir desta infernal caverna. Eu não julgo a cousa impossivel, se algum de vós estiver em circumstancias de poder ajudar-me. Nós, me respondeo hum delles, soffremos hum tratamento tão cruel dos barbaros algozes, que aqui nos lançárão, que ainda que nos desligassemos, seria impossivel que pudessemos tentar alguma cousa capaz de nos utilizar. Se tu, animoso amigo, estás em melhor estado, arrasta-te do modo que puderes para o pé de mim, que eu farei diligencia por cortar com os dentes os cordeis, que julgo te ligão como a nós as mãos atraz das costas. Livre das mãos, tu poderás acabar de te desligar, e desligar-nos a nós; e depois de soltos, consultaremos, segundo as nossas forças, o que devemos emprehender.

Eu principiei a dar alguns tombos com muita difficuldade, e cheguei primeiro ao pé d'um, que não tinha respondido. Sentindo-me perto de si, elle me disse que tinha os dentes mais fortes do que seu Amo, e que me podia desligar mais depressa do que elle; dito isto, nós nos arranjámos ainda com bastante trabalho para esta operação,

a qual depois de principiada se conseguio em pouco tempo. O outro contou-me, em quanto durou este trabalho, o modo, por que tinha cahido em poder dos ladrões.

Eu sou, me disse elle, Paulo Gidalbani, filho de José Gidalbani, senhor de Bilboate, legua e meia distante deste sitio. Esse infeliz, que te está cortando as ligas, he hum criado, que nos serve á quatorze annos com tanta fidelidade, como se fosse filho da casa. Nós, e esse homem, que ahi está morto, cahimos em poder dos nossos algozes, juntamente com minha Mãi, e com duas de minhas Irmãs, e huma criada, voltando todos d'uma visita, que tinhamos ido fazer a huma nossa Parenta. Nós sabiamos que este bosque andava infestado de ladrões, mas como o nosso caminho se mettia na estrada, meia legua adiante, vinhamos socegados, julgando-nos fóra de perigo; e muito mais quando vimos a alguma distancia estes ladrões, disfarçados em mulheres, porque suppozemos que era gente de serviço.

Prevalecendo-se da sua dissimulação, os malvados tiverão a facilidade de nos surprender, lançando repentinamente as mãos

mãos ás redeas das bestas, e cercando-nos de toda a parte. Eu metti as esporas ao meu cavallo, o qual lançou por terra o que o sustentava, e tive toda a facilidade de me escapar, o que era melhor, porque o soccorro era certo em menos d'uma hora, e os malvados, que devião saber isto mesmo, deixarião naturalmente a minha Familia, para evitarem a furiosa perseguição, que sem isso devião esperar. Assim, consultando unicamente o meu furor, metti mão á espada, mas apenas a desembainhei, recebi huma pancada tão forte na cabeça, que cahi por terra. Os dous criados fizerão ainda alguma resistencia; mas hum delles foi logo morto, e este foi obrigado a ceder á força; nós fomos em fim conduzidos para esta caverna, e as mulheres, escoltadas por dez homens, forão levadas nas mesmas bestas para a parte de cima do monte. Ella accrescentou, que seu Pai os havia de fazer procurar naquelle mesmo dia, porque tinhão feito adiantar hum homem, a dar-lhe parte da chegada; mas que todas as diligencias serião inuteis, vistas as nossas circumstancias.

Solta das mãos, eu tirei hum canivete da algibeira, e cortei as outras ligas,

gas, e cortei tambem as que os ligavão a elles, e a Aguillar, o qual tinha voltado aos seus sentidos, mas estava tão prostrado, que tinha grande difficuldade para se mover. Gidalbani tinha algumas costélas quebradas, e o criado huma perna, além de estarem tambem mui pizados: em semelhante figura não puderão ser-me d'algum soccorro na empreza, que eu meditava, de cortar alguns barrotes do alçapão. Não podendo ajudar-me delles para nada, subi por huma especie de escada, que havia n'um canto, cortada na mesma terra, e principiei a esfuracar com huma espada por entre os barrotes, cujas separações erão com pouca differença de duas pollegadas. A facilidade, com que a espada passava, me fez conhecer, que o sobrado, que sustentava a terra d'uns a outros barrotes, não podia ser senão d'aspas de canastra, ou d'outra cousa tão delgada. Augmentando cada vez mais as minhas esperanças, fui buscar a chave de desandar os parafusos da carruagem, e batendo com ella para cima, lancei fóra as aspas, e a terra com tanta facilidade, que em menos de seis minutos, fiz huma grade em toda a distancia, aonde podia chegar.

Com

Com a luz, e com o novo ar, comecei tambem a respirar huma alegria, que me figurava vencidas todas as difficuldades. A luz me fez ver que havia hum grosso caibro, o qual atravessava o alçapão pelo meio, servindo-lhe como de viga a sustentar os outros. Examinando os caibros, achei que estavão podres; e animando-me cada vez mais, fui buscar o eixo da carruagem, que tirei com bastante trabalho, e apartando os meus companheiros debaixo do alçapão, subi a cima, e firmei huma ponta entre hum barrote, e o caibro, que atravessava, e fiz toda a força que pude para quebrar o mais delgado; mas em lugar do effeito, que esperava, tive a doce surpreza de ver quebrar o caibro, que atravessava, e cahir todo o alçapão com a terra, e com as pedras, que o seguravão, ficando sómente tres caibros d'um lado, e dous do outro, por não terem pezo, que os obrigasse.

Contentissima com este feliz successo, sahi fóra, e olhei para todos os lados, para examinar se via alguem, mas achando tudo deserto, desci outra vez, e tirei as pistolas dos ladrões mortos, e as d'Aguillar, as quaes distribui pelos tres companheiros, apartan-

 do-

do-os para dentro da caverna, de modo que não pudeſſem ſer feridos pelos noſſos inimigos, no caſo que appareceſſem no tempo da minha auſencia. Eu lhes diſſe que paſſadas duas horas mais, principiaſſem a deſparar alguns tiros, de tempo a tempo, para que as gentes, que Gidalbani ſegurava, que ſeu Pai devia mandar a explorar o terreno, pudeſſem vir encontrar a caverna.

Diſpoſtas aſſim as couſas, ſahi, dirigindo-me para Bilboate, por hum atalho, que Gidalbani me tinha annunciado, o qual apartando-ſe da eſtrada pela parte debaixo, ſe tornava a metter nella dahi a meia legua. Eu teria apenas andado oitocentos paſſos pelo atalho, quando vi pela parte de cima, huma propriedade tapada, com vinha, com arvores, e com huma caſa terrea, que fumegava. Eſperando encontrar alli gente, que me pudeſſe ſervir d'algum ſoccorro, ſaltei o muro, que era baixo, e dei volta á caſa a procurar a porta, que ficava da parte oppoſta. Qual foi o meu eſpanto, quando depois de chegar á porta, que eſtava meia aberta, em lugar d'achar quem me déſſe algum ſoccorro, vi os la-

ladrões a jantar á roda d'uma toalha eſtendida no chão. Não obſtante a perturbação, que me cauſou eſte infernal encontro, tive a lembrança de fechar promptamente a porta, e de dizer, *aqui eſtão todos*, mas ſem perder tempo, corri com tanta precipitação, em quanto me não cancei, que nem ao menos me lembro do modo, por que paſſei o muro. Depois de ter andado hum quarto de legua, e chegado a hum alto, donde ſe deſcubria quaſi todo o caminho, voltei para traz, e não vi ninguem. Como eu hia extremamente cançada, deſcancei alguns momentos, mas com os olhos á lerta para a parte donde eſperava o mal. Em menos de dous minutos deſcubri os taes amigos, e ſem eſperar para os reconhecer de mais parto, continuei o meu caminho com a ligeireza que pude, mas as pernas dos meus perſeguidores erão tão ſuperiores ás minhas, que fazião cada vez menor a diſtancia, que nos ſeparava; e entrárão na eſtrada, com pouca differença quatrocentos paſſos atraz de mim.

Eu hia tão cega, que não vi hum atalho, que me ficava á direita: vantagem que os meus inimigos não perdê-

dêrão. Quatro dos que vinhão adiante seguirão este atalho, entretanto que os outros fizerão hum fogo tão vivo sobre mim, que me parecia d'um exercito inteiro. Por felicidade minha nenhuma bala me tocou; e os mesmos tiros destinados para tirar-me a vida, forão justamente os que ma conservárão. Os quatro, que seguirão o atalho, começárão a gritar para me aterrarem; não obstante os seus gritos, e o ir eu mui cançada, fiz todos os esforços, que me forão possiveis, e passei adiante da entrada do atalho na estrada, cousa de trinta passos antes delles. Sentindo diminuir muito a distancia, que nos separava, pela aproximação do tropel, que elles fazião, principiei a perder todas as esperanças de lhes escapar, e tomei a resolução de me matar, para não cahir viva em seu poder. Se ha alguma occasião, em que o suicidio possa ser necessario, ou desculpavel, he certamente em circumstancias taes, como as minhas, para evitar huma morte mais cruel. Mas como poderemos nós conhecer, que o remedio do nosso mal he absolutamente impossivel? O ultimo momento da nossa desesperação póde ser o immediato ao da nossa felicidade.

Con-

Conhecendo pelo tropel que elles vinhão já quasi sobre mim, parei para armar a pistola, que devia servir d'instrumento da minha morte. Eu armei este instrumento destruidor, e hia privar-me da vida, como o unico remedio do meu mal, quando ouvi hum assobio, seguido d'uma confusão de gritos; voltando para ver o que aquillo era, tive a doce consolação de ver os meus inimigos fugindo todos mais timidos, do que as ovelhas, quando são perseguidas dos lobos. Cheia do contentamento, que nestas circumstancias d'afflicção devia produzir em mim hum fenomeno de semelhante natureza, não podia comprehender a causa, que o produzia. Menos d'um minuto bastou para fazer-me conhecer, que não era terror panico, o que os fazia assim fugir. Hum grande número de Cavalleiros galopeando fortemente, tinha sido visto por hum dos ladrões, que vinha atraz, onde o caminho era mais levantado, e dando o assobio, que annunciava aos outros o perigo, tinha produzido aquella fugida precipitada, e a minha felicidade. Eu vi chegar estes Cavalleiros, e perseguirem animosos os inimigos, que buscavão, e que terião lo-

logo alcançado, a não ser huma grande aberta, que a escavação da agua tinha feito ao comprido do monte, para onde os fugitivos se retirárão.

Eu disse que os tiros servírão a conservar-me a vida, porque soube depois que estes Cavalleiros, que vinhão acompanhados de muita gente de pé, destacárão a galope, quando os ouvírão, para não perderem a occasião d'apanhar os ladrões, que elles suppunhão occupados em outro combate. Alguns minutos depois dos Cavalleiros, chegárão os que vinhão a pé, e alguns mais a cavallo em bestas menos ligeiras. Eu lhes contei as circumstancias, em que se achava Gidalbani, e elles me derão huma besta para os dirigir á cova, a soccorrer os infelices, que lá estavão. Eu parti com vinte e quatro destes homens, e mais de trinta forão para o monte, para com os outros, que já lá andavão, perseguirem os ladrões. Nós apertámos tanto o passo, que chegámos á cova em menos de meia hora. Eu fui a primeira, que fallei aos meus antigos companheiros, para os segurar de que a gente, que m'acompanhava, era o soccorro, que elles esperavão. Hum momento depois desci seguida d'alguns homens, para os tirarmos fóra; o que nos deo muito trabalho, por amor do infeliz estado, em que elles se achavão. Estes pobres invalidos forão com a bagajem conduzidos ao quartel da laude, escoltados por dez homens; e eu acompanhei os outros, que forão a toda a pressa reforçar o corpo, que perseguia os ladrões.

Nós os achámos cercados em hum pinheiral, onde elles se tinhão acolhido, cujo pinheiral teria quatrocentos passos de diametro. No seu centro havia hum campo sem arvores, plantado d'hortaliças, o qual teria ao mais quinhentos passos de circumferencia; e no centro do campo havia huma casa de madeira de trinta pés de comprimento, e vinte de largura. A hum lado junto aos pinheiros estava hum cabanal com dezoito bestas, comprehendidas neste número as da carruagem, onde eu vinha, e as da familia de Gidalbani. Nós principiámos a encher-nos d'alegria, pela segurança da preza, que buscavamos, e pela esperança, que as bestas de Gidalbani nos annunciavão, de que encontrariamos a sua familia dentro da dita casa.

O momento, em que os ladrões se encerrárão dentro desta casa, foi seguido d'uma confusão de gritos de gente, e d'hurros d'animaes, que fazia tanto mais espanto, que era produzida por hum incendio. Forçou-se a porta, e toda a casa por differentes lados; fizerão-se todos os esforços para salvar a familia de Gidalbani, que se suppunha dentro; porém as chammas ateando-se repentinamente por toda a parte, fizerão inútil todo o trabalho.

Os progressos do incendio forão tão rápidos, e a lavareda augmentou com tanta força, que no espaço de poucos minutos chegou a tanta altura, que parecia querer perder-se nas nuvens. O horror, e o abatimento, que esta horrivel scena causou aos espectadores, produzio effeitos tão fortes, que alguns perdêrão os sentidos, e outros parecião mais estatuas, do que figuras animadas. Tudo foi reduzido a cinzas em pouco mais de duas horas.

Hum dos que tinhão ido comigo á cova, disse, que não era possivel que hum incendio tão violento fosse o effeito d'algum descuido; que para que as chammas pudessem atear-se tão rápidamente, era necessario não sómente dei-

deitar-lhe fogo em muitas partes ao mesmo tempo, mas que a lenha estivesse disposta para isso de proposito; que era natural que houvesse outra cova debaixo da casa, onde elles se tivessem refugiado por meio d'algum alçapão, porque não era crivel que todos elles se concordassem, a querer morrer queimados. Elle sustentava tudo isto, dizendo, que se o fogo fosse obra do acaso, necessariamente se havião de poder salvar algumas pessoas. Esta lembrança foi tão applaudida de todos, que desde o mesmo instante s'encaminhou para aquelle sitio hum pequeno regato, que alli corria: fizerão-se alguns póços, e lançou-se tanta agua no brazido, que em menos d'uma hora estava tudo apagado. Limpou-se o terrado da casa, para ver s'apparecia o imaginado alçapão; mas tudo foi inútil, porque a terra estava tão dura, e tão batida como póde estar a d'uma estrada bem seguida. Tal he a contradicção dos homens, que os mesmos, que tinhão applaudido mais a lembrança do alçapão, forão os primeiros, que a ridiculizárão. O que fazia rir mais da tal lembrança, era o haver hum poço no mesmo terrado, que tendo dezeseis palmos d'altura, tinha dez

d'a-

d'agua, o que parecia hum final evidente, de que a seis palmos haveria agua, e por consequencia impossivel a tal casa. Seria quasi Sol posto, quando se concluio a função, e querendo nós conduzir as bestas para Bilboate, foi impossivel achar meio para as fazer sahir do pinheiral. Nós partimos em fim, deixando lá dez homens, para guardarem os restos do incendio, até o dia seguinte que se levassem joeiras, e as mais cousas necessarias, para separar o ouro, e a prata, que se suppunhão misturados com elles.

Eu fui hospedada em casa de Gidalbani, onde tambem estava Aguilar. Póde julgar-se qual seria a afflicção, e o abatimento do resto da infeliz familia, ouvindo a noticia da fatal catastrofe do pinheiral. Eu tive toda a noite tão vivas as imagens daquella horrivel scena, que não pude dormir hum só instante.

No dia seguinte de manhã chegárão quatro homens dos que tinhão ficado no pinheiral, e disserão a Gidalbani, que a sua familia estava gozando da Bemaventurança, e que todos os ladrões tinhão sido condemnados ás penas eternas. E como sabeis vós isso, lhe

lhe perguntou o afflicto velho. Esta noite, respondeo hum delles, serião com pouca differença duas horas depois da meia noite, appareceo no sitio do incendio huma alma vestida de branco, e requerendo-lhe eu da parte de Deos, que disesse o que queria, ella me respondeo, que vinha da parte do Altissimo annunciar-nos, que tendo o mesmo Senhor achado a vossa familia em estado de graça, e não podendo já soffrer os attentados dos facinorosos, que se refugiavão neste sitio, permittio o incendio, do qual vós fostes testemunhas, para salvar huns, e punir os outros: dito isto, tornou a desapparecer. Eu vos agradeço, lhe disse Gidalbani, as boas intenções, que vos fizerão inventar esta historia, para alliviar a minha afflicção. Elles fizerão juramentos, e protestações, vendo que não erão acreditados, para segurarem que o facto era verdadeiro, dizendo, que podião informar-se tambem com os que lá tinhão ficado.

O tom de firmeza, e de segurança, com que estes homens fallavão, mostrava tanto a linguagem da verdade, que não pude persuadir-me que fosse impostura o que elles affirmavão; e discor-

ren-

rendo ſobre todos os meios, que me lembrárão, capazes de os poder illudir, cheguei a deſcubrir o modo, por que tinhão ſido enganado. Eſta importante deſcuberta produzio a liberdade da familia, que ſe julgava conſumida pelas chammas, e o caſtigo dos crueis aſſaſſinos, os quaes ſem ella continuarião por muito tempo no exercicio das ſuas infames atrocidades.

Para não occupar os meus Leitores com os differentes diſcurſos, com que cheguei a eſta deſcuberta, direi ſómente, que a devi á judicioſa obſervação do dia antecedente, combinada com a embaixada da pertendida alma do outro mundo. A minha conclusão foi, que o poço devia communicar por meio d'um tanque, ou canal, a algum ſubterraneo, onde os ladrões ſe tiveſſem ſalvado, e que os gritos no principio do incendio terião ſido fingidos, para melhor nos enganar. A ſuppoſta Embaixatriz do Altiſſimo não podia deixar de ſer algum dos ladrões, que, ſahindo a examinar o terreno, ſe lembraſſe daquella reſpoſta, que a meſma pergunta lhe podia facilmente ſuggerir. Hum talho de terra, que eu me lembrava de ter viſto cavado de freſco, e com al-

algumas couves, que me parecião plantadas da meſma hora, podia bem ſer hum eſtratagema, imaginado para occultar o alçapão, que conduziſſe ao ſubterraneo. O poço dentro da caſa, quando me parecia que fóra devia ſerlhes muito mais cómmodo, era huma circumſtancia, que junta com as outras, me confirmava cada vez mais nos meus raciocinios.

A' força de combinações, e d'exames bem meditados, cheguei a olhar a minha ſuppoſição, quaſi como huma verdade demonſtrada, e reparando que o não terem os ladrões lançado as mulheres na cova, era hum final evidente de que as conſervavão, para inſtrumentos dos ſeus brutaes appetites, eſperava achallas ainda vivas, e talvez ſem ſoffrerem o ſacrificio, a que erão deſtinadas. Enthuſiaſmando-me com tudo iſto, corri a pedir á Gidalbani, que me fizeſſe apromptar huma beſta, e toda a gente que foſſe poſſivel, para m'acompanhar ao pinheiral, porque tinha boas razões, para julgar ainda viva a ſua familia. Eu lhe diſſe conciſamente quaes erão eſtas razões, e parti acompanhada dos criados da caſa, e d'oito viſinhos, que s'apromptárão em pou-

pouco tempo. Muitas mais peſſoas me ſeguirão logo, e não nos eſquecêrão algumas ferramentas, e outras couſas, que podião ſer neceſſarias. No meſmo momento, em que cheguei, fiz examinar a terra, que me parecia cavada de freſco, e com tanta facilidade, que na primeira cavadella ſe conheceo que a enxada batia em madeira: apartou-ſe a terra, e achou-ſe o alçapão, como eu tinha imaginado. Abrio-ſe eſte alçapão, porque não tinha por baixo fecho, que o ſeguraſſe; e a primeira viſta, que o ſubterraneo nos offereceo, foi a mulher, e a criada de Gidalbani, aſſentadas ao pé das duas filhas, as quaes parecião mortas, eſtendidas no chão. A eſcada, por onde ſe deſcia, era feita de nove degráos mui bem talhados na meſma terra. Os homens, que ſe achavão da parte, onde ella eſtava, deſcêrão precipitadamente, ſem ſe lembrarem de que podia haver algum perigo, e forão ſeguidos d'outros muitos, com tão bom ſucceſſo, que tirárão todas as mulheres para fóra, ſem que os ladrões fizeſſem alguma reſiſtencia. Cheios de temor, e de confuſão pela incerteza do ultimo effeito dos ſeus eſtratagemas, elles não tinhão attentado em nada contra

tra ellas. Huma das duas, que parecião mortas, tinha perdido os ſentidos, e nem ao menos ſabía onde eſtava; a outra, não obſtante o ter ſoffrido dous accidentes ſucceſſivos, conhecia perfeitamente as triſtes circumſtancias, em que ſe achava; e fingia a continuação dos meſmos accidentes, para evitar algum inſulto: temporizando por eſte modo, na eſperança de que lhe chegaſſe algum ſoccorro da parte de ſeu Pai.

A que tinha perdido os ſentidos, principiou logo a recobrallos, com a applicação d'alguns eſpiritos. Póde julgar-ſe qual ſeria o contentamento deſta familia vendo-ſe na ſua liberdade; e o meu por ter ſervido d'inſtrumento para lha fazer recobrar. Nós partimos para Bilboate, e os ladrões forão conduzidos para a cadêa, onde confeſſárão algumas couſas importantes; enſinárão como ſe devião fazer ſahir as beſtas do pinheiral, e diſſerão que toda a ſua infelicidade fôra originada do terror, que lhes cauſárão as minhas palavras, *aqui eſtão todos*, porque tinhão ſuppoſto que eu hia acompanhada da Juſtiça, circumſtancia que os tinha deixado muito tempo indeciſos, ſobre o partido que tomarião.

O poço era feito de pedra, com hum tanque para dentro do ſubterraneo, betumados hum, e outro de modo que ſeguravão a agua, a qual elles lhes fazião conduzir do meſmo regato, donde nós a tinhamos tirado para apagar o brazido. Acharão-ſe neſte ſubterraneo quaſi todos os deſpojos dos infelices paſſageiros, que elles tinhão aſſaſſinado. Elles hião algumas noites á cova enterrar as peſſoas, que lá deitavão de dia; e ou eſtiveſſem vivas, ou mortas, elles as enterravão todas como as achavão.

No eſpaço de dez dias, que foi preciſo, para que Aguillar ſe reſtabeleceſſe em termos de continuar a jornada, recebi deſta eſtimavel familia todos os ſinaes imaginaveis de gratidão, e d'amizade. Methildes, huma das mulheres mais bellas, que tenho viſto, começou a namorar-ſe tão perdidamente de mim, que m'abraçava públicamente, chamando-me o ſeu libertador, e o ſeu Eſpoſo. O velho Gidalbani me diſſe hum dia, eſtando ambos ſós, que elle deſejava poder dar-me provas bem evidentes do ſeu reconhecimento, e da ſua gratidão; que longe de culpar os exceſſos de ſua filha, ſería o primeiro

a unir-nos ambos, ſe as minhas circumſtancias me não impoſſibilitaſſem para o Matrimonio. Eu conheci por eſte diſcurſo, que elle me tomava por hum dos infelices Cantores, que a barbaridade Italiana priva da doce ſatiſfação de ſeguir os deſignios da Natureza, na propagação da eſpecie humana. Como eu fazia tenção de tomar o traje proprio do meu ſexo, logo que chegaſſe a Portugal, não tive dúvida em deſabuſar eſte reſpeitavel velho, e a minha amante, pedindo-lhes que me conſervaſſem o ſegredo, em quanto eu não ſahia da Italia, e continuei a minha jornada para Genova, cheia de preſentes, e recommendada, para que lhes eſcreveſſe, logo que chegaſſe ao meu deſtino.

CAPITULO VIII.

Da Hiſtoria de Tillano.

TErminados todos os preparativos, que julgámos neceſſarios, embarcámos n'um navio Genovez para Lisboa, com animo de fazermos por terra o reſto da jornada até o Porto. Poucos dias antes da minha ſahida de Geno-

va, tive a fortuna de comprar huma Bibliotheca bem escolhida por metade do seu valor. No mesmo dia, em que comprei esta Bibliotheca, comprei tambem a hum Estudante Portuguez, que hia ordenar-se a Roma, as *Memorias d'Agricultura coroadas, e impressas por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa*: Memorias que eu li com gosto, por ver os progressos, que os Portuguezes principiavão já a fazer em Agricultura. A bórdo do mesmo navio embarcárão tambem tres passageiros, dous Negociantes, hum Genovez, e o outro Genebrino, e hum Hespanhol. Este ultimo teve a complacencia de nos contar a historia da sua vida; eu a vou transcrever com tanta fidelidade, como a minha memoria o permittir.

O meu nome, disse elle, he Dom José Tillano, e a minha patria Salamanca, minha Mãi Dona Josefa de Vega morreo do mesmo parto, que me fez vir ao mundo, e meu Pai D. Pedro Tillano, homem de poucas luzes, querendo consolar-se da saudade, que lhe causava a falta de sua Mulher, com a felicidade, que elle reputava de ter hum filho, chegou a sua affeição para mim

a hum ponto d'estupidez. Desde a idade de seis até doze annos, tempo que gastei para aprender a ler, e a escrever mui mal, tive vinte e tres Mestres, porque logo que algum delles me castigava, ou reprehendia com alguma fortaleza, era despedido. Os criados não tinhão melhor fortuna, quando não mostravão huma completa complacencia a conformarem-se com todas as minhas vontades. Com esta bella educação, eu me fiz o despota da casa, e ganhei tanta soberba, que julgava que todo o mundo me devia obedecer.

Aos doze annos fui mandado para Madrid, para huma especie de Collegio, onde hum só Mestre ensinava as Linguas, Ingleza, Latina, e Franceza. Elle recebia cada mez vinte pezos duros de pensão, e a ouvillo os Discipulos sahião no fim de quatro annos, sabendo fallar, escrever, e traduzir bem as tres Linguas. O credito do Mestre, que na verdade era habil, chegou ao ponto de fazer-lhe juntar 60 Discipulos, o maior número que podia accommodar no tal Collegio. Quando eu cheguei, tinha 42, quasi todos des de 12 até 15 annos; com os quaes me quiz mostrar tão altivo, como fazia

com os criados de minha caſa. As couſas corrêrão d'um modo differente do que eu penſava, porque em lugar de condeſcendencia, recebia inſultos, e algumas vezes pancadas. He verdade que eu fazia tambem o que podia, porém como elles erão muitos, a deſvantagem ficava ſempre da minha parte. Eu tomei o expediente de me queixar ao Meſtre, e as minhas primeiras queixas produzirão o exito, que eu me propunha; porém o Meſtre vendo que ellas continuavão, achou o meio de as fazer ceſſar, involvendo-me no meſmo caſtigo dos accuſados.

Perdendo a minha antiga ſoberba com os deſprezos, que ſoffria dos meus companheiros, tomei ultimamente o ſyſtema de os tratar como bons amigos, condeſcendendo com as ſuas vontades, para os obrigar aſſim, a que elles condeſcendeſſem algumas vezes com as minhas. Em pouco tempo chegámos a viver tão familiarmente, como ſe foſſemos irmãos, á excepção d'algumas diſputas paſſageiras, ſempre indiſpenſaveis em ſemelhantes companhias.

Todo o meu eſtudo conſiſtia em decorar os dialogos da arte, e em tra-

duzir alguns periodos dos Commentarios de Ceſar, do meſmo modo que os poderia aprender hum papagaio. O Meſtre eſcrevia algumas vezes a meu Pai, dizendo-lhe que eu fazia grandes progreſſos; e como as cartas lhe produzião regularmente bons preſentes, elle tinha o cuidado de as repetir. Elle me mandou no terceiro anno copiar huma carta latina, eſcrita em meu nome para meu Pai; e tal era a minha ignorancia, que ainda copiando letra por letra, fiz ſinco copias, para tirar huma capaz de ſervir. Meu Pai, que não ſabia Latim, moſtrou eſta carta a algumas peſſoas do ſeu conhecimento, e como a occupação, em que elle eſtava de Theſoureiro da Fazenda, era de muita dependencia, e o número dos aduladores he ſempre grande, elles lhe fizerão grandes elogios, não obſtante o ſaberem, que a carta não era minha, por que era tirada quaſi toda de Cicero. Elles ſabião além diſſo, que entre todos os Eſtudantes do Collegio não havia hum ſó, que ſoubeſſe fazer huma oração Latina.

No fim de quatro annos, voltei a Salamanca fallando algumas palavras Francezas, e Inglezas, e ſem ſaber da

Lin-

Lingua Latina nem ao menos os primeiros rudimentos. Os progreſſos dos meus companheiros forão com pouca differença iguaes aos meus, á excepção de dous, que não perdêrão o tempo, porque aos principios, que já levavão de fóra, ajuntárão huma applicação regular, e conſtante. Com a indiſpoſição para o eſtudo, adquiri tambem o vicio da mocidade literaria, que arruinou alguns dos meus companheiros, e eſteve em termos de me perder.

Meu Pai, que me julgava hum grande Satrapa, quiz que eu ſeguiſſe a Univerſidade. Na veſpera do dia do meu exame, fui á Igreja de S. Franciſco encommendar-me a Noſſa Senhora da Soledade, e fazer-lhe algumas promeſſas, para que me fizeſſe ſahir triunfante. No dia ſeguinte fui para a ſala dos exames, e como hum dos Examinadores era amigo de meu Pai, fui approvado, a pezar de não ſaber as partes da oração, nem em que ſe diſtinguião os nomes dos verbos. A' ſahida do exame, achei mais de ſincoenta Eſtudantes, que me eſperavão, para que lhes pagaſſe a patente; e que me levárão quaſi no ar até o primeiro Café, onde achei o meio de os illudir,

dir, eſcapando-me no meio da função; o que os obrigou a pagarem a deſpeza, que fizerão. Dous dias depois voltei á Igreja de S. Franciſco a cumprir as minhas promeſſas, e agradecer a Noſſa Senhora o milagre, que ſuppunha, que ella me tinha feito; porque eu era tão ignorante, que attribuia a baixa adulação dos Examinadores a milagre da Senhora; como ſe a Mãi de Deos foſſe capaz de ſ'intereſſar para fazer prevalecer a mentira?

Dous dias depois fui matricular-me a caſa do Juiz dos Eſtudos na Faculdade de Canones, cuja Aula ſegui alguns dias, e deſamparei-a logo, porque não entendia huma ſó palavra da explicação do Lente. Ainda que não frequentei a Aula, achei o meio de conſeguir as Cedulas d'aſſiſtencia, por via da Ama do meſmo Lente, e não erão os unicos favores, que ella me concedia. Eu tinha a malicia, para enganar meu Pai, fazendo que eſtudava, de ler alguns livros Francezes, que entendia mui mal, ainda com o uſo do diccionario. Dous mezes depois da aventura do Café, tive a infelicidade d'encontrar fóra da Cidade ſeis Eſtudantes

do

do número dos enganados, cujos amigos lembrados do que eu lhes tinha feito, julgárão ficar bem pagos, dando-me huma piza d'arrochadas, que m'obrigou a sangrar-me, e a passar vinte dias de cama. Para occultar a meu Pai a causa, que m'obrigava ás sangrias, e á cama, fingi que tinha dado huma grande quéda da escada; e o bom homem, que acreditava tudo o que eu lhe dizia, como hum Turco póde acreditar o Alcorão, creo a minha peta, como huma verdade infallivel. Como a coufa era mui pública por toda a Cidade, D. Antonio Nunes, hum seu amigo, tomou a liberdade de o avisar, para que tomasse alguma satisfação do meu insulto; mas em lugar de o acreditar, elle lhe disse que tudo aquillo erão historias inventadas por inimigos, e que a verdade era, que eu tinha cahido d'uma escada. O amigo Nunes conhecendo por experiencia, que não havia necessidade de dizer todas as verdades, e menos ainda aos Pais a respeito dos filhos, mudou de conversação, e foi depois disso mais reservado. Logo que estive bom, e bem restabelecido, esperei os meus inimigos de noite, cada hum separadamente, e convidei tres de mo-

modo que ficárão bem pagos por toda a divida.

Eu me formei no fim do quinto anno, e recebi as minhas Cartas como os outros. A muitos com iguaes talentos aos meus succedeo a mesma cousa; e eu soube depois, que a Universidade de Salamanca não era a unica, onde se fazião taes milagres.

Meu Pai partio quinze dias depois da minha Formatura para Biscaia, para tratar d'um litigio sobre huma herança d'um Tio, que lá lhe tinha morrido, deixando me n'uma completa liberdade, entregue á torrente dos meus vicios, e das minhas paixões. Eu possuia, á excepção do vicio de bebado, todos os mais, que podem fazer hum homem desprezivel; e pouco satisfeito com a collecção, que já tinha, quiz tambem ser freiratico, e dirigi os meus primeiros tiros para huma Dona Joanna Melibar, Religiosa de ***, a mais bella, e a mais gentil figura, que tinha entrado em Salamanca. Muitos Argonautas d'alto bórdo lhe tinhão feito já os seus ataques; mas a bella Melibar tratando-os a todos com hum soberano desprezo, zombava das settas de Cupido, e parecia mais dura do que o bronze. Os tri-

triunfos, que ella tinha alcançado ſobre os ſeus amantes, erão outros tantos incentivos, que m'animavão á empreza: cheio de vaidade a reſpeito da minha gentileza, e das minhas bellas qualidades, eu julgava impoſſivel, que houveſſe alguma mulher de bom goſto, que ſe não namoraſſe de mim, ſe m'examinaſſe com attenção. Poſſuido deſtes ſentimentos, diſpuz as minhas baterias, principiei o ataque, e cheguei muitas vezes os aproches, pondo em obra todos os meios, que a minha imaginação me podia ſuggerir para conſeguir a victoria; mas ella era tão inflexivel aos meus ataques, como o tinha ſido a reſpeito dos outros, e eu começava a conhecer, que todo o meu trabalho ſe perdia inutilmente; porque mais os meus esforços erão contumazes, mais ella fazia gala de os deſprezar. Ella olhava todas as minhas tentativas, como tolices deſconcertadas, e eu era reputado não ſó por ella, mas por todos os que ſabião da empreza, como hum amante temerario.

Conhecendo, que tudo era inutil, e deſeſperado d'augmentar com o número dos amantes vencidos o dos ſeus triunfos, eu hia deſamparar todas as mi-

minhas pertenções, e levantar o campo, quando o acaſo me fez deſcubrir hum meio efficaz. Hum dia tendo perdidas já todas as eſperanças, e abandonado as expreſsões de ternura, d'affecto, de conſtancia, e todos os lugares communs da collecção dos amantes, que eu acarretava abundantemente, quando nutrindo a minha paixão, m'enchião d'enthuſiaſmo, e de fogo, hum dia, em que lhe dizia friamente, que não podia conceber, como ella ſe pudéra reſolver a condemnar-ſe voluntariamente a huma prizão perpétua, ſenti hum ſuſpiro, que me pareceo exhalado do centro do ſeu coração. Conhecendo que ella era fortemente tocada deſte lado, tornei a inſtalla com expreſsões ainda mais fortes; e ella reſpondeo continuando a ſuſpirar, que a obediencia a ſeus Pais, e a condeſcendencia para a ſua vontade, erão as unicas cauſas, que a tinhão obrigado a entrar na clauſura, e a fazer-ſe infeliz, perdendo para ſempre a liberdade; que na triſte alternativa de ſe condemnar a huma prizão perpétua ſem crime, ou de commetter hum, que a izentaſſe della, fazendo-lha merecer, tinha eſcolhido o primeiro partido, porque preferia a infe-

felicidade de perder a liberdade á dos remorsos, que necessariamente devia causar-lhe a ingratidão para as obrigações, que devia aos que lhe tinhão dado o ser.

Eu lhe disse, rindo-me do seu discurso, que as obrigações, de que ella fallava, erão nas suas circumstancias desarrazoadas, e ridiculas; que o nosso nascimento era sempre a consequencia da satisfação dos prazeres de nossos Pais; e que o querermos nós ficar-lhes obrigados, pelo que elles fazião por amor de si mesmos, era estender muito os sentimentos de gratidão. Todos os viventes, continuei eu, são universalmente inclinados a reproduzir-se, e a criar os seus filhos por hum instinto natural, com que o Supremo Artista do Universo quiz que todos tendessem a conservar-se. As féras mais carniceiras crião os seus filhos, conduzidas unicamente por este instinto, e os Racionaes tem além disso dous principios tão fortes, que os conduzem ao mesmo fim; o temor do castigo, que as Leis positivas impõe aos que matão, ou deixão morrer os filhos ao desamparo; e a vaidade ainda mais poderosa, com que muitos delles crêm que sobrevivem á sua

sua morte, conservando os seus nomes nos seus descendentes.

O poder dos Pais sobre os filhos não he hum direito de nascimento, mas hum contrato tacito, que se suppõe entre huns, e outros. As obrigações dos filhos para os Pais devem medir-se pelos sentimentos, ou pelos sinaes d'amizade, que os Pais tem para elles. Ora o Pai, que embaraça ao filho a escolha do estado, onde elle se reputa mais feliz, para o constranger a abraçar as suas fantasias, fazendo-o perpétuamente desgraçado, he hum tyranno. Em semelhantes circumstancias cessão todas as obrigações, e a mesma obediencia deixa de ser virtude; porque nem as intenções do Legislador Eterno, nem as dos Legisladores da terra bem illuminados, podem ser nunca de sacrificar os filhos a soffrer perpétuamente males reaes, para nutrir a felicidade imaginaria, que os Pais fazem consistir na satisfação dos seus caprichos.

Os suspiros da Melibar erão originados da perda da sua liberdade. Constrangida pela barbaridade de seu Pai a abraçar a vida religiosa, ella não tinha tido hum só momento d'alegria, desde o dia da sua Profissão, em que li-

tinha pronunciado a sentença fatal, que a condemnava a ficar perpétuamente encerrada dentro dos muros d'um Convento. Estas disposições favorecião os meus projectos; porque o meio mais seguro de consolar os infelices, e de ganhar a sua confiança, he o de tomar o seu partido, e de condemnar a mão injusta, que os opprime. Conhecendo que as minhas reflexões lisongeavão a sua paixão, a qual tendia toda para a liberdade, insisti sobre os mesmos principios, mostrando-lhe a necessidade de romper huma clausura, que a fazia desgraçada. O' Ceos! De que indignidades são alguns homens capazes! Eu levei a perfidia quasi ao ultimo ponto, onde ella póde chegar, persuadindo esta innocente, de que a queria conduzir á Roma, para fazer dissolver pelo Summo Pontifice o seu constrangido voto, e recebella por minha esposa. Eu lhe pintei com as cores mais vivas, que pude imaginar, a supposta felicidade, que nos esperava, segurando-a de que amando-nos reciprocamente, seriamos no estado de Matrimonio mais uteis a Deos, e ao Estado. Tudo isto era sustentado por expressões de ternura, de fidelidade, e de constancia, acompanhadas com juramentos tão fortes, que parecião capazes d'enganar as pessoas mais experimentadas.

Com o soccorro de todas as minhas aleivosias, consegui o dominio completo do seu coração. E eu tive a habilidade de me armar d'uma escada de corda, e d'uma serra de móla, com a qual cortei em huma noite tempestuosa hum dos ferros, que seguravão a grade da sua cella á parede, de maneira que deixava a facilidade d'entrar, e de sahir, tornando outra vez ao seu lugar.

Tres mezes depois da época do meu triunfo, recebi hum bilhete, que me determinava, que lançasse o criado fóra no dia seguinte áquella noite, e que na seguinte a esperasse com a escada pelas tres horas depois da meia noite. Eu fui exacto na execução desta ordem, e tive o gosto de ver descer a Melibar, e de a conduzir a minha casa. Homens, e mulheres, todos são capazes de cousas extraordinarias, quando são conduzidos pela paixão! A Melibar teve o valor de desenterrar huma Freira, que tinha sido enterrada o dia antecedente, e de a conduzir á sua cella, depois de concertar a sepultura do mesmo

modo que a tinha achado. Trocando o seu habito com o da defunta, ella a tinha deixado ao pé d'um brazeiro, com a face sobre as brazas, e tão queimada, que lhe não deixava distinguir as feições.

Tudo succedeo como ella o tinha imaginado, as Freiras enterrárão segunda vez a supposta Melibar, lastimando-a principalmente pelo desgraçado modo, com que a suppunhão morta. A noticia, que s'espalhou logo por toda a Cidade, causou hum sentimento universal: eu, e ella gozavamos sós da satisfação de ver prosperar tão bem os nossos projectos. Eu principiei, para maior segurança, a despedir-me dos meus conhecidos, dizendo-lhes, que esperava hum amigo de Madrid, para fazermos ambos huma jornada a Portugal. Cinco dias depois da sahida do Convento, fiz vestir de homem a minha companheira, e parti com ella para a tal jornada, n'uma quarta feira, pelas duas horas depois da meia noite. Nesse mesmo dia andámos 14 leguas, e fomos dormir á Bemposta, primeira povoação de Portugal. Na Bemposta despedimos o arrieiro de Salamanca, alugámos outras bestas, e dirigimos a nossa jor-

jornada para Lisboa, onde chegámos no fim de doze dias, tendo andado perto de cem leguas, a maior parte dellas por caminhos, que parecião impraticaveis.

Em lugar de cumprir o que tinha promettido, e jurado d'embarcar, e seguir a jornada de Roma, eu principiei a aborrecer a Melibar, tratando-a com hum desprezo tão insultante, que a fazia passar a maior parte do tempo a chorar. Eu continuava na minha costumada vida sempre inseparavel das casas de jogo, onde perdi quasi todo o dinheiro que levava. A minha mania ultimamente era de me querer desforrar, esperando algum golpe de fortuna, porque não via, que os jogadores, com quem jogava, conhecião o meio de fazer illusorias as minhas esperanças.

Hum dia, que a minha infeliz companheira me vio entrar, e pegar em 30 moedas, o ultimo dinheiro, que nos restava, fez todos os esforços, que pôde para me embaraçar, que as fosse jogar. Ella me supplicou de joelhos, em nome de Deos, da Virgem, e de todos os Santos, que as conservasse como o unico recurso, que nos ficava. Sem este dinheiro a jornada de Roma era impos-

fivel, e eſta jornada fizia toda a ſua eſperança. Tudo o que ella deſejava, era o ver diſſolvido o ſeu voto, para nos podermos caſar legitimamente: circumſtancia, que, ſegundo o que ella dizia, a fazia feliz, ainda que foſſe obrigada a ganhar a ſubſiſtencia pelo trabalho das ſuas mãos. O erro, que o deſejo da liberdade lhe tinha feito commetter, não tinha deſterrado a virtude do ſeu coração. Qualquer outro homem teria feito grandes exceſſos para unir-ſe legitimamente com ella; mas eu era hum animal mui indomito, para conhecer a minha obrigação, e a felicidade.

Como eu não podia achar cauſa legitima para a deſamparar, tomei por pretexto a ſua meſma virtude, e deſconcordei com ella, dizendo-lhe, que era a mais impertinente mulher de todo o mundo; e que infaſtiado de a aturar com a ſua viagem de Roma, o meu animo era de a deixar para ſempre em liberdade. Dito iſto, ſahi deixando-a banhada em lagrimas, e inconſolavel. Em lugar de ir para o jogo, ſegundo o meu primeiro intento, paſſei o Tejo, e fui dormir a Alde-Gallega.

No

No dia ſeguinte tomei o caminho de Madrid, deixando eſta infeliz victima das minhas indignidades expoſta n'uma Cidade eſtrangeira a mil perigos, ſem dinheiro, ſem protecção, e ſem conhecimentos. Huma acção tão negra, e tão infame não podia deixar de me cauſar remorſos: eu os tive, e para tranquillizar a minha conſciencia, que m'acculava contra tão vil baixeza, entrei a perſuadir-me a mim meſmo com argumentos ſofiſticos, de que a minha conducta para com a Melibar não merecia as reprehenſões, que a conſciencia me fazia. Eu a tirei, me dizia eu a mim meſmo, da prizão perpétua, a que eſtava condemnada, para a trazer com grande trabalho a huma Capital brilhante, onde a deixei em liberdade. Que homem condemnado a huma prizão perpétua deixaria de ficar obrigado a quem lhe fizeſſe hum ſerviço ſemelhante? E que differença póde haver em que a ſentença foſſe proferida pelo orgão da Juſtiça, ou pelo do proprio Pai? O mal he ſempre o meſmo, e por conſequencia as obrigações para quem nos livra delle ſempre iguaes. Ella tem a habilidade, que lhe baſta, para ſe ſuſtentar pelo ſeu trabalho; e

além

além disso huma mulher bella não póde estar muito tempo sem protecção. Eu cheguei a socegar os meus remorsos á força de me convencer com argumentos de semelhante natureza: tanto póde a obstinação!

Em Madrid continuei no meu modo de vida ordinario, e como o vicio do jogo era dos que eu tinha mais arraigados, frequentei, como tinha feito sempre, os jogadores de profissão; mas conhecendo, ainda que tarde, que os Matritenses tão habeis, como os de Lisboa, sabião forçar as cartas a seguir a direcção, que elles querião, abandonei o jogo. As despezas das casas de pasto, dos espectaculos, das mulheres públicas, e o jogo, concorrêrão, ainda que desigualmente, a mostrar-me o fim da minha pequena fortuna. Vendo-me sem recurso nenhum, tomei o caminho de Salamanca, e fui procurar outra vez a casa paternal. Qual foi o meu espanto, quando entrando na casa, que servia d'escritorio a meu Pai, vi huma livraria, e hum homem adiantado em idade, sentado entre ella, e huma meza, embrulhado n'um chambre encarnado, com hum barrete branco na cabeça, e com óculos, lendo gravemente n'um in folio? Le-

Levantando hum pouco a cabeça do livro, perguntou-me o que queria, ao que eu respondi, que hia enganado procurar D. Pedro Tillano; que visto não assistir já alli, lhe pedia me fizesse a graça de me dizer onde morava. *Na cadea*, respondeo elle, e continuou o seu estudo. Eu conheci com facilidade, que este homem estava acostumado a vender as palavras, pela grande difficuldade, que tinha em as desperdiçar. Pouco satisfeito com a sua resposta, sahi, fui informar-me mais miudamente da sorte de meu Pai, e achei que o silencioso Letrado tinha fallado a verdade; que elle estava prezo, e todos os nossos bens confiscados, por hum grande alcance em que o tinhão achado, fazendo-lhe dar contas despois da sua volta de Biscaia. Eu soube tambem que elle tinha deixado hum processo pendente, a respeito da herança que fizera o objecto da sua jornada.

Eu tinha o coração tão duro, que nem ao menos o fui ver, e sahi de Salamanca no dia seguinte de madrugada, sem destino, e desesperado. No mesmo dia de tarde encontrei hum Sargento, que conduzia algumas recrutas para o Regimento de la Coroña, que estava

de

de quartel em Burgos. Julgando que não podia paſſar a circumſtancias mais triſtes, do que as em que me achava, tomei o partido de m'enganchar por cinco pezos duros, que m'offerecêrão, e fui dalli meſmo para o Regimento com os meus camaradas. A liberdade, e a molleza, á que eu me tinha acoſtumado, erão preliminares pouco proprios, para poder fazer hum bom ſoldado. O pouco tempo, que me reſtava das obrigações militares, era occupado a namorar huma Dona Michaella de Maſcarenhas, que aſſiſtia defronte do meu quartel. Eſta Maſcarenhas tinha enviuvado, havia pouco tempo, d'um mercador rico, era formoſa, e teria apenas trinta annos d'idade. Eſtas circumſtancias erão fortes para não ſer procurada: entre o número dos que lhe fazião o amor, havião dous Officiaes do meſmo Regimento, e por infelicidade minha, hum delles eſtava encarregado da Eſcola das recruras. Suppoſto ella não moſtraſſe preferencia decidida para nenhum, eu não era dos mais deſprezados, e como o meu rival julgou, que eu lhe fazia ſombra, principiou a trabalhar-me de tal ſorte com o ſerviço, e com prizões, que m'obrigou a deſertar.

Jul-

Julgando, que me ſeria difficil o poder-me eſcapar de dia, ſahi pela meia noite, e com tanta perturbação, que em lugar da minha farda, levei a d'um camarada, que dormia ao pé de mim. Como eu não ſabia a brevidade, com que ſe procuravão os deſertores naquelle Regimento, ſegui o caminho de Victoria, com animo de o não deixar, ſenão quando me aviſinhaſſe da raia de França, para onde determinava retirar-me. Se eu me tiveſſe extraviado da eſtrada, naturalmente eſcaparia, mas como o não fiz, pagei cara a minha ignorancia: fui prezo em Mondragão, e conduzido ao Regimento, onde me puzerão logo em conſelho de guerra. O ſoldado, que ficou com a minha farda, achou as minhas cartas, as quaes eu conſervava como huma couſa de grande ponderação, e foi entregallas ao Commandante da Companhia: eſta deſcuberta fez logo publicar, que eu era Bacharel de Salamanca.

Como a maior parte dos homens namorão mais com os defeitos dos outros, do que com as ſuas qualidades, hum dos Officiaes, que fazião a corte á Maſcarenhas, lhe diſſe que ella era a cauſa innocente da minha infeli-

ci-

cidade, e ſervindo-ſe deſte pretexto, contou-lhe tudo o que o Director das recrutas me tinha feito por amor della; eſperando perder no ſeu eſpirito hum rival, que lhe fazia ſombra. Indignada contra hum homem de ſentimentos tão baixos, ella julgou que não podia vingar-ſe melhor delle, do que tratando com deſprezo todos os ſeus obſequios, e preferindo o meſmo, que elle queria perder. Animada deſtes ſentimentos, foi viſitar-me á prizão, onde teve huma larga conferencia comigo. A ſumma deſta conferencia foi, que ella queria cuidar na minha liberdade, e receber-me depois por ſeu eſpoſo. Eu lhe fiz, ſegundo o meu coſtume, mil proteſtações d'affecto, e de fidelidade; e ella ſahio mui ſatisfeita, porque não conhecia o caracter do homem, com quem ſe mettia.

Ella me tratou depois diſto na prizão, como ſe eu foſſe já ſeu eſpoſo, e trabalhou na minha ſoltura com tanto calor, que fazia a admiração de todo o mundo. Julgou-ſe pelas protecções, que ella tinha buſcado, que o meu conſelho ſahiria abſoluto: a experiencia deſmentio todas as eſperanças, e eu fui ultimamente condemnado para Ceuta

ta por dez annos. A paixão, que eſta boa creatura tinha para mim, era já tão forte, que ſabendo eſta noticia, antes que chegaſſe ao Regimento, foi á prizão, e repartindo comigo os proprios fatos, com que hia veſtida, me fez ſahir diſfarçado em mulher, indicando-me huma caſa, onde eu devia retirar-me, e onde ſem perigo podia eſtar occulto, até tomarmos melhores medidas. O ſeu animo era de ſe retirar comigo para Portugal, o que podia fazer com facilidade, porque quaſi toda a ſua riqueza conſiſtia em dinheiro. Eu eſperei huma occaſião, em que chamárão ás armas, e como erão já Trindades, não fui conhecido pela ſentinella da porta da prizão, e eſcapei-me, por traz da Guarda.

Em lugar de tomar o deſtino, que a minha Bemfeitora me tinha determinado, ſegui outro oppoſto, dirigindo-me ſempre por fóra dos caminhos para a parte do mar, com animo de embarcar por marinheiro para alguma Nação eſtrangeira. Depois de eſconder os fatos de mulher, onde não foſſem facilmente achados, andei toda a noite, e o dia ſeguinte, ſem comer nada; e fui dormir a hum moinho, onde o

mo-

moleiro, que era hum bom homem, repartio comigo a sua pequena cêa. No dia seguinte de madrugada sahi do moinho, e andei até á tarde, porém como hia já mui cançado, e cheio de fome, e de somno, e de fraqueza, entrei dentro d'um prado, e fui comer algumas rabaças. Depois deste modico jantar, deitei-me a dormir sobre a mesma relva, debaixo d'um salgueiro, com animo de me montar, quando fosse noite, em huma de duas bestas, que alli andavão a pastar, apparelhadas, e vendella no dia seguinte á primeira pessoa, que ma quizesse comprar.

Eu teria apenas pegado no somno, quando os donos destas bestas, que tinhão sido testemunhas do meu triste jantar, sem eu os ver, me despertárão compadecidos de mim, para me fazerem comer com elles d'uma excellente merenda, que trazião acompanhada com huma boa borracha. Elles me perguntárão, conhecendo que eu era desertor, porque não tinha tomado para a parte de Pampelona, por onde podia escapar-me mais facilmente; ao que eu respondi, contando-lhes o que me tinha succedido na primeira deserção, e ajuntando mais, que o meu animo, era

era de me ir esconder em alguma povoação das montanhas, trabalhando para algum lavrador, que me sustentasse. Julgando pelo estado de consternação, em que me vião, que eu podia convir-lhes para os seus projectos, propuzerão-me de os acompanhar, segurando-me que podião fazer-me feliz, se eu fosse capaz de fidelidade, e de segredo. Eu lhes agradeci o grande favor, que me fazião, e para os segurar da minha fidelidade, fiz os juramentos, e protestações do meu costume. Pouco depois montei a cavallo com hum delles, dirigindo-nos para a parte do mar. Eu suppunha, que elles pertencião a alguma companhia de ladrões, e que, como Gil Braz, eu hia ser encerrado em alguma cova, destinado a servillos. O meu animo era de fingir sempre boa vontade, até que tivesse occasião de os enganar.

CAPITULO IX.

Continuação da meſma Hiſtoria.

AO naſcer do Sol chegámos a huma quinta, onde elles fazião a ſua reſidencia, apartada quatro leguas de Bilbáo. Elles não tinhão para os ſervir ſenão hum rapaz, que teria apenas dez annos, e como não podia fazer metade do ſerviço neceſſario, trabalhámos todos; huns a penſar as beſtas, e outros a fazer a cozinha: depois de jantar fomos deitar-nos, e tal era o meu ſomno, que dormi vinte horas ſucceſſivas. No outro dia de tarde accendeo-ſe lume ao pé d'uma fonte, que naſcia n'uma eſpecie de garganta da montanha viſinha; e eu fui com huma eſpingarda de quatro canos ſervir d'atalaia, vigiando do alto, não vieſſe alguem. As inſtrucções, que eu tinha, erão de dar alguns tiros de tempos a tempos, como quem andava á caça, e de deſparar dous, hum logo atraz do outro, ſe viſſe encaminhar alguma peſſoa para o ſitio, onde elles eſtavão. Elles fazião moeda falſa, em quanto eu vigiava, e deſde que concluião o ſeu trabalho,

lho, davão hum tiro, que ſervia de ſinal para eu ajudar a comer huma merenda, ſempre infallivel no fim da função; e eſta função era regularmente repetida huma vez cada ſemana. A merenda, na qual havia ſempre carne aſſada, era deſtinada para lhes ſervir de pretexto, no caſo que foſſem ſurprendidos.

Elles tinhão quatro beſtas excellentes, das quaes ſe ſervião alternativamente, para irem a algumas Feiras comprar, e vender differentes generos de fazenda: meio de que ſe ſervião, para eſpalharem os pezos duros da ſua fábrica. Tambem tinhão hum livro de razão, onde lançavão algumas parcellas verdadeiras das compras, e vendas, que fazião nas viſinhanças (as quaes para cautella erão ſempre feitas com boa moeda) e muitas imaginarias, tudo para ſe prevenirem. A experiencia moſtrou, que elles ſe tinhão conduzido com reflexão.

Hum dia depois de jantar, eſtando nós á janella, vimos chegar ſeis Officiaes de juſtiça, os quaes depois de ſe apearem, ſubirão, e diſſerão, que vinhão informar-ſe de quem nós eramos, e da noſſa conducta. Eu ſou D. Joſé An-

Andrez, natural d'Ourenſe, reſpondeo hum delles, ſem s'aſſuſtar, onde m'occupei do commercio por eſpaço de doze annos: pouco experimentado, eu tive a ſimplicidade d'empreſtar a maior parte do meu cabedal a differentes ſujeitos, que ſe fingião meus amigos, para m'enganarem. Soffrendo depois alguns revezes da fortuna, expuz aos meus devedores a neceſſidade, em que m'achava, mas não recebi hum ſó real; e dous infelices proceſſos, que intentei, não ſervírão ſenão para augmentar o número dos meus inimigos, e para acabar de m'arruinar.

Reduzido a huma horrivel pobreza, paſſei ainda ſeis annos em Ourenſe, ſem que os meus devedores fizeſſem algum caſo de mim, nem ao menos para me cortejarem. No fim deſte tempo, tive a felicidade de receber d'um Tio meu Frade, e Procurador do Convento de Cella Nova, huma porção de dinheiro, que me ſervio para reſtabelecer a minha fortuna. Fugindo da patria, onde tinha tantos inimigos, ſem os merecer, vim procurar eſta extremidade d'Heſpanha, e eſtabelecer-me fóra de povoado, para evitar o grande número de caloteiros, que ſe encontra por

por toda a parte. Aſſociando-me com eſte amigo, que conheci de probidade, eſcolhemos ambos eſte ſitio, para vivermos com menos deſpeza. Toda a noſſa occupação conſiſte em comprar, e vender differentes fazendas neſtas viſinhanças, contentando-nos de pequenos lucros, porque não temos, nem luxo, nem ambição. Dito iſto, moſtrou o livro, dizendo, que podião informar-ſe delle das fazendas, que achaſſem, e das peſſoas, a quem as tinhão comprado. Os taes amigos, que não erão de fazer ſangue, recebêrão vinte e quatro pezos duros em paga da diligencia, e voltárão mui ſeguros, de que tudo o que ſe lhes tinha dito era verdade.

Eu continuei alguns mezes no meſmo miniſterio, fingindo-me tolo, e eſpiando o meio de deſcobrir o ſitio; onde elles tinhão o ouro, que trocavão pelo eſtanho. Eu o deſcobri no fim de innumeraveis diligencias, mettido dentro do pezo d'um lagar, o qual picado por baixo, como as pias, tinha huma taboa para o ſegurar. Depois deſta deſcuberta, eſperei occaſião, em que elles eſtiveſſem fóra, para fazer a minha preza com ſegurança; mandei o rapaz

buſcar carne a huma aldèa viſinha, tirei perto de ſinco mil cruzados, que eſtavão no tal pezo do lagar, e montado n'um bom macho, tomei para a parte de França, ſem me dilatar no caminho, nem ao menos para aduanar o dinheiro, e o macho. Sem guia, nem paſſa-porte, comecei a deſmaiar, quando cheguei á margem do rio, que ſepára a França de Biſcaia; encaminhando-me para o ſitio da barca, onde eſtão huma guarda de ſoldados, e os guardas d'Alfandega, pata, ſegundo o ſeu coſtume, me fazerem paſſar por hum exame rigoroſo. O meu animo era de lhes dar algum dinheiro, e comprar a liberdade da paſſagem; mas eſte meio, que com hum, ou dous ſeria ſeguro, eſtando elles juntos, podia ſer o meſmo que me perdeſſe. A couſa de cem paſſos diſtante da guarda, indo já acompanhado d'um ſoldado, vi hum carro de mato, que paſſava de França para cá, e obſervei que a agua dava apenas pela barriga das mulas: como a eſtrada ſegue a margem do rio, eu cheguei a encontrar-me com eſte carro, juſtamente quando elle ſahia do rio, e entrava na eſtrada. O momento era apertado, e a occaſião boa. Illudindo o ſoldado, que m'acompanhava, e que hia tres paſſos adiante de mim, metti as eſporas ao macho, voltando-o para o rio, e paſſei para o outro lado, a pezar dos gritos, e das injurias dos guardas. Neſſe meſmo dia fui dormir a São João da Luz; e no ſeguinte cheguei a Baiona pelas nove horas da manhã.

Informado de que o Forbon partia no dia ſeguinte para Bordeus, vendi o macho, (que tinha tido cuidado de deſpachar) jantei, e depois fui divertir-me a ver a Cidade. No outro dia parti com o Forbon para Bordeus, onde me dilatei tres dias, a ver o que me parecia digno de curioſidade; e depois fui na Turgotina para París. Em París tomei logo conhecimento com hum Francez officioſo, que me levou a algumas Companhias, onde me divertia. O Iſte era certo todos as noites, e eu indiſpenſavelmente da partida; mas reparando pelas perdas continuadas, que as honras eſtavão ſempre nas mãos dos meus contrarios, conheci que as taes Companhias não erão das mais eſcolhidas, e deſamparei o divertimento.

Na meſma caſa, onde eu morava, aſſiſtia tambem huma dançarina chama-

da Mademoiſelle Lintal. Vendo as circumſtancias tão favoraveis para ſeguir as minhas inclinações, principiei logo a namoralla com palavras enganadoras, como tinha feito á Melibar. Não obſtante as minhas caravanas, eu tinha tão pouca experiencia, que não conheci que a artificioſa Lintal era capaz de me enfiar pelo fundo d'uma agulha. Sem amor, ſem fidelidade, e ſem nenhuma das qualidades d'alma, que fazem huma mulher amavel, ella teve a habilidade de tomar hum imperio tão forte ſobre mim, que m'obrigou a acompanhalla para Leão, ſeis mezes depois da noſſa intriga; e tudo iſto para acabar de me tirar o reſto do dinheiro, que ainda me ficava.

Em Leão teve logo por amante hum Mr. Caſqueret, negociante tão rico, que fazia trabalhar por ſua conta mil e ſeiscentos teares de ſeda. Eſte homem, que era extremamente zeloſo, dava ſincoenta luizes (*) cada mez á ſua amiga, além da caſa, e ſege, que lhe pagava de parte. Com eſta fortuna, e com o partido do theatro, ella tinha pouca precisão do meu dinheiro, mas era

(*) Cada luiz vale 3840 reis.

era mui ambicioſa, e não queria perder nada do que podia aproveitar. Ella tinha cuidado de me fazer aviſar das occaſiões, em que eu lhe podia fallar; eſtas occaſiões erão raras, e aſſim meſmo baſtárão para me perderem. Huma noite eſtando nós occupados dos tranſportes de Cupido, ſentimos parar á porta a carruagem do brutal Caſqueret; o lance era apertado, e eu não conhecia melhor partido, que o de me retirar para huma camara, que ficava ao lado, onde me podia defender, no caſo de ſer atacado. Tal era a minha reſolução, mas as ſúpplicas, e as lagrimas da Lintal conſeguírão de mim a eſtupida complacencia, de me metter deitado dentro d'um almario. No fim da manobra, batêrão á porta com tanta arrogancia, como a Juſtiça, quando vai prender alguem; a Lintal abrio logo, e o infame Caſqueret entrou acompanhado de tres lacaios, que erão outros tantos algozes; e perguntou logo onde eu eſtava. Ella negou, mas inútilmente, porque elle eſtava informado por boas eſpias, de que a preza eſtava dentro.

Depois d'algumas conteſtações, e diligencias a procurar-me, forão dar comi-

migo no almario; ligarão-me lá meſmo, ſacarão-me para fóra, e açoutarão-me cruelmente diante da Lintal. Eu ſoffri os açoutes ſem dizer huma ſó palavra, ardendo em raiva, e formando o projecto de me vingar: no fim do caſtigo fui ſolto, e conduzido até á porta da rua. Apenas me vi livre, corri a caſa, carreguei duas piſtolas, voltei, e puz-me á eſpreita de quando elles ſe preparavão para ſahir. Eu não tive a impaciencia d'eſperar muito tempo; a Lintal eſtava mui eſcandalizada, para lhe continuar os ſeus favores com tanta brevidade. Logo que os vi diſpôr para ſahir, corri mais furioſo do que hum leão, matei o boleeiro com hum tiro, e deſparei outro ſobre Caſqueret, que entrava na carruagem; mas como os cavallos ſe puzerão em fugida, eſpantados do primeiro tiro, não pude acertar o ſegundo, como deſejava. O lacaio, que tinha ido ao eſtribo ajudallo a ſubir, ficou tão mal tratado d'uma roda, que o lançou por terra, e que paſſou por cima delle, que morreo no dia ſeguinte. Eu fui prezo com as piſtolas na mão pelas Rondas, que acudirão de toda a parte ao eſtrondo dos tiros.

No

No dia ſeguinte pelas oito horas da manhã recebi hum recado por hum Religioſo de S. Franciſco, da parte do lacaio atropelado da roda, o qual vendo-ſe perto de dar contas a Deos, me ſupplicava o perdão do inſulto, para que elle tinha concorrido; e que me perdoava a parte, que eu tinha na ſua morte. Eu ſoube por via deſte Religioſo, que elle tinha confeſſado plenamente todo o facto diante de muita gente, exhortando alguns dos ſeus companheiros, que o tinhão ido viſitar, a que não concorreſſem nunca para as violencias de ſeus amos.

Os Miniſtros moſtrárão tanta preſſa para me julgarem, que fui condemnado no terceiro dia, a pezar de mil incompatibilidades na inſtrucção do meu proceſſo. Mais de metade dos Preſidentes tinha já votado de morte, e alguns querião, que eu morreſſe de morte cruel; aquelle dia era o ultimo da minha vida, (*) ſe me não valeſſe o virtuoſo, e incorruptivel Mardonnois. Eſte illuſtre Preſidente olhava os Magiſtrados, que ſe deixão corromper, pa-

(*) Em França o meſmo dia da ſentença de morte he tambem o dia da execução.

para sacrificarem ao seu interesse a vida, a honra, e a fazenda dos Cidadãos, como os mais infames de todos os mortaes. Quando lhe pertenceo votar, fez huma falla aos seus Collegas, dizendo-lhes, que não podia comprehender, por que encanto, ou força mágica s'obstinavão todos a condemnar á morte hum homem, que na verdade tinha violado as Leis, mas em circumstancias em que as Leis erão já insufficientes para lhe restituir a sua honra; que qualquer outro, que tivesse sentimentos honrados, teria buscado a desaggravar-se; que o meu crime era commettido na infeliz alternativa, que me obrigava a commettello, ou a ficar vil, e deshonrado todo o resto da minha vida. A maior parte dos Presidentes mudou de sentimento; eu fui condemnado ás Galeras por toda a vida, e conduzido a Marselha.

Toda o dinheiro, que appareceo na minha mala, cuja somma chegava a 130 luizes, foi absorvido pela Justiça. Quinze pistolas, (*) que eu tinha na algibeira, no tempo da minha prizão, e que a Ronda me deixou, forão o meu

(*) Cada pistola vale 1600 reis.

meu unico recurso. Em quanto pude comprar o que comia, e fazer alguns presentes aos meus Guardas, fui tratado com humanidade, e izento de sahir aos trabalhos públicos. Eu os ouvi muitas vezes lastimando a minha infelicidade, e condoendo-se de mim; mas estes supposstos sentimentos de compaixão cessárão, logo que o fim das minhas quinze pistolas me pôz na impossibilidade de remunerar os seus favores.

A primeira embarcação, em que sahi ao mar, cahio em poder de dous Piratas, que a conduzírão a Argel. Todos os cativos Christãos forão vendidos em praça pública, e como os compradores examinavão escrupulosamente, os que podião ser mais proprios para o trabalho, eu fiquei refugado, e não fui por isso mais infeliz, porque o Pirata, a quem eu pertenci, m'empregou a cuidar do seu jardim. Comparando a barbaridade, com que eu era tratado nas prizões de Marselha, com o modo, com que vivia em Argel, não devia lastimar-me do segundo cativeiro. Em Marselha passava os dias com hum barril ás costas carregado de cadêas, e as noites sem cama, prezo com hum gri-

grilhão como hum macaco. O meu ſuſtento conſiſtia n'uma tigella de favas, quaſi ſempre cheia de bichos, e n'um arratel de pão, tão duro, tão negro, e tão cheio de farello, e d'argana, que era indigno até para ſe dar a hum cão. Em Argel andava ſolto, comia bem, e trabalhava ſem tarefa. A generoſidade, com que os meus Patrões me tratavão, era hum grande eſtimulo, que m'obrigava a cumprir cuidadoſamente com todas as obrigações, de que eſtava incumbido.

O meu Patrão tinha huma filha chamada, Fatima mui bella, mas que eu via raras vezes, por ſer obrigado a ſahir do jardim, quando ella lá hia paſſear. Paſſados alguns mezes, recebi huma ordem ſua, para lhe ir fallar occultamente; cuja ordem eu executei com a ſatisfação de conhecer pela primeira vez, que ella me amava com exceſſo. Conhecendo a grande difficuldade, que havia a communicar-nos muitas vezes, ella quiz que eu aprendeſſe a nova linguagem, que o engenhoſo amor tinha feito deſcubrir aos eſcravos jardineiros, para correſponderem com as ſuas bellas ſem perigo. Eſta linguagem, que conſiſte na ordem, com que

que ſe diſpõe os vaſos d'um jardim, e nas differentes combinações, com que ſe arranjão as flores nos ramalhetes, tem feito grandes progreſſos em Argel. Eu aprendi na primeira conferencia as ſignificações de muitas flores, com differentes meios de as arranjar; e nas que ſe ſeguírão, acabei d'aprender tudo o que Fatima me podia enſinar, com tão bom ſucceſſo, que poſſo liſongear-me, de que levei eſta linguagem ao ultimo ponto de perfeição, onde ella póde chegar.

Não ſó cheguei a dar a cada flor muitas ſignificações differentes, fazendo-as diſtinguir claramente pelas de que eu me queria ſervir, mas tambem as mudava em verbos com as differenças dos tempos, e das peſſoas tão diſtintamente, como ſe podem eſcrever ſobre o papel. Todas as partes da oração erão tão bem deſignadas, que os noſſos ramalhetes explicavão as noſſas idéas, com tanta exactidão, como poderião explicar-ſe nas mais abundantes, e energicas linguagens da Europa. Algumas eſfoladuras, ou unhadas no pé da flor em baixo, no meio, ou em cima, huma folha recortada de tal, ou tal modo, e os recortes deſta folha,

com-

combinados com os da folha viſinha, da direita, ou da eſquerda, baſtárão para me darem combinações, que eu não pude nunca eſgotar.

Eu enſinava a Fatima todas as minhas deſcubertas, as vezes que nos communicavamos, e o goſto, com que ella as aprendia, era hum grande incentivo, que m'animava cada vez mais, a diſcorrer nóvos meios de as aperfeiçoar. A noſſa correſpondencia por eſte modo, era diaria, ella hia todos os dias ao jardim, e trocava o ſeu bilhete de flores pelo meu, que achava entre huma murta: lugar de que ambos tinhamos concordado. Eu julguei que morria de goſto em hum dia, em que li n'um deſtes bilhetes, que ſeu Pai determinava embarcar-ſe, para continuar as ſuas correrias, e que depois do ſeu embarque, o qual ſe devia effeituar em oito dias, poderiamos ver-nos com mais frequencia.

O embarque do Pai, ſuccedido juſtamente no tempo annunciado, nos deixou a liberdade de nos communicar muitas vezes, o que nós continuámos a fazer com tão pouca cautela, que fomos ſurprendidos no meio dos prazeres do amor, e conduzidos á preſen-

ſença do Cadi. As noſſas Leis, me diſſe elle d'um tom ſevero, mandão lançar no mar com a cabeça mettida n'um ſacco, a mulher, que tem commercio com algum Chriſtão; e o Chriſtão convencido deſte delicto he eſpetado n'um páo, onde para exemplo, fica á expectação do público, por muito tempo depois da ſua morte; mas iſto he ſe o Chriſtão fica firme na ſua Lei, porque ſe abraça a noſſa, então ambos os culpados ficão livres, e podem caſar-ſe, ſem que ninguem os embarace. Agora eſcolhe, continuou elle, entre eſtes dous partidos, e decide da tua ſorte, e da da tua complice.

Eu deteſtava os embuſtes, e as impoſturas de Mahomet, mas o temor da morte, principalmente da morte cruel, que m'eſperava, fez com que abracei, ſem balançar, o ultimo partido, fingindo meſmo que o abraçava com goſto. Iniciado nos principios do Alcorão, recebi a bella Fatima, á qual ſegurei, que o querer eu ſalvar a ſua vida, fôra o verdadeiro motivo da minha converſão. Quinze dias depois deſte acontecimento recebemos a noticia, de que o navio de ſeu Pai tinha ſido mettido a pique pelos Maltezes, com toda a equi-

equipagem: noticia que nos deixou ſenhores das grandes riquezas, que elle poſſuia. A pezar de todas eſtas riquezas, e do amor de Fatima para mim, que tinha chegado quaſi a loucura, deſde que troquei o chapeo pelo turbante, comecei a viver com tanto deſgoſto, que não achava huma ſó couſa, que me recreaſſe. Eu tinha paſſado muitos annos ſem cumprir com as obrigações da verdadeira Religião; e deſde o primeiro dia, em que abracei a falſa Seita de Mahomet, fui obrigado a ſeguir impreterivelmente todas as práticas, que ella determina. Chriſtão, eu tinha tido fé ſem obras, e Mahometano tive obra ſem fé.

O meu deſgoſto augmentou com tanta força, que me fez logo a vida inſupportavel: erão os remorſos do meu ultimo delicto, que fermentando com todos os outros inquietavão a minha conſciencia, e apartavão de mim a paz, e a tranquillidade d'alma, os primeiros, e os mais precioſos bens da Humanidade. Haverião dez mezes, que eu vivia n'uma das ſituações mais infelices, que podem imaginar-ſe, quando o acontecimento d'outro cativo Heſpanhol, identico ao meu, me deſper-

tou

tou inteiramente do meu erro, e me fez buſcar o remedio, que era ainda tempo de lhe applicar. Eſte Heſpanhol ſurprendido, como eu, com huma Moura, foi prezo, conduzido diante do Cadí, e perguntado ſe queria abraçar o Alcorão. Não obſtante ſer elle hum homem de poucas luzes, tinha a fé tão firme, que reſpondeo, que antes queria morrer mil vezes, do que conceber o penſamento de negar o Deos Eterno, que do alto dos Ceos tinha vindo tomar a fórma humana, para o remir com o ſeu Precioſo Sangue. Elle ſuſtentou conſtantemente tudo iſto, e morreo com huma intrepidez, que moſtrava bem a ſegurança da recompenſa eterna, que o eſperava. O ſeu exemplo fez huma impreſsão tão forte ſobre mim, que ſem perda de tempo buſquei o meio de me eſcapar d'Argel, para ir a Roma confeſſar as minhas culpas, e receber a abſolvição dellas do Verdadeiro Vigario de Jeſu Chriſto.

Como eu tinha abundancia dos metaes favoritos, que conſeguem quaſi tudo o que depende da poſſibilidade humana, paguei bem a hum Capitão de navio Hollandez, o qual a pezar

do

do perigo, a que s'expunha, me conduzio a Napoles, porto para onde elle se dirigia. De Napoles fui a Roma, onde consegui tudo o que me tinha proposto; e agora vou para Lisboa com animo de procurar a Melibar, de me lançar aos seus pés, se tiver a felicidade de a encontrar, e de reparar por todos os meios, que me forem possiveis, os grandes crimes, de que me fiz culpado para com ella. Não são lagrimas de Crocodilo, nem arrependimentos momentaneos, os que me fazem seguir o caminho da Salvação; he pelo arrependimento verdadeiro de todas as minhas culpas, e por hum proposito, firme de m'emendar para o futuro, que eu espero merecer a Misericordia do Altissimo.

CAPITULO X.

Como cahi em poder de Mouros sem o saber, e como me livrei do Cativeiro.

NÃo obstante a conducta desordenada de Tillano, e os grandes crimes espalhados na sua historia, não pude deixar de me interessar por elle, e

e de me compadecer das suas infelicidades. A confissão destes delictos, que qualquer outro teria occultado, era huma boa prova do verdadeiro arrependimento, de que nos fallava, e da mudança de costumes, que se propunha. Aguillar ao contrario dizia, que a tal historia era composta ao dedo, e que podião apostar-se seguramente dez contra hum, em que pelo menos, dous terços de tudo o que elle nos tinha contado, erão mentiras. As suas razões, para suppôr estas mentiras, erão tão futeis, que eu podia destruir-lhas com bastante facilidade, se não olhasse como hum dos principios essenciaes de prudencia o evitar todas as contestações desnecessarias.

A attenção, com que eu ouvia Tillano, e os bons desejos, que lhe mostrava, de que achasse seu Pai, e a Melibar em circumstancias de poder reparar-lhes as injustiças, com que os tinha tratado, fizerão tanta impressão sobre elle, que me principiou a olhar com tanta amizade, como se a nossa communicação fosse de muito tempo. Inimiga da ingratidão, eu correspondi a esta amizade tão desinteressada, estimando-o do mesmo modo. Em treze

dias, que gastámos de Genova até o Estreito, conversámos muitas vezes familiarmente; elle contando-me tudo o que sabía das Leis, dos usos, e dos costumes dos Africanos, e eu dando-lhe noticias, e descripções de differentes Cidades, que elle não conhecia.

Desde que entrámos no Oceano, tivemos o vento tão contrario, que não podendo dobrar o Cabo de S. Vicente, fomos obrigados a entrar muito pelo mar dentro, e a fazer differentes bórdos, para esperar que se mudasse para parte favoravel. Depois de trabalharmos nove dias, contra a continuação do vento sempre constantemente opposto, soffremos huma tempestade tão horrorosa, que nos julgámos muitas vezes nos ultimos momentos da nossa vida. As ondas erão tão violentas, e tão impetuosas, que cada huma parecia querer submergir o navio, e algumas passavão tão altas por cima delle, que nos fazião julgar a nossa perda sem remedio; porque suppunhamos que cada huma das que se succedião, era a ultima, que nos abysmava. Quarenta e oito horas successivas passárão, sem que nenhum de nós dormisse, ou comesse cousa de lume, porque não foi possivel fa-

fazer huma só vez a cozinha em todo este tempo. A consternação, e o abatimento, a que o temor da morte nos tinha reduzido, era tal, que todos me parecião com semblantes de defuntos, sem exceptuar o Capitão, nem os marinheiros. Eu não tive a curiosidade de me olhar ao espelho, nem a occasião era propria para isso; mas era natural, que tão afflicta como elles, lhes parecesse do mesmo modo.

Fazião-se súpplicas, votos, e promessas a Deos, á Virgem Maria, e a differentes Santos, para lhes pedir soccorro; invocava-se de toda a parte o Santissimo Nome de Jesus, e o de sua Mãi Maria Santissima, debaixo de muitas denominações, cada hum naquella com que tinha mais fé, e devoção. Os homens, á excepção dos que são extremamente grosseiros, conhecem bem que o Senhor do Monte, da Boa Morte, dos Afflictos, &c. designão sempre o mesmo, e que a Senhora do Monte do Carmo, da Penha de França, &c. he sempre a Mãi de Deos, sem nenhuma differença, mas não obstante este conhecimento, dirigem quasi sempre as suas súpplicas para as Imagens, para as quaes estão acostumados

a ver concorrer mais affluencia de gente, e onde encontrão maior número de representações de milagres. He assim que os homens são geralmente conduzidos pelo costume, sem exceptuar os principaes objectos, em que se devião conduzir pela razão.

Depois de passarmos dois dias successivos entre a vida, e a morte, trabalhando incessantemente contra o furor das ondas, e o impeto dos ventos, que parecião unanimemente apostados a submergir-nos, vimos renascer com a manhã do terceiro dia todas as nossas esperanças. Os ventos, e por consequencia as ondas abrandárão tanto, que nos deixárão a liberdade de reparar sem inquietação os damnos, que nos tinhão causado; fez-se a cozinha, e jantámos tranquillamente pelo meio dia; porque neste tempo já a bonança nos tinha em socego. Todos os passageiros se forão deitar a dormir depois de jantar, e eu, que não estava menos cançada, e somnolenta do que os outros, não esperei para ser a ultima. A minha cama ficava da parte direita entre a escada, e a camara do Capitão, mettida dentro d'uma especie d'almario, praticado entre o casco, e

e o forro do navio. Desde que me mettí dentro, fechei huma corrediça, que tapava a entrada, e dormi com hum somno tão profundo, que não despertei até á meia noite, não obstante a confusão, e o ruido, que houve no navio naquella mesma tarde ao pôr do Sol.

Logo que despertei, quiz saber se tinhamos bom vento, e como eu costumava dormir sempre vestida, não tive mais trabalho do que o de calçar os çapatos, que estavão n'uma prateleira aos pés da cama, e cubrir-me com o capote, que me servia de cuberta na cama, para ir satisfazer os meus desejos. Ao descer da cama ouvi hum gemido dolorido, que me pareceo de Tillano; ao subir a escada ouvi outro semelhante, que me fez conhecer distinctamente, que era elle quem gemia. Acabei de subir, e encaminhei-me para o convez, porque era o sitio, donde vinhão os taes gemidos. Não he facil explicar o espanto, e a afflicção, que tive, quando o vi inteiramente nú, prezo ao mastro grande. Que he isto? lhe perguntei eu com huma voz tão suffocada, que apenas se podia perceber. Elle me disse, que lhe cortasse as cordas,

das, que o prendião, e que não fallasse. Eu obedeci promptamente, porque trazia sempre hum bom canivete comigo; e elle disse-me em voz baixa, no pouco tempo, que gastei nesta manobra, que nós estavamos em poder de Mouros. Depois disse-me, que pegasse n'um maço, que alli estava, e que fosse para a popa até o buraco do leme, como quem hia observar alguma cousa; e que voltando désse com elle na cabeça ao Mouro do leme, de modo que o segurasse.

A obscuridade da noite, a côr do meu capote, que era branca, e sobre tudo a boa fé, de que estava o Mouro, por não ter circumstancia nenhuma, que o fizesse desconfiar, favorecêrão tão bem os meus projectos, que o matei, sem que elle désse hum só ai. Tillano, que estava d'espreita, veio logo, pegou no mesmo maço, desceo á camara, e fez o mesmo ao Capitão com successo, porque o achou dormindo. Vingado assim do barbaro, que o tinha tratado tão mal, voltou a cima embrulhado n'um lençol, com huma espada Hespanhola, e hum alfange Mourisco: as armas, que achou mais promptas. Para não perder tempo, bateo duas pancadas fortes no tom-

tombadilho, chamou ao quarto em lingua Argelina, e fez soffrer ao Mouro, que veio para render o do leme, a mesma morte do seu companheiro.

Como elle sabía, que o navio hia em seguimento do Chaveco, que nos tinha aprezado, teve a cautela de o fazer tomar huma direcção nova, para não cahirmos outra vez eu seu poder. O resto da noite foi empregado a chamar ao quarto em tempos proporcionados, e a expedir os Mouros, que acodião ao engano. As nossas medidas nesta especie de caça forão tão bem tomadas, que de nove Mouros, que entrárão para o nosso navio, não havião pela manhã mais de tres vivos, e estes não sabião da infeliz sorte dos seus companheiros. Ao nascer do Sol, subio a cima hum dos tres, sem que lhe fizessemos final, e como era já dia, não o pudemos matar, sem que elle fizesse alguma diligencia para se defender, gritando pelos companheiros, para que o soccorressem. Hum delles teve o valor, e o atrevimento de lhe querer acudir, mas levou huma pancada tão forte na cabeça ao sahir da escotilha, que cahio morto, o seu exemplo ti-

tirou ao outro todo o animo de tentar a meſma empreza.

Triunfantes dos noſſos inimigos, não tinhamos mais do que hum em eſtado de poder fazer alguma reſiſtencia; mas em circumſtancias, que nos não cauſava o mais pequeno temor. Lançando a viſta para todos os lados, não deſcubrimos embarcação alguma, e como a manhã eſtava clara, e o mar pouco agitado, ficámos ſocegados a reſpeito do Chaveco. Livres do maior perigo, o noſſo primeiro cuidado foi de lançar os cadaveres ao mar; depois almoçámos, e fizemos conſelho entre ambos, ſobre o modo com que nos deviamos conduzir a reſpeito do Mouro. O meu voto era que o mataſſemos, e que deixaſſemos ir o navio á diſcrição dos ventos, que o poderião talvez fazer ir encalhar a alguma praia; e que o maior mal, que podia ſucceder-nos, ſeria de ſe deſpedaçar contra alguma coſta, o que poderia deixar-nos o meio de nos ſalvar a nado. O ſeu foi inteiramente oppoſto; elle queria, que o conſervaſſemos, porque mais experimentado, do que nós, podia dirigir melhor o navio, e enſinar-nos o que deviamos fazer; que além de nos poder ſer util,

nós

nós não o podiamos matar, ſem o attrahir a cima enganado com o perdão: aleivoſia indigna até d'imaginar-ſe. Elle concluio ultimamente, dizendo, que deſenganado o Mouro de que não eſcapava, era bem natural, que foſſe abrir algum rombo ao navio, para nos fazer morrer tambem; e que elle penſava ſinceramente, que o melhor partido, que podiamos tomar, era de lhe perdoar, e de o obrigar com affabilidade, e com promeſſas vantajoſas.

Reduzidos a tão triſte alternativa, cedi ás razões de Tillano, e concordei em que ſeguiſſemos o ſeu voto, com a condição de que tomariamos todas as cautelas imaginaveis a reſpeito da noſſa ſegurança. Concorde com o ſeu ſentimento aſſentei em que abriſſemos a eſcotilha, e que ſe ſeguraſſe ao Mouro, que implorava a noſſa miſericordia, de que eſtava perdoado, e de que podia ſubir ſem ſuſto, porque nós eſtavamos determinados a olhallo dalli em diante como noſſo companheiro, e amigo. Elle ſubio, e jurou por Alá, e Mahomet de fazer todo o ſeu poſſivel por dirigir o navio para terra de Chriſtãos, e de nos ſer em tudo fiel. Nós jurámos da noſſa parte de o

pôr

pôr em liberdade, no caso de chegarmos a bom porto, e de lhe dar huma grande recompensa. Depois disto regulámos o modo, porque haviamos de regular os quartos do leme, e o mais trabalho.

Apezar dos juramentos do Mouro vivemos com elle com todas as cautelas, que a nossa desconfiança, e a prudencia nos podião suggerir. Eu, e Tillano traziamos sempre pistolas carregadas, e facas de mato, e não consentiamos, que o Mouro trouxesse arma de qualidade alguma. Além disto tinhamos o cuidado de nos guardar reciprocamente, quando dormiamos, ou fosse fazendo o quarto do leme, ou no tempo de descanço, mudando sempre a nossa cama da popa para a proa, e da proa para a popa. Para mais segurança não hiamos dormir nunca á camara, e ainda quando nos occupavamos d'algum trabalho, era com tanta precaução, que parecia impossivel que pudessemos ser surprendidos, sem algum acontecimento, dos que a prudencia humana não póde prevenir. Quando algum de nós precisava ir á camara, para trazer alguma cousa de comer, ou para outro objecto, o que ficava, fa-

fazia a sentinella, e guardava a entrada.

Este methodo era na verdade incommodo, mas ao que parecia seguro, e o mais socegado, que as nossas circumstancias nos podião permittir; assim passámos tres dias sem temor de surpreza, porque hum engano grosseiro de Tillano nos tranquillizava desta parte.

Hum dia que eu estava occupada na camara, onde tinha ido para cousa de precisão, ouvi gritar Tillano no mar; sobresaltada com huma novidade, que devia ser necessariamente funesta, corri á janella, e vi hum espectaculo, que quasi me fez gelar o sangue nas vêas. Era o meu infeliz companheiro com a cabeça ensanguentada, fazendo esforços para entrar para o bóte, que o Capitão Mouro tinha deixado prezo á popa do navio. No momento, em que o horror d'um fenomeno tão funesto, e tão inesperado, me deixava apenas o acordo de lhe perguntar a causa de semelhante infelicidade, vi soltar a corda, que prendia o bóte, e augmentar a distancia, que nos separava, pelo movimento do navio. A perturbação, em que estas desgraçadas circumstancias nos punhão a ambos, era

tal

tal, que lhe não pude perceber mais do que estas palavras. Outro Mouro, traição... acautela-te. Eu fiquei á janella da camara olhando para elle, em quanto o pude distinguir com a vista.

CAPITULO XI.

Do modo, por que triunfei dos Mouros, e do naufragio do navio ao pé da Ilha dos Naufragios.

O Perigo, e o desamparo, em que eu ficava pela perda de Tillano, a minha unica consolação, juntos ao sentimento, que me causava o vêllo ficar em huma pequena embarcação no meio do mar, sem remos, e sem sombra alguma d'esperança de poder salvar a vida, fizerão huma impressão tão forte sobre mim, que não comprehendo ainda hoje, o como pude sobreviver a este fatal golpe. Se os Mouros tivessem descido á camara, podião matar-me, ou prender-me sem perigo; porque reduzida a huma especie d'insensibilidade pela força da consternação, estava incapaz de resistencia. Nós devemos muitas vezes a nossa segurança ao temor dos nossos inimigos;

gos; eu devi por esta vez a vida á incerteza dos meus, a respeito da minha situação.

Eu digo Mouros, tendo supposto até agora, que havia só hum no navio; porque por mais tormentos, que dei á imaginação, não pude comprehender, como Tillano pudesse ser atacado pelo que hia ao leme, sem chamar por mim, nem desparar hum só tiro, para se defender, estando, como elle estava, armado de pistolas bem experimentadas. A minha supposição foi sempre de que algum Mouro occulto, de que nós não sabiamos, atacando o por traz, o fez cahir com a pancada, que lhe deo, ao mar: supposição tanto mais verosimil, que eu o tinha visto ficar encostado ao lado esquerdo do navio. Eu acabei de me confirmar nesta supposição, quando em lugar d'um Mouro achei dous.

Eu tinha sabido de Tillano, que toda a gente do nosso navio estava captiva no Chaveco; e que o Capitão Mouro, que era parente de Fatima, querendo vingar-se da offensa feita á sua Religião, e á sua familia, tinha ficado alli com elle, só com o designio de o atormentar, em quanto não che-

ga-

gavão a Argel, onde o esperava huma morte barbara. Eu não devia esperar melhor sorte, depois da conducta que tinha tido com os seus companheiros, se cahisse viva em seu poder; o que me punha na necessidade de os matar, ainda que sacrificasse tambem a minha vida.

Depois do restabelecimento dos meus sentidos, tomei conselho comigo mesma, e consultei a minha razão sobre o partido, que devia tomar no lance apertado, em que me via. Entregar-me voluntariamente á discrição dos infieis, implorando a sua misericordia, e a sua piedade, era a ignorancia mais estupida, que em semelhantes circumstancias se podia imaginar. Sahir a combatellos era ir sacrificar-me a huma morte certa; porque a sua lembrança (talvez a unica) havia de ser de me esperarem para me matar, sem que eu pudesse fazer uso das minhas armas: o partido de repulsar a força pela força seria bom, se elles não estivessem postados tão vantajosamente a meu respeito.

O unico partido, que me ficava, era d'unir a industria com a força, e reduzir os meus inimigos pela fome; a cousa

sa não era impossivel, segundo o conceito que eu formava delles, julgando-os grosseiros, incapazes de ligar tres, ou quatro idéas successivas, e deduzir huma consequencia, para prevenirem o futuro. Isto supposto, era natural que elles não tivessem tomado a cautela de levarem provisões para o sitio, onde m'esperavão; o que sendo assim, me dava huma vantagem decidida sobre elles. Eu digo que o esquecimento de se proverem de mantimentos me dava grande vantagem sobre elles, porque sabía que não havia no navio mais armas de fogo, do que as que estavão na camara: e como eu as tinha todas á minha disposição, podia vigiar da escada, até que a fome os obrigasse a ir buscar mantimento, e matallos sem perigo; porque da escada se descobria toda a parte do navio, que ficava para diante della.

Examinados todos os meios, que pude imaginar, e ponderadas as minhas medidas com reflexão, escolhi o partido, de que acabo de fallar, e fui fazer a sentinella da escada com seis pistolas, com bastante polvora, e bala, e com mais mantimento do que precisava para oito dias. Elles tinhão fecha-

chado o meio alçapão, que cubria a escada, naturalmente para me matarem mais a seu salvo, quando eu sahisse, o que favoreceo os meus designios: eu o seguirei por baixo, e fiquei incomparavelmente mais descançada, do que se elle estivesse aberto; porque sem susto de poder ser offendida pela parte de cima, tinha a vigiar unicamente para diante.

Eu passei o resto do dia, e a maior parte da noite seguinte, ouvindo-os fallar algumas vezes hum com o outro; seria com pouca differença ás duas horas depois da meia noite, quando vi passar hum delles mui subtilmente pela esquerda do navio, em direitura á proa, logo que o descubri bem, desparei com elle com tal successo, que o lancei por terra do primeiro tiro; repeti segundo, e terceiro, tornei a carregar as tres pistolas, e continuei a atirar-lhe até nove tiros, conservando sempre as outras tres carregadas, para o que pudesse succeder.

As minhas esperanças crescêrão muito com a morte d'um dos meus inimigos; bem segura de que me não ficava senão outro, continuei a minha sentinella vigilantissima, com animo de

o expedir como o companheiro, no caso que tentasse a mesma passagem, mas o exemplo, que elle tinha diante dos olhos, estava mui fresco para s'expôr tão depressa a morrer da mesma morte. Elle ficou n'um silencio tão profundo depois da perda do companheiro, que eu não senti movimento, ou final algum de que alli estivesse gente, e quando, depois que amanheceo, conheci, que o Mouro morto era o mesmo, a quem eu, e Tillano tinhamos perdoado, entrei na desconfiança de que as minhas suppoſições, de que havia no navio outro Mouro, serião falsas; e que a conversação, que eu tinha ouvido, podia ser huma ficção do mesmo, respondendo-se a si com differente voz, para m'enganar.

Isto não bastou para m'animar a sahir, e examinar, se a cousa era como eu a pensava; julguei mais seguro continuar na minha sentinella com a mesma vigilancia; mas vendo que passava huma grande parte do dia, e que o silencio era sempre o mesmo, imaginei hum novo expediente, para saber se o tal Mouro era real, ou imaginario, e este expediente, que consistio em disparar alguns tiros para a parte de traz, pelos

dous lados, teve hum effeito maravilhoso. Ao primeiro senti o estremecimento d'uma pessoa, que s'espantava, e ao segundo ouvi gritos, e huma exclamação, a qual supposto era n'uma linguagem, que eu não entendia, conheci pelo tom, e modo, com que era feita, que s'encaminhava a implorar piedade. Bem longe de cahir no mesmo engano da primeira vez, respondi com a continuação da mesma salva. A exclamação foi seguida de choros, e de suspiros, e cessou ultimamente com a noite, mas eu, que estava desconfiada, suppuz, que tudo aquillo erão estratagemas, para me fazerem cahir no laço, e conservei constantemente o posto até o terceiro dia. O somno, que me tinha principiado a opprimir desde o segundo dia, augmentou com tanta força, que não o podendo já supportar no terceiro, fui com muita subtileza fechar-me na camara, e dormi vinte e quatro horas sem interrupção.

Depois disto fiquei encerrada sempre na camara, sem abrir nunca a porta, temendo que o maldito Mouro estivesse a esperar, que eu a abrisse, para me matar. Sincoenta e nove dias passei assim fechada, sem saber se o ultimo Mou-

Mouro estava vivo, ou morto, pensando na minha infeliz situação, e no fim desgraçado de Tillano. Quando me queria consolar, fazia esforços para suppôr, que elle teria sido arrojado pelas ondas para alguma Ilha, ou que teria encontrado algum navio, que o salvasse, e que poderia succeder-me logo a mesma sorte; mas estas imaginações forçadas, sempre de pouca duração, erão seguidas d'outras menos agradaveis, e mais constantes, porque erão o effeito necessario das minhas tristes circumstancias. O socego tinha fugido tanto de mim, que o não podia ter, nem ao menos quando dormia; o meu somno era sempre misturado com sonhos desagradaveis: despertei muitas vezes, suppondo-me em poder de Mouros, ou submergida pelas ondas. Ao 59 dia senti bater o navio n'um penhasco, e tal foi o meu susto, que abri precipitadamente a porta, e subi acima sem armas, e sem me lembrar do Mouro, que tanto me tinha inquietado. O primeiro espectaculo, que vi, foi o Mouro que eu tinha morto, no mesmo sitio, tão corrompido, que se não podia supportar o horrivel fetido, que elle lançava; do outro não havia algum final;

ou veſtigio. Viáo-ſe a couſa de meia legua de diſtancia algumas montanhas, as quáes, ſuppoſto não erão mui altas, parecião inacceſſiveis por eſcarpadas. Antes de chegar á terra, apparecião em differentes partes alguns rochedos, e pequenas ilhas fóra d'agua. Eu ſahi ſem perder tempo para a ilha, que me ficava mais proxima, cuja diſtancia do navio ſeria ao mais d'um tiro d'eſpingarda. Eu não preciſava ſahir com tanta precipitação, porque o navio ficou encalhado entre dous rochedos, e não fez agua a mais altura da camara; mas o ſuſto dá raras vezes lugar á reflexão. Livre do primeiro ſuſto, deſcancei, para examinar de meu vagar as ilhas, e os penhaſcos deſcubertos, e eſcolher os tranſitos, por onde a paſſagem para a terra me foſſe mais facil.

CA-

CAPITULO XII.

Da minha chegada á Ilha dos Naufragios, e do modo, porque lá fui recebida.

DEpois de deſcançar, nadei para huma ilha, que ficava á eſquerda, não a mais proxima, mas a que me podia facilitar melhor a paſſagem: a ſua figura era huma eſpecie de lingua, que teria de 300 até 400 paſſos de comprimento. Logo que cheguei a eſta ſegunda ilha, corri até a extremidade oppoſta, e deſcubri com baſtante alegria, que as montanhas formavão huma abertura, por onde o mar ſe introduzia para a terra. A maré baixava, e hia deſcubrindo algumas pedras, que me facilitavão a paſſagem mais direitamente, do que ſeguindo o primeiro plano, que eu me tinha propoſto, e a deſtruição dos obſtaculos era hum preſagio, que augmentava as minhas eſperanças, e que me fazia augurar alguma couſa feliz.

Nadando d'umas a outras pedras, cheguei, depois de ſete tranſitos, a huma ilha quaſi parallela á montanha, e que

que s'estendia até á sua entrada para a terra. Eu não posso, nem pertendo explicar o grande contentamento, que tive, quando desta mesma ilha descubri pela parte de dentro das montanhas huma vasta planicie cuberta de verdura, com arvores, com casas, e com numerosos rebanhos de gados: circumstancias que m'annunciavão, que aquella terra feliz não podia deixar de ser habitada por Póvos pacificos, e tranquillos. No tempo, em que estava arrebatada d'alegria, contemplando este agradavel paiz, vi duas pessoas mettidas n'um barco remando para a praia, onde eu estava. Logo que chegárão ao pé de mim, entrei no barco ao primeiro final, que me fizerão, e voltárão outra vez para a terra. Os meus barqueiros erão duas mulheres, que eu conheci logo, porque trazião os peitos quasi de todo descubertos; o que me não causou admiração, e ainda menos o vellas remar: eu tinha visto scenas semelhantes na Europa: na primeira viagem, que fiz por mar de Lisboa para Inglaterra, desembarquei em Plimouth, onde as mulheres fazião o officio de barqueiros; e os peitos descubertos erão moda entre os Póvos mais civilizados.

Os

Os seus vestidos erão d'um tecido de lã extremamente raro, inteiriços, apertados na cintura com hum cordão, e feitos dahi até o meio das pernas á maneira de saias; elles erão decotados pela parte de diante até o meio dos peitos, e por traz até á mesma altura; as mangas chegavão perto dos sangradouros, com a largura que lhes deixava todos os movimentos perfeitamente livres. Ellas trazião o cabello de traz entrançado, e o de diante voltado com hum pente, do mesmo modo que o trazem muitas Europeas: todo o seu calçado consistia n'umas simples sandalhas. Este traje, que eu olhei ao principio como o mais comico, que a extravagancia humana podia inventar, chegou com a reflexão, e com o costume a parecer-me tão bom, que o reputo hoje preferivel ao nosso.

Ambas estas mulheres me fallárão, em quanto fomos no barco, ao que eu suppuz, a fazerem-me questões, porém como eu não entendia huma só palavra da sua linguagem, não lhes pude responder senão com gestos, para lhes mostrar, que as não percebia. Ellas me conduzírão, logo que desembarcámos, para huma casa visinha da praia, onde a dona

na deſta caſa me fez deſpir os fatos molhados, e veſtir huma camiza, e hum veſtido como os dellas. Dahi deſcemos a huma caſa terrea, onde nos eſperava muita gente, e onde havia huma atafona mui differente das noſſas, na qual me fizerão trabalhar com mais força, do que o meu eſtado de fraqueza mo podia permittir ſem violencia. Não obſtante os ſinaes d'affabilidade, que percebia em toda a gente, principiei a entriſtecer-me, e a augurar mal da minha fortuna, ſuppondo que me deſtinavão áquelle trabalho rude, no qual me começavão tão cedo a enſaiar. O meu erro foi de pouca duração; quando a minha conductora conheceo, que o movimento do trabalho me tinha agitado o ſangue, e feito adquirir o calor, que ella julgou neceſſario, conduzio-me para huma cama; deo-me hum ſudorifico, que ella provou á minha viſta, para me fazer conhecer, que não era couſa má: depois foi-ſe, e eu fiquei abafada, e ſuando. Paſſadas couſa de tres horas, veio trazer-me hum caldo, que eu tomei com baſtante appetite, e fiquei perfeitamente tranquillizada, perſuadindo-me, que quem levava os ſentimentos d'humanidade até o ponto

to de tomar ſemelhantes precauções a reſpeito da minha ſaude, não podia deixar de poſſuir eminentemente todas as outras virtudes. Eſta perſuasão, e a grande fadiga, que eu tinha ſoffrido deſde a ſahida do navio, concorrêrão juntamente para me fazer dormir com hum ſomno ſocegado até o dia ſeguinte ás onze horas. Eſtes Póvos tinhão relogios regulados como os noſſos.

Logo que deſpertei, veſti o meu novo veſtido, e fui agradecer, do modo que m'era poſſivel, á minha Bemfeitora o ſeu bom agaſalho. Ella eſtava acompanhada de ſeis peſſoas, que erão, como eu o ſoube depois, ſeu Marido, tres filhos, e duas filhas. Todos vierão beijar-me em final d'amizade, e eu correſpondi beijando-os tambem a elles, por me parecer que era o coſtume do paiz. Eſtas ceremonias forão ſeguidas do jantar, e eu fui conduzida depois diſſo para caſa de Melido, Magiſtrado da Ilha, que aſſiſtia dalli a huma legua, ſem ſaber para onde me deſtinavão, não porque mo quizeſſem occultar, mas porque as circumſtancias, em que eu m'achava a reſpeito da lingua, me punhão na impoſſibilidade de os perceber. A minha conductora, que era

hu-

huma filha da casa, fez exactas diligencias pelo caminho, para m'explicar algumas cousas por acenos, mas eu não pude perceber-lhe quasi nada.

O Magistrado informado de que nós deviamos chegar, tinha sahido a esperar-nos; era hum homem de 60 annos, d'uma fysionomia respeitavel, e vestido como todos os outros, que eu tinha visto, com calções largos feitos como celouras, e unidos a huma veste de mangas mui curtas, e apertada com seis botões, e com casas de trança, que estendião, ou encurtavão, conforme se desejava. Elle nos recebeo beijando-nos segundo o costume, e conversou algum tempo com a minha conductora; ella voltou, depois que lhe disse o que queria, e eu fui com elle para sua casa, onde sua Mulher, e duas filhas me recebêrão com as mesmas ceremonias, e com o mesmo agasalho. Ellas me fizerão conhecer por meio de gestos o desejo, que tinhão de saber, por que acaso eu chegára áquella Ilha; e não obstante ter a sua Pantomima algumas differenças da nossa, ella era pela maior parte tão semelhante, que eu consegui o fazer-lhes perceber, que fôra por effeito das tempestades, que tinhão trazi-

zido o meu navio para aquelles mares, onde naufragára.

Elles me conduzírão á casa dos seus livros, e dos seus desenhos, onde me mostrárão huma carta, na qual eu conheci, sem que elles ma explicassem, que o paiz, onde nós estavamos, era huma Ilha, apartada cousa de vinte leguas d'um Continente. A entrada desta Ilha, o canal, que o mar formava, entrando por ella dentro, as montanhas, que a cercavão, e os rochedos, e as ilhotas, de que o mar estava semeado a mais d'uma legua de circumferencia, estavão tão bem desenhados, que era impossivel deixar de a conhecer á primeira vista. Em lugar do lis, com que nós mostrâmos o Norte, elles mostravão o Oriente com a pintura do Sol. Eu lhes mostrei os rochedos, onde o navio estava encalhado, e o lugar da Ilha, onde nós estavamos: explicação que os encheo d'alegria, naturalmente por supporem que eu não vinha de paiz barbaro, e que poderia aprender com facilidade o que elles me quizessem ensinar.

Elles principiárão naquella mesma tarde a ensinar-me a sua linguagem. Cilda, filha mais velha de Melido, foi a Mestra, que este respeitavel Magis-

giſtrado encarregou da minha inſtrucção. O goſto, com que ella m'enſinava, era tão grande, que ſenão apartava nunca de mim, á excepção das horas, que coſtumava applicar ao ſeu eſtudo. Ainda que ella era a minha Meſtra habitual, as mais peſſoas da caſa não deixavão por iſſo de m'explicar muitas couſas, quando as occaſiões ſe preſentavão; e ſempre com tanta ſatisfação, e alegria, que moſtravão os verdadeiros ſentimentos de beneficencia, e d'amizade, de que erão penetrados. A primeira lição, que a minha Meſtra me deo, foi para me fazer conhecer, e pronunciar as letras do ſeu alfabeto; o que me foi facil, porque elle tem muita ſemelhança com o alfabeto das linguas da Europa. Depois principiei a ler, porém com progreſſos lentos, porque ella queria que eu percebeſſe tudo o que hia lendo; o que pedia muito tempo. Se ella ſoubeſſe alguma das linguas, que eu ſabía, a couſa ſeria facil; mas como não ſabía ſenão a ſua, era obrigada a fazer-me conhecer práticamente as ſignificações de todos os termos. Eu cheguei no fim de tres mezes a fallar, e eſcrever mediocremente eſta lingua: vantagem que de-

devi a huma applicação continuada, e á conſtancia, e bom methodo da minha Meſtra.

Logo que Cilda, e Melido conhecêrão que eu eſtava em circumſtancias de me fazer perceber, quizerão que lhes contaſſe circumſtanciadamente o modo, como tinha chegado áquella Ilha, onde não tinha apparecido nunca eſtrangeiro algum, e onde elles julgavão o acceſſo impoſſivel por amor dos rochedos. Além diſto quizerão tambem ſaber, a que diſtancia ficava a terra donde eu vinha; ſe era Ilha, ou Continente; a qualidade de gente, que a habitava; e quaes erão as ſuas Leis, os ſeus coſtumes, e os ſeus conhecimentos.

Eu ſatisfiz amplamente a ſua curioſidade, não ſó com a idéa geral da Europa, das Leis, da Povoação, da Agricultura, do Commercio, dos uſus, dos coſtumes, do eſtado das Sciencias, e das Artes entre os differentes Póvos, que a habitão, mas tambem com o eſtado das ſuas Forças terreſtres, e maritimas, e com muitas deſcripções particulares. Depois vio a hiſtoria da minha vida, que contei pontualmente até o dia em que entrei na Ilha. Elles não diſſimulárão, que achavão em tudo o que eu lhes

lhes dizia, couſas extraordinarias, e algumas, que lhes parecião contradictorias, e impoſſiveis a concordar.

Melido, a quem a experiencia, e o eſtudo de muitos annos, tinhão feito adquirir conhecimentos ſólidos, ſuſtentava, que os noſſos conhecimentos nas Sciencias devião ſer mais imaginarios, do que reaes. Os homens, dizia elle, não devem trabalhar ſenão para ſe fazerem mais felices, e aperfeiçoar as Sociedades; toda a applicação, que ſe não dirige a eſte fim, he perfeitamente inutil; e os conhecimentos, que não tendem a fazer os homens melhores, e mais felices, devem ſer condemnados ao eſquecimento, e ao deſprezo.

Quando vós me não fallaſſeis, diſſe elle, dos flagellos miſturados entre as delicias da Europa, baſtaria para mos fazer conhecer, o que me tendes dito da multiplicidade das voſſas artes, e do eſtado de perfeição, onde as tendes chegado. As Sociedades não podem ſer felices, em quanto alguns dos ſeus Cidadãos viverem indigentes; e a indigencia ſerá indiſpenſavel, em quanto o luxo fizer progreſſos, porque a multidão de braços, occupados em couſas inúteis, fará faltar as neceſſarias.

Eu

Eu propuz a Melido o parallelo das Sciencias da Europa, em que eu tinha alguns conhecimentos, com as daquelle paiz, para examinarmos em que proporção eſtavão as noſſas com as ſuas. Huma propoſição deſta natureza baſtava para provar, que eu não era iſenta de vaidade; eſte vicio, ſem contradicç o o mais natural á humanidade, he por eſta meſma razão o mais perdoavel: não ha ninguem, que ſe deſpoje inteiramente delle, ſem paſſar ao eſtado de eſtupidez, ou de demencia.

Suppoſto Melido não ſoubeſſe ainda a que ponto chegavão os meus talentos, a charlatanaria deſte diſcurſo era tão clara, que podia ſer facilmente conhecida, até de peſſoas, que lhe foſſem mui inferiores em experiencia, e em luzes. Como elle não era dos que julgando as couſas á primeira viſta, tratão d'abſurdo tudo o que excede os ſeus conhecimentos, ou que não podem conceber, deferio o aſſentir á minha propoſição para tempo mais opportuno, e reſpondeo com mais modeſtia, do que eu merecia; que os ſeus conhecimentos erão limitados, e mui limitados, comparando-os com os grandes progreſſos, que eu lhe dizia, ti-

nhão

nhão feito as Sciencias na Europa; mas que não obstante isso, elle se prestaria voluntariamente ao que eu lhe propunha, se não conhecesse, que eu não estava em estado de manejar a lingua, para entrar em discussões scientificas. Elle concluio ultimamente, que nós haviamos de partir antes d'um mez para Balí, onde eu me podia aperfeiçoar na lingua com os Sábios do paiz, e que quando a fallasse, e entendesse bem, entrariamos nas discussões propostas; que nas Sciencias, que não fossem da sua repartição, havia de achar muitas pessoas d'um, e d'outro sexo, que satisfarião com grande gosto os meus desejos.

CAPITULO XIII.

Descripção abbreviada da Ilha dos Naufragios.

ESta Ilha chamada pelos seus habitantes dos Naufragios, por causa das muitas embarcações, que se tem despedaçado nos rochedos, de que está cheio todo o mar, que a cerca, principalmente da parte da entrada, he huma Colonia de Balí, Reino situado a me-

menos de vinte leguas de distancia. Elle occupa quatorze leguas de circumferencia, d'uma figura quasi redonda, e cercada por huma cadêa de montanhas de cem até duzentos pés d'altura, e tão escarpadas, que a fazem inaccessivel. Mais de metade do seu terreno he montanhoso, e cuberto de castanheiros, cujos troncos são d'uma grossura tão extraordinaria, que parece quererem disputar a antiguidade aos mesmos rochedos.

O resto desta Ilha he huma planicie em figura d'amfitheatro, formando hum grande prado, onde as aguas d'innumeraveis ribeiras, que descem das montanhas, conservão huma verdura perpétua. Os seus caminhos dispostos com symmetria, e em distancias proporcionadas, tem regularmente a largura de doze pés; são levantados de dezesseis até vinte pollegadas da terra, com desaguadouros para a passagem das aguas, e bordados d'arvores fructiferas. As casas são quasi todas semelhantes, d'altura com pouca differença de dezaseis pés, e cercadas d'arvores, cujos troncos são esgalhados até á altura dos telhados, para deixarem a passagem livre do ar. As Povoações estão á mar-

gem d'um canal, que o mar fez entrando legua e meia pela terra dentro; e á roda da planicie, cercadas d'um boſque continuado da parte das montanhas, tão proximas humas das outras, que fórmão huma eſpecie de Cidade continuada. Eſta cadèa de Povoações com os arvoredos, que as cercão, os caminhos, o canal, a verdura da planicie, com as muitas ribeiras, que as cortão por differentes partes, preſentão huma das viſtas mais bellas, e mais agradaveis, que s'encontrão ſobre a terra.

A Povoação deſta Ilha excede de quatro mil Almas, e vive regularmente occupada a crear gados vaccuns, e porcos, a fabricar manteigas, e queijos, a ſalgar, e enſacar carnes: artigos de que fazem hum grande commercio com o Continente. Eſtes Povos goſtão de viver com commodidade, mas aborrecem muito o exceſſo. Elles são tão pacificos, que vivem com mais harmonia, do que ſe formaſſem huma ſó familia. Hum ſó Magiſtrado baſta para adminiſtrar a juſtiça, e ſuſtentar a boa ordem em toda a Ilha, e ainda ſeria obrigado a paſſar muito tempo ocioſo, ſe ſenão occupaſſe de mais nada.

To-

Todas eſtas vantagens são contrapezadas com a triſte neceſſidade, que os conſtrange a viver ſem communicação alguma com outros Póvos, porque os penhaſcos daquelles mares não deixão entrar, ou ſahir embarcação alguma, ſenão no tempo das grandes marés dos Equinoccios. Neſtes tempos vem muitos Negociantes de differentes partes de Baſi com todos os generos neceſſarios para a Ilha, e fazem huma grande Feira nas margens do canal, onde os habitantes correm a vender as ſuas producções, e a prover-ſe das de fóra, que julgão neceſſarias para o ſeu conſumo. No monte, que fórma o angulo direito do mar com o canal, o mais levantado daquelle ſitio, eſtá hum grande maſtro, no qual ſe iça huma bandeira branca, na chegada dos primeiros barcos: ſinal que annuncia a toda a Ilha o principio da Feira.

Eu ſabia que no meſmo tempo devia tambem chegar outro Magiſtrado para render Melido, o que me dava grande goſto, porque eu havia de acompanhar eſte ultimo para Baſi. O tempo dos Equinoccios de Setembro não eſtava longe, e mais elle s'aviſinhava, mais eu ſentia creſcer em mim o de-

ſejo d'ir ver eſte novo paiz, deſconhecido de todo o mundo, onde Melido me ſegurava, que ſe cultivavão as Sciencias, e as Artes uteis, e que ſe olhavão com deſprezo, e com horror, todas as que ſervião a corromper a Humanidade.

O tempo deſejado chegou, eu paſſeava com Cilda á margem do canal, a pouca diſtancia da ſua caſa, quando ſe levantou eſta feliz bandeira, que produzio a alegria univerſal de toda a Ilha. Os cantos paſtoris, os ſons das flautas, os vivas, e todos os mais ſinaes de contentamento, com que toda a gente s'apreſſou a feſtejar a feliz appariçaõ deſta bandeira, parecia mais huma eſpecie d'encanto, do que huma couſa natural. Nós voltámos logo para caſa, para gozarmos juntos com a ſua familia o prazer, que nos cauſava eſta agradavel noticia. Meia hora depois chegou o barco real com deſpachos para Melido, cujo barco elle fez voltar logo com carta para o Rei, dando-lhe parte, além d'outras couſas, do ſeu emprego, da minha chegada á Ilha, e do ſitio, onde eſtava o navio, em que eu naufragára. No dia ſeguinte chegou o novo Magiſtrado, ao qual Melido fez

fez a ſua entrega, e partimos no terceiro dia para Balir, onde chegámos depois de ſeis horas de viagem.

CAPITULO XIV.

Da minha chegada a Balir.

CIlda a minha Meſtra, e amiga foi quem s'encarregou de me conduzir neſta Capital, e de m'explicar os objectos, que ella m'offerecia de toda a parte. O traje dos ſeus habitantes era o meſmo que o da Ilha, e as caſas erão tambem quaſi ſemelhantes, cercadas d'arvores, e com algumas porções de terreno cultivadas d'hortaliças. Em perto de meia legua da Cidade que atraveſſámos, para chegar a caſa do Rei, não encontrámos edificio, ou monumento algum, que moſtraſſe os mais pequenos progreſſos d'Architectura. Eſta Cidade parecia mais huma aldêa, do que a Capital d'uma Monarquia.

O acaſo fez com que paſſaſſemos diante d'uma Guarda de ſoldados juſtamente na meſma occaſião, em que outra de mulheres a eſtava rendendo. Os veſtidos de cada hum deſtes dous generos de militares erão ſemelhantes aos

dos

dos Paisanos do seu sexo, com a unica differença de serem encarnados. As espingardas erão differentes das nossas, e em lugar do brilhante, que dá hum certo ar marcial ás Tropas da Europa, erão negras, e affamadas como as dos nossos caçadores. Eu perguntei a Cilda, depois de fazer esforços para suffocar o riso, a que esta scena cómica me provocava, se as mulheres erão tambem soldados, e se fazião a guerra como os homens, e porque não? me respondeo ella. O Author da Natureza não poz mais differença entre as mulheres, e os homens; do que a necessaria para a propagação. Nós temos como elles braços, pernas, e todas as faculdades intellectuaes, e o valor, a habilidade, e a disciplina decidem ainda mais do que a força da sorte dos combates, e nós podemos adquirir como elles todas estas qualidades, sendo conduzidas por huma boa educação. As mulheres são reputadas em todo este Reino tão aptas, e proprias para os empregos como os homens, e não ha hum só, de que estas sejão excluidas, quando os seus merecimentos pessoaes lho fazem merecer. A experiencia tem mostrado até agora, que á excepção da força,

força, não ha huma só cousa, em que ellas sejão inferiores aos homens.

Nós chegámos em fim ao Palacio do Rei, onde elle depois de nos receber com demonstrações d'amizade, disse, que tinha grande gosto de m'ouvir a respeito dos Póvos da Europa, dos seus costumes, das suas Leis, e dos seus conhecimentos; porém que fosse descançar, porque no dia seguinte dariamos principio ás minhas narrações: elle accrescentou, que estava mandando fazer a descarga do navio, e que tinha dado ordem, para que se m'entregassem todos os effeitos. Eu lhe disse, que a minha parte nestes effeitos era extremamente pequena, e que tudo o mais não tendo proprietario, lhe pertencia por direito de naufragio nas suas costas. Elle respondeo surrindo-se, que eu era a unica pessoa, que fôra achada ultimamente no navio, e por consequencia a unica possuidora do que elle trazia, que não era impossivel, que eu voltasse á Europa, e que nesse caso estava obrigada a restituir as fazendas, ou o seu valor, aos seus verdadeiros proprietarios. Eu cedi, e voltei com os meus Conductores para sua casa.

No dia seguinte á hora determina-

da estavamos já no palacio, onde o Rei fez juntar alguns Sábios d'ambos os sexos, para assistirem ás minhas narrações. Eu principiei dando-lhes algumas idéas geraes dos Póvos da Europa, da Asia, da Africa, e d'America com algumas reflexões sobre os estabelecimentos dos Europeos em todas estas partes. Esta primeira narração excitou tanto a sua curiosidade, que determinou, que nos juntassemos todos os dias á mesma hora.

O segundo dia foi destinado para a historia da minha chegada áquelles mares, na qual inseri toda a historia da minha vida; ha algumas pessoas, que sabem dirigir todas as conversações a fallarem de si mesmas, e a fazerem directa, ou indirectamente os seus proprios elogios, com tanta arte, e habilidade, que fazem a admiração dos circumstantes: eu tenho o mesmo defeito, sem ter o mesmo talento. Elles quizerão que se destinasse o terceiro dia para fallar das Sciencias, e das Artes: proposição em que eu concordei com muito gosto; porque lembrando-me do rifão, que *na terra dos cégos quem tem hum olho he Rei*, esperava de fazer entre elles huma figura brilhante

a respeito das Sciencias. Não obstante o uso, que eu tinha destes Póvos pela minha assistencia na Ilha dos Naufragios, tive a estupida simplicidade de suppôr que as suas virtudes, e os seus costumes erão mais a consequencia d'um caracter socegado, e pacifico, do que o effeito da reflexão. Partindo destes principios, e julgando dos seus conhecimentos pelo seu traje; e pela architectura das suas casas, eu os suppunha nas trévas, a respeito das Sciencias, e das Artes. Esta supposição, e o muito que eu presumia de mim, erão as razões, que me fazião esperar, que a minha gloria entre elles seria maior, do que a do grande Newton na Europa.

Eu recebi neste mesmo dia alguns baús, e caixões, e abrindo os do Genovez, e do Genebrino, achei que trazião fazendas de muitas qualidades, e algumas tão bem trabalhadas, que podião olhar-se como chéfe-d'obras nos seus generos. Eu fiz huma collecção das que me parecêrão mais proprias, para dar huma idéa dos progressos das Artes na Europa; consistindo pela maior parte em relogios, fivélas, caixas, bordados, flores, estampas, pinturas, e fiz

preſentallas ao Rei, e aos mais Aſſiſtentes no dia determinado para fallar das Sciencias, e das Artes. Eſte caminho era ſem contradicção o mais ſeguro, que eu podia deſcobrir, para me fazer acreditar a reſpeito do adiantamento das Artes entre nós. Eu lhes fiz obſervar tudo o que me pareceo mais curioſo, e mais digno d'attenção, principalmente hum relogio n'um annel, e outro d'algibeira, que tocava minuetes. O relogio, lhes diſſe eu, para os obrigar a admiração, occupa mais de ſincoenta officios differentes, todos eſtes objectos fazem trabalhar continuadamente muitos milhares d'Artiſtas. Os objectos de luxo ſão já tão multiplicados, e o número prodigioſo d'officios, que os produz, tão variado, que não ha talvez em toda a Europa hum ſó homem, que poſſa fazer a numeração exacta de todos elles. Carruagens, Palacios, Jardins, tudo reſpira magnificencia, e tudo atteſta os progreſſos, e a perfeição das noſſas Artes.

Tudo iſto cauſou menos admiração, do que eu imaginava. Póde ſuppôr-ſe, reſpondeo o Rei friamente, a julgar pelo eſtado de perfeição, onde tendes chegado as Artes inúteis, que tereis feito

to iguaes progreſſos nas da primeira neceſſidade, todavia eu não conſentirei nunca, que os meus vaſſallos s'occupem das primeiras, porque ellas não podem ſervir ſenão para os corromper.

Eu tinha ouvido as declamações de Paulino contra o luxo, e lido as obras do Abbade Mably, e as d'outros muitos Eſcritores, que o deſacreditão; mas eu tinha contra eſtes Eſcritores os votos de Monteſquieu, de Bielfeld, de Necker, de Filangieri, d'Hume de Melon, e d'outros muitos Politicos profundos, que demonſtrão evidentemente as ſuas vantagens: votos que me fazião ſeguir o ultimo partido, não ſó pelo reſpeito para a authoridade deſtes grandes Homens, mas tambem, porque a experiencia me tinha moſtrado nas minhas viagens os milhões d'Almas, que elle faz ſubſiſtir por toda a parte. Bem convencida deſſa verdade, eu diſſe ao Rei, que me parecia que elle ſeguiria o partido do luxo, quando, como eu conheceſſe as ſuas verdadeiras vantagens. Nós, me reſpondeo elle, diſcutiremos em outra occaſião, eſta materia, e veremos qual dos dous partidos ſegue o caminho do erro; agora quero ſaber que progreſſos tem feito as Sciencias entre vós.

A Europa, principiei eu o meu discurso, estava ainda cuberta de trévas, e mergulhada na ignorancia, á que as inundações dos barbaros do Norte a tinhão reduzido, quando a protecção dos Medicis attrahio da Grecia os unicos restos dos conhecimentos, que ella ainda conservava, e fez florecer as Sciencias na Italia. » Foi della que nós re-
» cebemos as Sciencias, as quaes fructi-
» ficárão tão abundantemente em toda
» a Europa (1). » Galileo, Bacon, DesCartes, Newton, e outros muitos Sábios, fizerão infinitas descubertas, e chegárão as Sciencias ao estado de perfeição, onde nós as achámos. Alguns destes Sábios forão perseguidos por amor das verdades, que annunciárão, e outros virão tratallas de ridiculas pelos seus mesmos contemporaneos.

» He assim, que as Personagens il-
» lustres, superiores muitas vezes ao
» seu Seculo, trabalhão quasi sempre
» inutilmente para o seu mesmo Secu-
» lo, as Idades futuras são regularmen-
» te as que recebem o fructo das suas
» luzes. Os Restauradores das Sciencias
» não gozão quasi nunca de toda a
» glo-

(1) Disc. prel. de l' Encyclopédie.

» gloria, que merecem, espiritos mui
» inferiores lha arrebatão, porque os
» grandes homens s'entregão ao seu
» genio, e os homens mediocres ao da
» sua Nação. He verdade que o teste-
» munho, que a superioridade não pó-
» de deixar de se fazer a si mesma,
» basta para a recuperar dos votos vul-
» gares: ella se nutre da sua propria
» substancia, e esta reputação tão de-
» sejada não serve muitas vezes, se-
» não para consolar a mediocridade
» das vantagens, que o talento tem
» sobre ella; póde dizer-se que a fa-
» ma, que publica tudo, conta mais
» vezes o que ouve, do que o que
» vê, e que os Poétas, que lhe derão
» cem bocas, devião tambem dar-lhe
» huma venda.

» A Filosofia, que fórma o gosto
» dominante do nosso Seculo, parece
» pelos progressos, que faz entre nós,
» querer reparar o tempo, que perdeo,
» e vingar-se da especie de desprezo,
» com que a tinhão tratado nossos Pais
» (1). »

» Se examinamos sem prevenção o
» estado actual dos nossos conhecimen-
tos,

(1) Disc. prel. de l' Encyclopédie.

» tos, não podemos desconcordar dos
» progressos da Filosofia entre nós. A
» Sciencia da Natureza adquire succe-
» sivamente novas riquezas: a Geome-
» tria estendendo os seus limites levou
» a sua luz ás partes da Fysica, que
» s'achavão mais apartadas della, o
» verdadeiro systema do Mundo foi
» conhecido, desenvolvido, e aperfei-
» çoado, a mesma sagacidade, que ti-
» nha conhecido os movimentos dos
» Córpos celestes, se conduzio sobre
» os córpos, que nos cercão, applican-
» do a Geometria ao estudo destes cór-
» pos, ou ensaiando de a applicar, se
» soube perceber, e determinar as van-
» tagens, e os abusos deste emprego;
» em huma palavra, desde a Terra até
» Saturno, desde a historia dos Ceos,
» até a dos insectos, a Fysica mudou
» de face. Quasi todas as outras Sci-
» encias tomárão com ella huma nova
» fórma, o que devia naturalmente suc-
» ceder (1). »

» Todos os generos de sciencia, e
» de literatura forão esgotados neste
» Seculo, e tanto os Escritores tem
esten-

(1) Elémens de Filos. Tableau de l'esprit humain au milieu du XVIII. Siecle.

» estendido as luzes do Espirito hu-
» mano, que os que em outro tempo
» terião passado por prodigios, forão
» confundidos na multidão. A sua glo-
» ria he pouca por causa do seu nú-
» mero, e a gloria do Seculo he maior
» (1). »

» Cada Seculo tem sinaes particu-
» lares, que o caracterizão. Hum gosto
» dominante para a Filosofia parece fa-
» zer o caracter distintivo da Idade, em
» que nós vivemos: he, dizem todas
» as Nações da Europa, o reinado da
» Filosofia. O Seculo precedente vio
» a aurora da luz, que nos allumia, elle
» fez alguns passos a favor do pri-
» meiro crepusculo do espirito filoso-
» fico, mas nós estavamos reservados
» para correr, e para nos assignalarmos
» nesta vasta carreira: nós eramos desti-
» nados para empunhar o Sceptro da
» Sabedoria (2). »

Eu continuava com o designio de juntar as passagens de todos os Authores, que me lembrassem, para mostrar os progressos dos nossos conhecimentos, quando o Rei interrompendo-me,

me

(1) Siecle de Luis XIV. tom. 2. cap. 31.
(2) Le Vrai Philos. Preface.

me diſſe, que não preciſava ſaber mais a reſpeito das Sciencias em geral, que queria que entraſſemos no exame de cada huma dellas em particular, para juntar aos ſeus conhecimentos todos os em que nós os excedeſſemos. Depois determinou aos Aſſiſtentes, que diſcutiſſem, cada hum as materias da ſua repartição, quando as trataſſem tão eſcrupuloſamente como foſſe neceſſario, para que o erro não paſſaſſe diſfarçado debaixo da capa da verdade. Elle quiz que a Agricultura foſſe a primeira, que nos occupaſſe. Liſda, Intendente da Agricultura da meſma Provincia da Capital, foi o primeiro arguente, que m'oppuzerão neſta grande diſputa literaria.

CAPITULO XV.

Dos progreſſos da Agricultura na Europa.

A Agricultura, a primeira das Artes; a origem de todas as outras, e a mais intereſſante á Humanidade, deveria ſer a mais eſtimada, e a mais nobre de todas as Profiſsões, ſe os homens mediſſem o valor das couſas pela ſua uti-

utilidade. Os Chinas são os unicos póvos ſobre a terra, onde a Agricultura tem ſido deſde tempo immemorial conſtantemente eſtimada. O Imperador lavra elle meſmo todos os annos parte d'um campo, para dar exemplo aos ſeus vaſſallos, e ennobrecer eſta intereſſante profiſsão. Elle faz gozar de todas as honras, e prerogativas dos Mandarinos d'oitava ordem os Agricultores, que mais ſe diſtinguem neſta arte, e que ſe conduzem melhor com as ſuas familias, e com os ſeus viſinhos (1).

» Se ha huma profiſsão, que pela » ſua antiguidade, pela ſua utilidade, » e pela ſua innocencia mereça a eſti- » mação dos homens, he inconteſtavel- » mente a Agricultura. Todas as artes » naſcem, e dependem da cultura das » terras, nenhuma invenção as póde » ſupprir. Hum territorio bem cultiva- » do favorece a Povoação, e a Povoa- » ção produz as riquezas pelo com- » mercio. A proſperidade das Cidades » não póde ſubſiſtir ſem a fecundidade » dos campos, e toda a Nação, que » ſuſtenta a ſua grandeza ſobre outra

(1) Hiſtoire des Voyages tom. 6. liv. 2. cap. 3.

» baſe, que não ſeja a das produc-
» ções das ſuas terras, não póde ter
» ſenão huma exiſtencia momentanea
» (1). »

» Parece que ſe tem eſgotado hoje
» em Inglaterra, em França, na Suiſ-
» ſa, na Italia, e no Norte, os elo-
» gios, que merece a Agricultura, e que
» a theoria não deixa aos Eſcritores
» ſobre eſta materia obſervações novas
» a fazer, que poſsão preſentar algum
» intereſſe, ſem o ſoccorro da prática,
» e d'uma prática ſeguida, e arrazoada,
» acompanhada de muitas experiencias
» bem feitas. . . . . As Sociedades de
» Bretanha, de París, de Berne, de
» Zurich, &c. dão modélos do me-
» thodo, que ſe deve ſeguir para acce-
» lerar os progreſſos da arte, e eſtes
» modélos de prática, e d'obſervação
» multiplicão ainda felizmente os obſer-
» vadores (2). »

Os homens acoſtumados a julgar de quaſi tudo, pelo orgão groſſeiro da viſta, julgárão que as arvores, e as plantas ſe nutrião da terra, onde elles as vião

(1) Eſſai ſur l'Etat preſent de l'Agriculture dans les Iſles Britanniques. Intrud.

(2) Les Interets des Nations de l'Europe tom. 1. cap. 3.

vião naſcer: os Filoſofos mais célebres cahírão, como o Povo groſſeiro, no meſmo erro. Linneo diz que a terra ſe transformou em vegetaes, os vegetaes nos animaes, e os animaes no homem (1), por ſe perſuadir, que a terra he o nutrimento das plantas, aſſim como os vegetaes, e as carnes são o dos animaes, e dos homens.

Tull, hum célebre agricultor Inglez, eſtabeleceo hum novo methodo de cultura, conſiſtindo na repetição das lavouras, e fabrícos, por ſuppôr que a terra tinha facilidade d'entrar pelos póros das raizes para nutrir as plantas, á proporção que era mais desfeita, e attenuada. O que ha d'extraordinario he, que eſte Syſtema monſtruoſo teve logo partidiſtas. Du-Hamel, o primeiro agricultor da Europa, publicou em França o novo Syſtema de Tull, e adoptou os ſeus principios (2). Os homens quaſi ſempre inconſequentes, e extremos em tudo, são partidiſtas cégos, ou inimigos irreconciliaveis de toda a novidade, ſegundo o reſpeito, ou deſpre-

(1) Syſt. Nat. tom. 1. pag. 12.

(2) Traité de la Cult. des terres tom. 1. pag. 3.

zo, que elles tem para a authoridade, donde a recebem. A ſubmiſsão céga, com que a França recebe tudo o que lhe vem dos Inglezes, junta á authoridade do grande Du-Hamel, fez adoptar o Syſtema de Tull, ſem exame de qualidade alguma, dos principios falſos, ou verdadeiros, que o ſuſtentavão. A Nova Cultura foi tão acreditada em França, logo deſde o ſeu principio, que Du-Hamel recebia continuadamente noticias de differentes Provincias dos progreſſos, e das vantagens, com que ella proſperava (1). Hum número conſideravel d'Eſcritores agronomicos principiou a eſcrever ſegundo eſtes meſmos principios: a Nova Cultura foi tão acieditada, que s'eſpalhou na maior parte da Europa, a pezar da falſa baſe que a ſuſtentava.

Os grandes créditos da Nova Cultura não embaraçárão, que alguns Sábios clamaſſem altamente contra a falſidade dos ſeus principios. Hum grande número d'experiencias, e obſervações feitas antes do ſeu eſtabelecimento, e depois, provão evidentemente, que as plan-

(1) Traité de la Cult. des terres tom. 2. cap. 1. Part. 2. cap. 1.

plantas não tirão nutrimento algum da terra.

Lê-ſe nas Obras de Van-Helmont (1) que elle plantou huma eſtaca de ſalgueiro, que pezava ſinco arrateis, em hum vaſo, onde tinha poſto duzentos arrateis de terra, ſecca no forno, a qual humedeceo depois com agua de chuva. Elle cubrio eſte vaſo com huma chapa d'eſtanho, para evitar que o pó da atmosfera ſe não miſturaſſe com a terra, e com alguns buracos para a regar, o que fez ſempre com agua deſtillada, ou de chuva. No fim de ſinco annos, achou que a eſtaca pezava 169 arrateis e tres onças; e a terra outra vez ſecca não deo mais de duas onças de diminuição.

Boile fez produzir cabaças de vinho, e pepinos de boa grandeza, em terra, que conheceo não ter concorrido para a ſua producção, porque não diminuio (2). Bonnet ſemeou em muſgo trigo, cevada, avêa, ervilhas, feijões, e fez ao meſmo tempo huma igual ſementeira em terra. Alguns deſtes grãos não

(1) Pag. 108. da edição d'Elzevir.
(2) Chimiſta Sept. pag. 95. e ſeg. De Origine form. Sect. 2.

não prosperárão ; mas a cevada , a avêa , e as ervilhas , produzírão melhor , crescêrão a mais altura , derão mais grãos , e amadurecêrão mais tarde. Elle fez a mesma sementeira em esponja , na qual algumas sementes seccárão , e outras produzírão mal , mas as sementes produzidas na esponja nascêrão , e reproduzírão depois melhor do que as do musgo (1). O mesmo Sábio plantou tambem vides em musgo , as quaes crescêrão , e engrossárão , como se fossem plantadas na terra (2).

Outras muitas experiencias publicadas nas Transacções Filosoficas , nas Memorias das Academias de Petersbourg , de Stocolmo , e de Berlin , e citadas por Walerio (3) provão assim como estas , que a terra por si mesma não concorre com nutrimento algum para o augmento das plantas ; o que faz cahir o Systema de Tull , destruindo os principios , que o sustentão.

A Academia Real das Sciencias de Lisboa , desejando animar os Engenhos Portuguezes a promover a Agricultura , hum

(1) Mem. des Savans Etrang. tom. 1. pag. 420 , e seg.

(2) O mesmo vol. pag. 434. , e seg.

(3) Elemens d'Agric. cap. 6.

hum dos objectos , que mais os interessão , propoz a questão seguinte , para ser julgada no concurso de 1788 com premio de 20 moedas (1). *Quaes são os mais convenientes meios de supprir a falta nos estrumes animaes , dos lugares , onde he difficultoso havellos ; averiguando-se particularmente , se o revolver , e expôr por varias vezes a terra á influencia da atmosfera , será hum modo sufficiente de fertilizalla , sendo tudo comprovado com repetidas , e authorizadas experiencias.* Entre as Memorias , que concorrêrão ao concurso , forão coroadas duas , com quarenta e oito mil reis cada huma.

» Depois do concurso acabado , che-
» gou ás mãos da Academia huma mui-
» to estimavel Memoria sobre o mes-
» mo assumpto , e logo que se pôde
» saber o nome do Author , determi-
» nou premiallo com huma serie de
» medalhas da Academia em prata , e
» com a carta de seu Correspondente
» (2). »

As

(1) No Programma de 23 de Julho de 1783.

(2) Collecção das Memorias d'Agricultura premiadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1787 , e em 1788. Prologo.

LISDA.

As tres Memorias concordárão em que expôr a terra muitas vezes á influencia da atmosfera, era hum meio sufficiente de a fertilizar?

EU.

Não, a primeira diz, que as lavras profundas, e frequentes em vez de fertilizar a terra, a esterilizão (1). A segunda segue a Nova Cultura, e allega varios exemplos de boas colheitas, que fez sem estrume, devidas unicamente ao effeito das lavouras, e dos fabricos (2). A terceira segue o sentimento da primeira, dizendo, que a frequencia das lavouras he nociva, e que esteriliza a terra (3).

LISDA.

Huma, ou duas dessas Memorias estão infallivelmente no erro; e se a Academia deseja indagar a verdade, julgo que não segue hum bom caminho premiando o erro.

A

(1) Memoria II. da Collecção cap. 3. §. 72.
(2) Mem. III. da Coll. cap. 6.
(3) Mem. IV. da Coll. Parte. 3. cap. 6. §. 65. e 69.

EU

A Academia conheceo, que das duas primeiras Memorias, que chegárão ao concurso, nenhuma satisfez inteiramente ao que se requeria; por isso repartio o premio por ambas, attendendo ao seu conhecido merecimento; pois he certo que trazem excellentes cousas, e que se fazem recommendaveis. A primeira depois de nos dizer, que as experiencias de Van Helmont, Boile, Gleditch, Bonnet, Du-Hamel, Kraft, Alston, Triwald, e Eller (1) mostrão que as plantas absorvem grande quantidade d'agua: que as de Saussure Pai, de Fabroni, de Priesteley, (2) mostrão que expostas as mesmas plantas ao ar podre, alterado pelo flogisto, ou misturado com o gaz inflammavel, vegetão, e medrão nelle assás bem, e lhe absorvem os principios malignos: e que as de Percival, e algumas do mesmo Priesteley, (3) mostrão que o acido aéreo, tendo contacto com as raizes, promove a vegetação, e faz allongar consideravelmente as

(1) Mem. II. da Coll. cap. 1. §. 6. 7., e 8.
(2) ——— cap. 1. §. 14. 15. 17., 18.
(3) ——— §. 20., e 25.

as plantas: e porque a luz he tambem essencialissima aos vegetaes, tira a conclusão de que *O gaz inflammavel, e a luz absorvidas pelas folhas, a agua, e o ácido aéreo chupados pelas raizes, e mais partes externas das plantas, são os seus verdadeiros principios elementares, e nutritivos.* (1)

No Capitulo segundo faz algumas reflexões admiraveis sobre os estrumes, que divide em animaes, vegetaes, e mineraes. Diz que a pedra calcarea he melhor do que a cal viva, e que se póde poupar a despeza, e o trabalho de a calcinar, reduzindo-a a pó por meio de moinhos (2). Depois de fazer conhecer, quaes são as qualidades necessarias do bom estrume, e as vantagens, e inconvenientes delle, diz que, o que póde reunir estas vantagens, sem os inconvenientes, será o melhor (3); que as cinzas se achão nestas circumstancias (4), e que as experiencias reiteradas tem não só mostrado, que ellas convém a toda a casta de terra, mas que são hum dos melhores meios de fe-

(1) Mem. II. da Coll. §. 47.
(2) ——— cap. 2. §. 45.
(3) ——— §. 50.
(4) ——— §. 51.

fecundar os campos, que conservão o terreno movediço, que a fecundidade, que communicão ás terras, he logo sensivel, e que dura muitos annos; que são contrarias á multiplicação dos vermes, e dos insectos, que destróem certas plantas pequenas, &c. (1). Ensina o modo d'aproveitar as que tiverem sido lexiviadas, misturando-as com a humidade dos curraes, e das estrebarias (2), e diz, que posto que pela experiencia conste, que as cinzas convém a toda a casta de terreno, não será fóra de proposito unillas com differentes terras accommodadas á natureza do terreno, que se quer fertilizar: por exemplo, misturallas com certa porção de barro para o terreno ligeiro, e quente, e para os saibrosos; com cré para os fortes, e com arêa, e cré para os barrentos (3), que por estes meios se obterá o mais universal, menos custoso, e o mais efficaz de todos os estrumes conhecidos (4). Tambem diz que não obstante serem as cinzas o melhor de todos os estrumes, e a sua uti-li-

(1) Mem. II. da Coll. cap. 2. §. 52.
(2) ——— §. 54.
(3) ——— cap. 2. §. 55.
(4) ——— §. 56.

lidade aſsás demonſtrada, todavia não approva o methodo de queimar as plantas ſobre as meſmas terras, com o fim de as eſtrumar, excepto ſendo duras, e lenhoſas, por eſtar convencido, que dellas ſe tira mais proveito ſotterrando-as (1); em fim que entre todas as ſubſtancias, que podem ſervir d'eſtrumes, são peores as animaes, melhores as mineraes, e muito melhores as vegetaes (2).

A ſegunda diz, que as raizes das plantas são as principaes boccas, com que ellas tirão da terra o ſeu ſuſtento, ſeja por huma força abſorvente, e eſponjoſa, ſeja por hum tacto natural, pelo qual cada vivente procura o que lhe he preciſo para a ſua conſervação. (3) Diz, que a calcinação he hum meio mui amplo d'encher a terra de ſaes, e enſina o methodo de a calcinar tanto por meio do fogo, como do Sol. (4) Falla das propriedades do marne, da argilla, &c., e do meio de os empregar, e combate a opinião de Du-Hamel, que a fertilidade das terras pedragoſas vem do pó, que ſe fórma pela

(1) Mem. II. da Coll. §. 57.
(2) ——— cap. 2. §. 58.
(3) Mem. III. da Coll. cap. 1.
(4) ——— cap. 2.

la fricção natural das pedras. Ella julga ao contrario, que a tal fertilidade provém do Afronitro, ou nitro dos Antigos (1). Ella ſuppõe em fim, que a ſeve ſe fórma da miſtura dos oleos com os ſaes, cuja miſtura fórma ſuccos ſaponaceos, e que as folhas são tambem hum caminho, por onde as plantas vegetão. (2)

A ultima, que foi coroada com a ſerie de medalhas da Academia, diz muitas couſas boas, entre outras que a agua promove a vegetação, porque carregada de particulas ſalinas, unidas com as oleoſas, fórma huma ſubſtancia ſaponacea, donde principalmente depende a vegetação das plantas (3), que » o calor promove o movimento do » ſucco: porém, ſe eſte correſſe ſempre » na meſma proporção pelos vaſos dos » vegetaes, eſtes ſerião logo obſtruidos, » nunca mais ſe conſervaria a vida dos » ſobreditos, antes ſeria cada vez mais » apreſſada a ſua deſtruição: por iſſo » a ſábia Natureza acautéla a deſor-» dem da economia vegetal, pela al-ter-

(1) Mem. III. da Coll. cap. 5.
(2) Nota. 4.
(3) Mem. IV. da Coll. Part. 1. cap. 10.

» ternativa do calor, e do frio. O » calor do dia faz ſubir o ſucco nas » plantas, excita huma forte tranſpi- » ração, e havendo huma abundante » ſecreção, o vegetal ſe deſcarrega » da humidade ſuperflua, ficando ſó- » mente com a parte mais depurada » dos principios oleoſos, ſalinos, e » terreſtres: ſe por alguma cauſa ſe » demora, ou ſuſpende a ſecreção, » acontecem frequentes deſordens na » maquina vegetal, e frequentes ve- » zes, até meſmo perecem as plantas. » O frio da noite produz hum effeito » contrario: o ſucco, que tem ſubido » pelo tronco, e ramos, deſce depois » para a raiz, e logo, que principia » a deſcer, as folhas abſorvem pela » parte inferior a humidade eſpalhada » na atmosfera, como tambem huma » grande parte do ar fixo, que na » meſma ſe ſuſtenta. Por eſte mecaniſmo » bem ſimples, e maravilhoſo, a Na- » tureza purifica o ar, que nós reſpi- » ramos. (1)

Elles concordão em fim em que o humus, ou terra vegetal fórma o principal nutrimento das plantas.

E

(1) Mem. IV. da Coll. Part. 1. cap. 1. §. 8. nota a

LISDA.

E eu concórdo em que os ſeus Authores não ſabem abſolutamente nada d'Agricultura. Nós não conhecemos hum meio mais prompto, nem menos deſpendioſo para reduzir a pedra da cal a pó, do que o da calcinação. Eu creio que ſe o tal Author penſaſſe alguns momentos ſobre a difficuldade de pizar eſta pedra, até o pequeno ponto de a poder lançar nos moinhos, ſobre a pouca duração, que terião as mós, que a moeſſem, e ſobre a força enorme, que ſeria neceſſaria para as fazer mover, não proferiria ſimilhante propoſição.

Quando a Academia pede os meios de ſupprir os eſtrumes animaes nos lugares, onde he difficultoſo havellos, parece-me, que he abuſar muito da ſua credulidade, o nomear-lhe as cinzas como o mais univerſal, o menos cuſtoſo, e o mais efficaz de todos os eſtrumes conhecidos (1), pois que ellas são pelo caminho mais curto, cem vezes menos univerſaes, e incomparavelmente mais deſpendioſas, do que os eſtrumes animaes. He preciſo não ter prá-

ti-

(1) Mem. II. da Coll. cap. 2. §. 56.

tica alguma d'agricultura, para crer que as cinzas são boas, e efficazes para todas as qualidades de terrenos. Todas as terras seccas, onde as lançassem, ficarião desde o primeiro anno esterilizadas. Hum carro d'estrume animal vale quatro, ou sinco d'estrume vegetal. A differença entre estes estrumes he tão grande, que o animal faz augmentar a producção das terras, de dobrado, e de mais, e a do vegetal he apenas sensivel. Eu não comprehendo como os vossos lavradores chegão a ignorancia ao ponto de não conhecerem huma cousa, que a experiencia mostra todos os dias com tanta evidencia.

E U.

Os nossos lavradores conhecem tão bem a superioridade dos estrumes animaes sobre os vegetaes, que pagão os primeiros por preços mui altos, e vão buscallos ás Povoações com grande despeza; no mesmo tempo em que fazem pouco caso dos vegetaes, que elles podem ter em muitas partes em abundancia, lançando mato nas estradas, o que elles não fazem muitas vezes, porque as utilidades destes estrumes os recompensão mal do seu trabalho.

O

O Author desta Memoria, he hum Sábio, que não teve nunca prática d'Agricultura; mas como isso lhe não tirava o direito de concorrer aos premios da Academia, ajuntou as experiencias d'alguns Escritores, e extrahio quasi todos os sentimentos da sua Memoria, do Capitulo VII. do Artigo *Cultura* do Diccionario d'Agricultura, cujo Artigo he hum extracto das Reflexões sobre o estado actual da Agricultura em cuja obra se achão excellentes principios, misturados com erros grosseiros, e como o Author da Memoria não tinha prática alguma d'Agricultura, copiou o bom misturado com o máo: defeito, em que necessariamente cahem todos os que tratão materias, que não entendem. Eu creio que, se se exceptuão os pequenos defeitos, de que acabámos de fallar, todo o resto desta Memoria he admiravel, e que não só ella, mas tambem as outras duas merecêrão com bastante razão os premios da Academia.

LISBA.

Os defeitos, de que acabámos de fallar, não obstante serem capitaes, podem reputar-se bem pequenos, em compa-

ração dos erros enormes de todas as tres Memorias, a reſpeito dos principios da vegetação. Para dizer que os ſaes, e oleos fórmão ſubſtancias ſaponaceas, donde as raizes tirão o nutrimento das plantas; que as plantas ſe nutrem pelas raizes, e pelas folhas, e que a ſeve ſobe de dia, e deſce de noite, he preciſo ignorar até os primeiros principios de Fyſica. Para que as plantas ſe pudeſſem nutrir pelas folhas, e pelas raizes, ſeria indiſpenſavelmente neceſſario, que o principio, que puxaſſe as ſubſtancias nutritivas dos dous lados, eſtiveſſe no meio das plantas, ou ao meſmo tempo nas duas extremidades das folhas, e das raizes; no primeiro caſo, o principio poſto no meio das plantas ſeria obrigado a mudar em todos os momentos com o augmento das meſmas plantas, o que até he ridiculo a imaginar; no ſegundo, ou ſe ſuppõe os dous principios iguaes, ou deſiguaes, ſe ſão iguaes, he certo o equilibrio, e por conſequencia, a ſuſpensão total do movimento; ſe ſão deſiguaes, o principio mais forte prevalecerá ſobre o mais fraco, e a planta receberá o nutrimento por hum ſó lado.

O

EU

O caſo he agora comigo. Eu vou moſtrar-vos, que os pontos em queſtão ſão tão verdadeiros, e a ſua evidencia tão demonſtrada, que ſe não póde duvidar com apparencia alguma de razão da ſua infallibilidade.

» A analyſe Chimica das plantas » demonſtra até a evidencia a mais pal- » pavel, e a mais material, que ſe tira » dellas, I. gaz; II. agua; III oleo; » IV. ſaes; V. terra; ſe eſtas ſubſtan- » cias exiſtião na planta analyſada, el- » las exiſtião pois antes, em parte na » terra, em parte na atmoſfera, pois » que foi neſtes dous immenſos rece- » ptaculos, que ella vegetou. A ſua » exiſtencia he pois fóra de toda a con- » teſtação (1). O Abbade Rozier, e todos os Sabios, que concorrêrão para formar o Diccionario d'Agricultura, reputado com baſtante razão, como a melhor obra no ſeu genero, examinárão eſcrupuloſamente todas as deſcubertas relativas a eſta importante materia, por iſſo baſta, que eu vos cite alguns dos ar-

R ii

(1) Cours Compl. d'Agric. Art. Cult. cap. 8. Sect. 2.

artigos, onde elles fallão deſtas ſubſtancias ſaponaceas (1), para vos moſtrar mais amplamente como os objectos da voſſa maior dúvida são verdades demonſtradas, e ſeguidas por todos os Sábios da Europa.

As experiencias, de que já vos fallei, e algumas das da primeira Memoria, principalmente as de Prieſtley, provão, que as plantas ſe nutrem em grande parte pelas folhas.

A experiencia moſtra que, ſe ſe põe plantas em vaſos da meſma grandeza, na meſma qualidade de terra, e em tudo em identicas circumſtancias, e ſe deixão huns em terra inculta, e outros em terra lavrada, eſtes ultimos produzem incomparavelmente melhor, não obſtante o não poderem as raizes das plantas chegar á terra lavrada, e ſe alguns ficarem em ſitio, onde a atmoſfera eſtiver mui empregnada de ſubſtancias aériformes, aſſim como ao pé d'eſtribarias, ou curraes, eſtes ultimos produziráõ incomparavelmente melhor (1). Iſto prova

(1) Art. Cult. cap. 8. Sect. 2. Art. Engrais cap. 1. Art. Amender cap. 1. Art. Chanvre cap. 2. Art. Fumier, e outros muitos.

(2) Cours Compl. d'Agric. Art. Amender cap. 1.

va claramente, que as folhas embebem eſtas ſubſtancias.

Todo o mundo ſabe, diz Walerio, que as plantas ſe nutrem tanto pelas folhas, como pelas raizes. (1)

A Encyclopedia diz, que as plantas tomão ſem ceſſar o nutrimento de dia pelas raizes, de noite pelas folhas (2). Du-Hamel ſegue o meſmo ſentimento no Tratado da Cultura das terras (3), o que prova com toda a evidencia por hum grande número d'experiencias, annunciadas nas Memorias da Academia Real das Sciencias de París. (4)

Os Authores do Diccionario d'Agricultura ſuſtentão abertamente o meſmo, em muitos Artigos da meſma obra (5). Eu poderia citar tantos Authores, que fizeſſe volumes inteiros de citações, mas citar para fazer conhecer verdades geralmente recebidas de todo o Mundo, he hum trabalho pueril, e inutil.

Pro-

(1) Elem. d'Agric. cap. 7. §. 1.
(2) Art. Seve.
(3) Tom. 1. cap. 1.
(4) Anno de 1744. pag. 4. 5. e ſeg.
(5) Art. Air Sect. 2. e 3. Art. Cult. cap. 7., e 8. Art. Engrais cap. 1. Art. Feuille Sect. 4., e outros muitos.

Propuzerão-se nas Transacções Filoſoficas (1) as queſtões ſeguintes, entre outras muitas ſobre a vegetação. Se a ſeve, que ſahe, quando ſe faz hum buraco à huma arvore, vem debaixo, ou de cima? Qual he a parte da ſeve, que ſóbe, ou que deſce pela caſca? E a que ſóbe aſſim, ſe s'eleva pela ſua parte exterior, ou interior (2)? Apparecêrão logo nas meſmas Transacções Filoſoficas as reſpoſtas a muitas deſtas queſtões, as quaes ſe achão extrahidas no meſmo volume da Collecção Academica Eſtrangeira (3), donde eu as tirei, e provão com evidencia a ſubida, e deſcida da ſeve.

» Mariotte, e Halles provárão, I. » que as raizes recebem a humidade » da terra, que ſóbe no tronco, e nos » ramos; II. que as folhas s'embebem » da humidade dos orvalhos, que deſce » nos ramos, e no tronco. He pois » bem eſtabelecido, que a ſeve he hu» mas vezes aſcendente, e outras deſ» cendente (4). »

» Os

(1) Anno de 1663. N°. 40.
(2) Collec. Acad. Etrang. tom. 2. pag. 159.
(3) Tom. 2. pag. 172.
(4) Hiſt. de l'Acad. R. des Scienc. de Paris. Anno de 1744. pag. 7.

» Os ſuccos nutritivos penetrão, hu» mas vezes da terra pelas raizes, e » s'evaporão pelas folhas, e outras s'in» troduzem pelas folhas, e deſcem até » ás raizes (1). » De dia obra o Sol » ſobre a terra, e então a ſeve he aſ» cendente, e de noite obra a terra ſo» bre a atmoſfera, e a ſeve he deſcen» dente (2). » Não ſó os lugares já citados deſta obra, mas outros muitos, e os das differentes obras, de que tenho fallado, concordão unanimemente da aſcensão, e deſcensão da ſeve. As muitas, e bem feitas experiencias de Du-Hamel (3) provão eſta verdade ao ponto de não deixarem a mais pequena dúvida.

O conhecimento da aſcensão, e deſcensão da ſeve, fez ſuppôr os Malpighi, a Perraut, a Mariotte, e a outros Sábios, que ella circulava nas plantas, como o ſangue nos animaes (4), mas eſta opinião combatida por Dodard, e por

(1) Cours Comp. d'Agric. Art. Arbre cap. 1.
(2) ——— Art. Engrais cap. 1.
(3) Hiſt. de l'Acad. R. des Scienc. de Paris Anno 1744. pag. 3., e ſeg. Phyſique des Arbres liv. 4.
(4) Hiſt. de l'Acad. R. des Scienc. de Paris. Anno 1709. pag. 44. da part. hiſt.

por Halles (1), he perfeitamente deſtruida pelas experiencias de Muſtel da Sociedade de Rouan. Elle poz alguns vaſos, que tinha com roſeiras pela parte de dentro, e de fóra d'uma janella d'uma caſa, que conſervou ſempre quente. D'uma roſeira, que eſtava pela parte de dentro, paſſou hum ramo para fóra, e d'uma, que eſtava fóra, paſſou outro para dentro, e betumou os buracos, por onde eſtes ramos paſſavão. O effeito foi, que os ramos, que eſtavão dentro da caſa, produzírão folhas, e flores, e huma maceira anã, que tambem eſtava dentro, produzio maçans. Os ramos, que eſtavão fóra, não derão final algum de vegetação (2). Eſta experiencia deſtróe a circulação da ſeve, porque ſe ella circulaſſe, devia tambem fazer produzir os ramos, que eſtavão da parte de fóra da janella. Du-Hamel, e Fabroni fizerão experiencias com pouca differença ſimilhantes.

Eu vi no lugar de Sapélos, termo de Monte Alegre, huma videira, a qual por eſtar ſobre o telhado da forja d'um Fer-

(1) Phyſique des Arb. liv. 5. cap. 2. art. 11.

(2) Tranſ. Filoſ. vol. 63. pag. 126.

Ferreiro, ſe cubrio toda de folhas, antes que as outras do meſmo lugar déſſem final de vegetação, e huma roſeira no lugar d'Izei, termo de Chaves, que tinha hum ramo guarnecido de folhas, e de flores em Janeiro, por eſtar junto á abertura, que dava luz a huma cavallariça, o reſto da roſeira eſtava como todas as outras ſem final algum de vegetação. Na Traveſſa da Eſpera, entrando para a Rua da Barroca em Lisboa, eſtá huma eſpongeira com o tronco n'uma cavallariça, e os ramos por cima do telhado, a qual, não obſtante o continuado calor, que recebe da cavallariça, não produz nunca mais cedo do que as outras. Eu tenho viſto outras muitas arvores em iguaes circumſtancias, produzindo ſempre o meſmo effeito, e que me fazem crer, que o calor, que põe a ſeve em movimento, deve principiar ſempre pela parte dos ramos.

CAPITULO XVI.

Continuação da meſma materia.

MUitas outras experiencias feitas em differentes partes confirmão tudo o que vos tenho dito ; mas eu julgo deſneceſſario repetillas depois das que vos tenho citado das Obras mais acreditadas da Europa. Eu creio, que vós eſtareis perfeitamente convencida das verdades das Memorias , e ſe o não eſtais, eu vou dizer-vos ſeparadamente cada huma das experiencias, que as provão, e que moſtrão clariſſimamente , que as plantas recebem nutrimento pelas folhas , e que os ſuccos, que recebem por ellas , vão até ás raizes.

LISDA.

Não preciſo das voſſas experiencias, para me convencer de que as plantas recebem nutrimento pelas folhas, e de que os ſuccos, que recebem por ellas, vão até ás raizes. Ha muito tempo que eſtou completamente convencida deſta verdade, mas dizei-me , como explicais o primeiro principio da vegetação, porque

que deſejo ſaber a que meio tem recorrido o voſſo errado , e extravagante Syſtema.

EU.

Acabais de dizer , que as plantas recebem nutrimento pelas folhas , e que os ſeus ſuccos vão até ás raizes : circumſtancias , que concordão com o noſſo Syſtema , e não obſtante iſſo chamais-lhe errado , e extravagante.

LISDA.

Sim , eu vos direi logo a razão ; reſpondei-me agora ao que vos perguntei.

EU.

Grew , hum dos mais célebres anatomicos das plantas , diz que o grão lançado na terra ſe reparte em dous lobos , e que tem tres partes eſſenciaes , ou organicas. O corpo , ou os meſmos lobos he a primeira , a radicula , que fórma a raiz das plantas , he a ſegunda , e a terceira he a pluma. O grão he forçado d'augmentar , de s'abrir , de lançar para cima hum talo , formado pela parte mais ſubtil da ſeve , e para baixo raizes formadas da parte mais groſ-

groſſeira da materia. Eſte ſucco tendo paſſado por tres pelles, de que a cutícula he a terceira, ſe purifica, fermentando, e entra no parenchima, que he huma parte do verdadeiro corpo do grão; elle fórma em conſequencia a ſua ultima qualidade nos ramos da raiz ſeminal, e faz creſcer primeiro a radicula, a qual recebe o que lhe he neceſſario, primeiro do que a pluma, cuja pluma he a ultima, que creſce. Eſta radicula recebe depois da terra hum novo ſucco mais abundante, que fermenta com o outro, repulſa pouco e pouco eſte ſucco primitivo, obrigando-o a tomar hum movimento contrario ao que tinha antes, e a voltar da raiz para a pluma, a qual ſe nutre por eſte meio (1). A Encyclopedia he tão concorde com iſto, que ſe ſerve das meſmas palavras, tranſcrevendo o meſmo texto. (2)

Eller diz que os lobos fornecem ao principio o liquido para o ſuſtento da pequena raiz ſeminal, e do talo; mas que a ſua humidade ſendo logo eſgotada, os lobos ficão chatos, e os va-

(1) Anatomie des Plantes pag. 19., e ſeg.
(2) Art. Germination.

vaſos deſpejados, e que então as raizes da planta já formadas fornecem de novo huma humidade abundante, que enche os ſeus vaſos evacuados, e o tronco, que entrava antes por hum angulo agudo no grelo, fornece agora eſta humidade por hum canal d'uma direcção direita, de ſorte que os ſeus pequenos ramos, que recebião o ſeu primeiro licor da periferia dos lobos, e o levavão para o centro, o recebem, e diſtribuem agora por hum movimento oppoſto, para a periferia deſtes lobos chatos, e delgados. (1)

Outro Sábio, não menos reſpeitavel, diz tambem, que he a pequena raiz, a que creſce primeiro, que ella não ſubſiſte do ſucco, que tira da terra, ella não he quaſi nada, o talo he tambem mui pequeno, para ſoccorrer as ſuas precisões, mas que os lobos fornecem eſte nutrimento para a pequena raiz, o que prova bem o ſoccorro reciproco, que o grelo, e a raiz ſe dão. Nas plantas, onde os lobos ſe fazem folhas ſeminaes, quando eſtes lobos tem ſahido da

(1) Mem. de l'Acad. R. des Scienc., e Belles lett. de Berlin. Anno 1752. pag. 24., e ſeg.

da terra, as raizes lhes fornecem certamente o nutrimento necessario (1). Halles he do mesmo sentimento (2), assim como os Authores do Diccionario d'Agricultura (3), e outros muitos Escritores.

LISDA.

Quando se lanção os grãos na terra, ficão huns inclinados, e outros voltados para baixo, mas todos elles crescem, lançando o grelo para cima, e a raiz para baixo. Como explicais vós isso?

EU.

» Todas as vezes que a pluma se
» acha em huma situação, ou paralle-
» la, ou inclinada ao horizonte, o
» succo nutritivo deve ancorar na sua
» parte inferior, elle deve por conse-
» quencia nutrilla mais do que a supe-
» rior, e levantar por isso a sua extre-
» midade para cima. »

» Quando a radicula está n'uma si-
» tua-

(1) Hist. de l' Acad. R. des Scienc. de Paris, Anno 1744. pag. 3.

(2) Stat. di veget pag. 274. da Traduc. Italiana.

(3) Art. Bled.

» tuação similhante, o succo nutritivo
» deve penetrar em maior quantidade
» pelos póros da parte superior, que
» pelos da inferior. As causas, que ahi
» levão este succo, obrão na verdade
» igualmente sobre os dous lados, e
» deveria por isso haver huma inteira
» igualdade, mas o proprio pezo deste
» succo lhe põe huma consideravel dif-
» ferença: elle s'oppõe á sua entrada
» nos póros da parte inferior, e a fa-
» cilita ao contrario nos da superior.
» O succo nutritivo deverá pois por
» isso entrar em maior quantidade nos
» póros da parte superior da radicula,
» que nos da inferior; a parte supe-
» rior deverá por consequencia neste
» caso crescer mais do que a inferior,
» e fazer curvar para baixo a extremi-
» dade da radicula. » (1)

Eu tenho achado, diz Eller, pelo microscopio, que os pequenos filamentos, de que as raizes se fórmão, são ócos, e abertos nas suas extremidades; elles servem por consequencia de tubos capillares para attrahir a humidade da terra; no grelo ao contrario o microscopio não mostra abertura alguma óca, por

(1) Coll. Acad. Franc. tom. 2. pag. 524.

por conſequencia elle ſe deſenvolve pouco e pouco pela circulação da humidade, que alarga as ſuas fibras, e os ſeus vaſos. Supponhamos agora que pela volta da ſemente, a radicula ſeminal lançaſſe os pequenos filamentos para cima, para a ſuperficie da terra, eſtes ſe voltaráõ logo, e ſerão attrahidos pela humidade, que ahi entra, como em tubos capillares, e que s'augmenta ſempre, á medida que elles s'apartão da ſuperficie da terra; aſſim a raiz ſerá apartada para as camas inferiores, que ſão mais humidas. O grelo neſte caſo ſahindo dos lobos da ſemente, he levado para baixo pela circulação dos ſeus humores, os quaes não achando ſahida como na abertura das raizes, diſpõe o grelo por eſte choque a voltar-ſe, e a buſcar huma direcção, onde encontre menor reſiſtencia, a qual elle acha, á medida que s'aviſinha da terra. He por eſte ſimples mecaniſmo, que o grelo ſe curva, e deſenvolve o ſeu talo ſahindo da terra. (1)

Walerio diz que he, porque as partes mais ſubtis ſobem a formar os ramos, e as mais groſſeiras deſcem naturalmente a formar as raizes (1). Dodard julga, que ſe póde attribuir iſto ao reflexo do Sol, e a outras cauſas ainda mais inſufficientes, mas ao menos elle tem a boa fé de confeſſar a ſua ignorancia, e a inſufficiencia das ſuas razões. (2)

(1) Mem. de l'Acad. R. des Scienc., e Belles lett. de Berlin. Anno 1752. pag. 23.

LISDA.

A agua não ſóbe nas bombas, nem em tubo de qualidade alguma a mais de 32 pés d'altura, como fazeis vós ſubir a ſeve a alturas tão grandes, como as dos cedros, dos cypreſtes, e d'outras arvores, que não cedem a eſtas.

EU.

Alguns Fyſicos pertendêrão, que ella ſe podia elevar unicamente embebida pelo miolo das arvores, mas La-Hire fez algumas experiencias a eſte reſpeito, e moſtrou, que por eſte mecaniſmo apenas ſe podia elevar a algumas pollegadas (3). Eſte meſmo Sábio

(1) Elem. d' Agric. cap. 3. art. 6.
(2) Hiſt. de l' Acad. R. des Scienc. de Paris. Anno 1700. pag. 47.
(3) Mem. de l' Acad. R. des Scienc. de Paris, tom. 10. pag. 317.

bio faz differença dos tubos por onde sóbe, e desce a seve, os quaes não differem senão pela disposição das valvulas linhosas, que estão dispostas n'uns, e n'outros de sorte, que nos ascendentes estão unidas pela parte inferior, e nos descendentes pela superior. Elle attribue, como Boreli, o movimento da seve á dilatação, e condensação do ar, causadas pelo Sol; mas elle a faz passar nas fibras ócas, as quaes tem lugar de vêas, d'arterias, e até de bófe. (1)

LISDA.

A que attribuís vós a variação quasi infinita, que s'encontra na figura, no gosto, e no cheiro dos vegetaes?

EU.

„ Como toda a planta, e o car-
„ valho mesmo o mais alto, he con-
„ tido em miniatura no grão desti-
„ nado á sua reproducção, não he
„ espantoso, que esta semente commu-
„ nique o principio, que modifica a
„ seve em todo o individuo. A Na-
„ tu-

(1) Mem. de l' Acad. R. des Scienc. de Paris, tom. 2. pag. 184. e seg.

„ tureza não complica a marcha das suas
„ operações; ella tem posto o princi-
„ pio do sabor no orificio das raizes
„ de cada planta.... Eis-ahi pois o
„ fermento no orificio das raizes á
„ entrada de todos os póros absoryen-
„ tes da planta. (1) „

LISDA.

Não conheceis vós os modos d'enxertar as arvores humas nas outras das mesmas, e de differentes qualidades?

EU.

Os enxertos são conhecidos na Europa de tempo immemorial; mas nunca a arte d'enxertar esteve tão acreditada como agora, porque a experiencia junta com a reflexão nos tem mostrado, que as fructas s'aperfeiçoão por meio dos enxertos (2). O que ha d'extraordinario nos enxertos, he que o principal cede sempre ao accessorio. Se s'enxerta huma arvore temporã n'uma tardia, ou a tardia na temporã, o enxerto brota, e florece sempre impreteri-

(1) Cours Comp. d'Agric. Art. Cult. cap. 8. Sect. 2.

(2) Phyfique des Arb. liv. 3. cap. 3.

velmente no seu tempo costumado, sem que a seve da arvore em movimento, se ella he mais temporã, ou em quietação, se he mais tardia, influa nada sobre elle. (1)

O que excede a comprehensão humana, he que a seve depois de passar por huma arvore, e pelas suas raizes, da qualidade da mesma arvore, mude inteiramente na passagem para o enxerto, produzindo folhas, flores, e fructos da qualidade do enxerto, sem mistura alguma da arvore. Os Agricultores attribuem isto á mudança de fermento da seve, entrando no enxerto (2). Du-Hamel diz que enxertára hum limão n'uma laranjeira, em tempo em que elle era da grandeza d'uma ervilha; cujo limão creseeo, e amadurou limão sem mistura alguma da laranjeira, que o sustentou. (3)

Eu tenho visto algumas fructas combinadas, principalmente limões doces com alguma parte azeda, e azedos com

(1) Cours Compl. d' Agric. Art. Amendie cap. 4.

(2) Elemens d' Agric. cap. 3. Cours Comp. d' Agric. Art. Cult. cap. 8. Sect. 2.

(3) Traité de la Cult. des terres tom. 1. cap. 2. 4.

com alguma parte doce. O Diccionario d'Agricultura diz, que formando, e enxertando hum prumo de dous meios prumos differentes, a fructa, que sahir deste enxerto, será combinada com as qualidades dos dous meios prumos, que apenas de cem enxertos feitos deste modo pegará hum; mas que esse recuperará pela sua raridade do trabalho de todos. (1)

Eu perguntei a hum sujeito, que tinha hum limoeiro de limões combinados, por que modo o tinha enxertado, mas elle me respondeo, com bastante admiração minha, que o seu limoeiro não tinha sido nunca enxertado, e que o tinha tirado d'outro, que dava limões simples; que aquillo era obra da Natureza, que produzia algumas vezes daquellas raridades sem o soccorro da arte; que elle tinha limoeiros azedos enxertados em doces, e doces em azedos, sem que os limões dos enxertos participassem de mistura alguma das arvores, onde estavão enxertados, o que o confirmava em que aquella combinação só podia ser obra da Natureza.

Adanson he do sentimento deste sujei-

(1) Art. Amendier. cap. 3.

jeito na excellente Memoria, que fez ſobre a mudança das eſpecies das plantas (1). Lê-ſe nas Tranſacções Filoſoficas (2), que ſe depois de muitos enxertos eſcolhidos, e curioſos ſe ſemea a ſemente em bom terreno, ſe podem eſperar eſpecies novas, e combinadas (3). Não obſtante iſto, Du-Hamel, que trabalhou muitos annos por alcançar alguma eſpecie nova, ou combinada, o que não póde conſeguir; e attribue as raridades, que s'encontrão neſte genero, ao pó fecundante d'outras arvores (4), negando que os enxertos mudem as eſpecies de fructas. (5)

LISDA.

Vós fallaſtes na circulação do ſangue dos animaes; dizei-me o que entendeis por eſta circulação?

EU.

A circulação do ſangue no animal he hum movimento natural do ſangue n'um

(1) Hiſt de l' Acad. R. des Scienc. de Paris. Anno 1769. pag. 51., e ſeg.
(2) Anno 1665. N. 48.
(3) Collec. Acad. Etrang. tom. 5. pag. 10.
(4) Phyſ. des Arb. liv. 3. cap. 3.
(5) —— Liv. 4. cap. 5 art. 8.

n'um animal vivo, pelo qual eſte humor he alternativamente levado do coração a todas as partes do corpo pelas arterias, e trazido deſtas meſmas partes pelas véas (1). Harveo, famoſo Medico Inglez, foi quem fez eſta feliz deſcuberta no principio do Seculo paſſado: deſcuberta, que alguns invejoſos lhe quizerão diſputar, e que outros attribuírão á Antiguidade, deſde que a demonſtração não deixou duvidar da ſua realidade, que a incredulidade diſputou por muito tempo.

De tempos a tempos apparecem alguns Genios extraordinarios, que com invenções ſuas, ou deſpertando as dos Antigos, concorrem muito para os progreſſos das Sciencias, e das Artes. Harveo com a deſcuberta da circulação do ſangue, e Copernico fazendo reviver o antigo Syſtema de Pythagoras, tantos ſeculos eſquecido, e deſprezado, são deſte numero. Sem as grandes luzes do primeiro a Medicina ſeria bem pouca couſa; e ſem o ſábio, e feliz atrevimento do ſegundo, a Aſtronomia eſtaria talvez ainda na barbaridade, que ſuppunha a » Terra no centro do Mundo

(1) Encyclopédie Art. Circulation.

do, fazendo voltar ao redor deste pequeno corpo não sómente os outros Planetas, entre os quaes muitos são incomparavelmente maiores, mas o mesmo Sol, e todas as Estrellas fixas, cuja prodigiosa grandeza não póde entrar em comparação com a da Terra. »

LISDA.

Que Systema he esse de Copernico?

EU.

He hum Systema, no qual se suppõe o Sol no centro do Mundo, e os Planetas, e a Terra movendo-se ao redor delle em ellipses. Segundo este Systema, as Estrellas estão firmes, e o movimento diurno, que ellas parecem ter d'Oriente em Occidente, he produzido pelo da terra, que volta sobre o seu eixo d'Occidente para o Oriente . . . Este Systema de Copernico he não só mui simples, mas mais conforme ás observações astronomicas, que se não podem concordar com os mais Systemas. Observão-se differentes apparencias em Venus, como na Lua, e tambem em Mercurio, as quaes se não podem explicar no Systema de Ptolomeo; em lugar que se dá huma razão mui sensivel destes fe-

fenomenos, suppondo como Copernico o Sol no centro, e Mercurio, Venus, e a Terra, voltando ao redor delle nesta mesma ordem. (1)

Não obstante ser este Systema o unico bom, e reconhecido por tal pelas observações, e pelos sentimentos de Galileo, de DesCartes, de Newton, e dos mais respeitaveis, e acreditados Sábios da Europa, elle não he ainda geralmente recebido por todos os Póvos, por parecer opposto aos nossos Livros Sagrados, os quaes dizem que o Sol parou huma vez (2), e que retrocedeo outra dez degráos (3). Os Póvos, que o adoptárão, dizem, que elle não he em nada opposto aos Sagrados Textos, porque Deos fallando a hum Povo grosseiro sem conhecimentos alguns de Fysica, ou d'Astronomia, s'exprimia segundo o modo de pensar do mesmo Povo, que o não entenderia, se lhe disseſſe, que a Terra parára, ou que retrocedêra dez degráos.

Vós

(1) Encyclop. Art. Copernic.
(2) Josué cap. 10. vers. 13.
(3) Eccles. cap. 48. v. 26.

LISDA.

Vós juntaſtes a inconſequencia á ignorancia. Huma vez que vós reputais os voſſos Livros Sagrados como taes, e como a obra de Deos, não devieis ſuppôr o Ser Supremo capaz de mentir; porque á pezar de todas as voltas, e interpretações, que queirais dar aos taes Textos, não podereis evitar, que o dizer, que parou o Sol, tendo parado a Terra, e que retrocedeo o Sol, tendo retrocedido a Terra, deixem de ſer mentiras. Ora a mentira foi, he, e ſerá eternamente incompativel com a eſſencia de Deos. Eu vos farei conhecer por provas evidentiſſimas, que o tal Syſtema de Copernico he o mais ridiculo delirio, a que podião chegar os homens. Dizei-me mais huma couſa, antes que nos apartemos; como ſupponhes vós que ſe nutrem, e creſcem os animaes?

EU.

A pergunta parece pueril, ou vós eſtais zombando. Todo o Mundo ſabe, que os animaes ſe nutrem, e creſcem do que comem. » Os alimentos,

» ou

» ou córpos deſtinados a fornecer o
» nutrimento do animal, ſendo a maior
» parte debaixo de fórma ſólida, não
» contribuem ao ſeu deſtino, ſenão
» depois de paſſarem a huma fórma
» fluida na maſſa dos humores pelo
» extracto, que ſe faz da materia ali-
» mentar nas primeiras vias, debaixo
» do nome de chilo; o que he ainda
» huma aſſembléa groſſeira das partes
» heterogeneas, entre as quaes ſe acha
» a verdadeira materia do nutrimento,
» que ſe não deſenvolve, e não he ſuf-
» ficientemente preparada, e attenuada,
» ſenão depois de differentes elabora-
» ções; primeiro debaixo da fórma de
» ſangue, depois da de linfa, que ſe
» ſubtiliza, e evapora cada vez mais,
» paſſando por differentes fieiras de
» vaſos ſempre mais pequenos, e ſem-
» pre menos compoſtos, até que te-
» nha chegado á ultima divisão dos
» vaſos, que são aquelles, em cuja
» compoſição entrão unicamente fibras
» ſimples alimentares, formadas de
» particulas plaſticas da meſma natu-
» reza, que o fluido, que elles contém,
» o qual tem todas as qualidades re-
» queridas, para entrar na compoſição
» das fibras ſimples, das quaes são for-

» ma-

» madas todas as partes sólidas, todos os » orgãos. (1)

LISDA.

A pergunta parecia pueril, mas a graça he, que ella servio, a pezar da sua puerilidade, para me fazer conhecer a vossa ignorancia sobre o objecto, que interessa mais a Humanidade. Os alimentos, que vós julgais, que nutrem, e fazem crescer o animal, não servem senão d'instrumento para sustentar por meio da fermentação o calor necessario no seu interior, capaz de rarefazer o ar, e destruir o equilibrio entre este mesmo ar interior, e a atmosfera. Destruido este equilibrio, a atmosfera entra em virtude do seu pezo por todos os póros do corpo, e leva comsigo as differentes materias, que vão augmentar todas as partes liquidas, e sólidas do mesmo corpo. A ignorancia deste principio trivial, mas necessario, deve ter conduzido a vossa Medicina por hum caminho opposto ao seu verdadeiro fim. He impossivel, que se saibão curar as enfermidades, e ainda mais que se saibão evitar, quando s'ignorão as causas, que as produzem.

CA-

(1) Encyclop. Art. Nutrition.

CAPITULO XVII.

Dos Principios da Vegetação segundo os Póvos Balinos.

PArece-me tempo de satisfazer ao que vos prometti, e de vos explicar os principios da vegetação, e quaesquer outros objectos d'Agricultura, que vos offerecerem alguma dúvida. A respeito das materias, que não são da minha inspecção, estou certa, que haveis de achar entre estes Sábios hum desabuso total dos vossos erros. Attendei, e comparai as minhas razões com as dos vossos Filosofos, e depois julgareis qual he dos dous partidos o enganado.

Acostumada a ver o nascimento das plantas na terra, vós estais persuadida de que crescem da terra para o ar; mas eu vos digo ao contrario, que crescem do ar para a terra. Vós olhais como huma verdade sem réplica, que as raizes sustentão as plantas; e eu vos digo, que as plantas sustentão as raizes. Vós estais igualmente convencida de que as plantas sustentão os fructos, e eu vos digo, que os fructos não tirão sustento al-

algum das plantas. Eſtas verdades vão chocar as voſſas opiniões muito de frente, para ſerem bem recebidas. Quando os erros, que ſe bebem com o leite, ſe fortificão com o coſtume, e com o exemplo da opinião geral, são quaſi indeſtructiveis; mas a importancia deſtas verdades pede que ſejão julgadas, eu não digo ſem prevenção, porque iſſo não he da força dos Mortaes, mas com a menor prevenção poſſivel.

Eu não ſei, ſe vós concordais n'hum principio, em que nós eſtamos, de que a materia não póde ſer deſtruida; bem entendido, que iſto não he ſuppôr, que o Artiſta Supremo, que a tirou do nada, deixe de a poder tornar ao ſeu antigo eſtado: eu falio ſegundo a ordem natural das couſas.

O movimento do Sol, a primeira força motriz, que communica a acção á Máquina da terra, faz com que tudo o que nos cerca, tende inceſſantemente para mudar de figura; e que os córpos decompondo-ſe por huma fermentação univerſal, appareção ſucceſſivamente debaixo de novas fórmas. Animaes, vegetaes, mineraes, tudo he ſujeito a eſta lei fatal, e desfazendo-ſe mais, ou menos lentamente, vai nadar no vaſto receptaculo da atmoſfera, donde tornando a cahir para a terra, continúa o ſeu giro, e produz huma nova ordem de couſas.

Para m'explicar com mais brevidade, eu chamarei á materia, de qualquer qualidade que ella ſeja, ſubſtancia aériforme quando a conſiderar nadando na atmoſfera, e ſubſtancia heterogenea, quando a conſiderar miſturada com a terra.

Nós ſuppomos o grelo, ou ſemente de cada planta, formado de tal modo, que não póde admittir ſenão particulas proprias, e analogas á ſua primeira organização, e que conſervem ſempre, augmentando o ſeu volume, a meſma organização, e a meſma propriedade. Como a organização deſtas ſementes póde variar ao infinito, não temos difficuldade em conceber a differença prodigioſa, que s'encontra na Natureza. Iſto ſuppoſto, eu vou agora explicar-vos os principios da vegetação.

A humidade principia a penetrar o grão, logo que elle he lançado na terra, e junta com o calor da meſma terra produz a fermentação da materia farinácea, que cerca o grelo; a fermentação

ção produz a rarefacção do ar, e a rarefacção do ar, deixando á atmosfera a liberdade d'obrar em virtude do seu pezo, faz com que ella entre pela ponta, ou parte exterior do grelo, e como a atmosfera he combinada com a substancia aériforme, composta de muita humidade, esta primeira porção da atmosfera he o primeiro succo nutritivo da pequena planta, o qual, passando até á extremidade do grelo, produz o primeiro filamento, ou raiz ao sahir dos pequenos orificios.

O grelo principia a crescer, logo que a atmosfera o principia a penetrar; porém como o seu augmento da parte da entrada lhe conserva por algum tempo a mesma figura, he por esta razão, ao principio pouco sensivel, o que não succede da parte opposta, porque como o filamento das raizes he mui differente, principia a ser perceptivel, logo que se principia a formar. Eis-ahi porque os vossos Filosofos suppõe que as raizes são as primeiras, que crescem.

Desde o momento, em que o succo principia a formar as raizes, principia tambem a produzir huma nova fermentação pelo seu contacto com a substancia heterogenea, misturada com a terra.

Es-

Esta nova fermentação augmenta com o augmento das raizes, não só pelo contacto do succo, que sahe nas suas extremidades; mas tambem pelo que sahe em differentes partes da sua extensão; porque o grelo, e por consequencia a planta, e as raizes, que elle produz, tem além dos tubos, que o seguem em todo o seu comprimento, hum número prodigioso de póros, que os communica huns com os outros, e com a atmosfera, sahindo para todas as partes exteriores.

Se a semente he de natureza das de que os lobos se fazem folhas seminaes, elles recebem o succo pelas suas extremidades, puxado ao principio pela sua mesma fermentação, e depois pela das raizes. Como o succo penetra por todas as partes, tambem o augmento da pequena planta he em todos os sentidos; as particulas da substancia aériforme, que se vão introduzindo entre os seus póros á maneira de cunhas, vão fazendo ceder a parte organizada, sempre mais á proporção que ella s'aparta da terra, porque a ultima, que cresce, he a mais flexivel.

He indifferente, que o grão fique inclinado para algum dos lados, ou vol-

tado para baixo; porque como o primeiro ſucco he puxado pela rarefacção do ar, o effeito he ſempre o meſmo: qualquer que ſeja a poſição do grelo, elle creſcerá ſempre para a parte da atmosfera, donde recebe a materia, que o faz augmentar. Deſde que o ſucco chega á extremidade do grelo, não ſendo já violentado pela rarefacção, deſce em virtude do ſeu pezo, e vai formando as raizes ſempre para baixo.

EU.

Eſſas razões ſerião boas, ſe as plantas creſceſſem da atmosfera para a terra, e que não tiraſſem nutrimento algum das raizes, como vós o pertendeis; mas não no Syſtema contrario, no qual eu eſtou ainda, e eſtarei, em quanto não vir desfeito hum grande número de dúvidas, que s'oppõe ao voſſo, e que eu vos irei propondo á medida, que me forem lembrando. Eu confeſſo, que parece muito natural, que a vegetação principie, e continue ſempre do meſmo modo, e não que inverta inteiramente a primeira ordem, para ſeguir outra oppoſta, como querem os noſſos Fyſicos, porque creio, como elles o dizem, que a Natureza não

não complica as ſuas operações. (1) Eu ſei que os vegetaes creſcem em differentes ſentidos, e que ſe ſe põe dous ſinaes no talo d'uma planta, ſe acha, paſſado algum tempo, que elles s'apartão hum do outro, e ſempre mais, á proporção que eſtão mais apartados da terra; porém iſto he até hum certo ponto, porque, ſe ſe fazem dous ſinaes n'uma arvore, obſerva-ſe, que ella creſce, ſem que eſtes ſinaes s'apartem nada hum do outro. (2) Continuai o que tendes a dizer ſobre a vegetação, que eu vos proporei depois diſſo as minhas dúvidas.

LISDA.

Deſde que a planta ſahe fóra da terra, principia a creſcer com mais liberdade, porque não tem obſtaculo algum, que a embarace. A abundancia da ſubſtancia heterogenea miſturada com a terra, faz com que a atmosfera, que a cerca, ſe conſerve bem empregnada das ſuas emanações: circumſtancias, de que dependem os progreſſos, e a fertilidade

(1) Cours Compl. d'Agric. Art. Cult. cap. 3. ſect. 2.

(2) Hiſt. de l'Acad. R. des Scienc. de Paris Anno 1742. pag. 360.

de da planta. A rarefacção do ar na extremidade das raizes he proporcionada á fermentação, e a fermentação he sempre em razão composta da substancia heterogenea misturada com a terra, e do succo das extremidades das raizes. Mais a fermentação he forte, maior he tambem a quantidade de nutrimento absorvido pela planta; o que a faz filhar, ou ramificar, segundo a sua natureza; e a quantidade de nutrimento, forçada a extravasar-se pelos póros das raízes, produz outras novas, as quaes com a nova fermentação obrigão cada vez mais a ramificação das plantas. Eisaqui como os soccorros reciprocos, que as raizes, e os ramos se prestão, fazem ver algumas vezes differenças tão prodigiosas na vegetação, que de duas plantas semeadas no mesmo paiz, e no mesmo tempo, produzem, huma dez, ou doze grãos de semente, e outra dez, ou doze mil. (1)

Supposto não tratamos actualmente da

(1) Eu vi linho canamo semeado na veiga de Chaves com a mesma semente, no mesmo dia, e em terrenos proximos fazendo differenças tão grandes, que houverão plantas, que derão cada huma mais d'hum quarto d'alqueire de semente, e outras apenas dez, ou doze grãos.

da fertilidade dos terrenos, sempre vos direi de passagem, que a dos pedragosos, que os vossos Sábios attribuem, huns ao pó produzido pela fricção das pedras, e outros ao afronitro, vem de que recebendo estes terrenos as substancias aériformes misturadas com as chuvas, com os orvalhos, e com os outros meteoros, não podem deixar sahir as exhalações destas substancias, senão pelas aberturas entre as pedras, por onde as plantas são tambem forçadas a sahir; e como achão abundancia de nutrimento, quando o podem aproveitar, crescem melhor, e fazem os progressos, que decidem da sua fertilidade. Se observardes a herva, que cresce ao redor das fragas, ou de quaesquer pedras, que tenhão alguma inclinação, achareis que ella he sempre maior, do que a que cresce mais apartada; porque os meteoros, que descorrem das mesmas pedras, lhe fornecem mais nutrimento, do que recebe a do campo livre.

A' proporção que as plantas crescem, vão tambem as suas partes consolidando-se cada vez mais, e formando os vasos seminaes, onde se produzem as flores, e os fructos. Eu não entrarei aqui na discussão desta materia, sobre

bre a qual os noſſos conhecimentos ſão extremamente ſuperficiaes. Eu digo o meſmo a reſpeito da organização das plantas, ſobre a qual a noſſa viſta, ainda ajudada do microſcopio, não he capaz de nos fazer adquirir conhecimentos fyſicos tão ſeguros, que ſe poſsão olhar, como verdades demonſtradas. Mas eu não poſſo admittir tambem a voſſa opinião, que ſuppõe, que cada planta, e até a mais frondoſa arvore he contida em miniatura no grão da ſemente, que a produz. Se huma arvore he contida em miniatura no grão, que a produz, ſegue-ſe que todas as que creſcerem das ſuas eſtacas, eſtavão igualmente contidas no meſmo grão, porque ſe deſenvolvem da meſma arvore; o que ſuppõe, que cada grão de ſemente contém em miniatura todas as arvores poſſiveis da ſua eſpecie. Além diſſo a arvore em miniatura deve eſtar na ſua ordem natural, e não poderia creſcer invertendo eſta ordem; mas nós vemos, que as arvores creſcem não ſó plantadas ás véſſas, mas tambem horizontalmente, e em todas as direcções; (1) o que

(1) Vede as Memorias da Acad. R. das Sciencias de Paris já citadas, no Anno de 1744, e o livro 4.° da Fyſica das arvores.

que favorece as noſſas conjecturas a reſpeito da ſua organização.

EU.

Eſſa opinião, que vós ſeguís a reſpeito da organização das plantas, tem muita ſemelhança com o Syſtema de Buffon, hum dos noſſos maiores Filoſofos; mas não obſtante eſta conformidade, elle penſou ſempre, que as plantas tiravão o ſuſtento pelas raizes, e até que ſe nutrião da meſma terra.

LISDA.

He tempo de concluirmos com os principios da vegetação, para vos dizer, quaes são as principaes razões, que provão, que ella ſe ſuſtenta unicamente da atmoſfera.

Formado, e fecundado o fructo continúa a creſcer, aſſim como a planta, em virtude da rarefacção do ar das raizes; e os ſeus póros, que no principio deixão entrar os óvos de varios vermes miſturados com a atmoſfera, que lhe dá o nutrimento, vão fechando, á proporção que elle creſce até o ponto de não deixarem entrar ſenão ar puro, do qual paſſa logo a amadurecer.

EU.

EU.

Antes d'ouvir as voſſas provas, devo dizer-vos, que na Europa não he nova a opinião, de que as plantas ſe nutrem ſó pelas folhas. Sauſſure Pai he entre outros Eſcritores hum dos que a ſeguem, n'uma *Memoria ſobre a cultura do trigo, e da vinha.* (1)

LISDA.

A opinião, que ſuppõe que as plantas ſe nutrem ſó pelas folhas, he tão errada, como a que ſuppõe, que ſe nutrem igualmente pelas raizes, e pelas folhas. A columna d'ar, que obra ſobre as folhas, he a meſma, que peza ſobre os fructos, com hum equilibrio tão igual, que he impoſſivel que ellas lhe communiquem nutrimento de qualidade alguma. As meſmas folhas não communicão ás plantas ſenão ar miſturado com mui pouca humidade, deſde que eſtão formadas. A maior parte do nutrimento he communicado pelas folhas novas, no tempo em que creſcem, e pelos fructos, em quanto não chegão ao ponto d'amadurecer.

CA-

(1) Cours Compl. d'Agric. Art. Air. Sect. 2.

CAPITULO XVIII.

Prova-ſe que as Plantas ſe não nutrem pelas raizes.

O Primeiro argumento, que s'offerece contra a opinião, que ſuppõe, que as plantas ſe ſuſtentão pelas raizes, são as meſmas raizes; as quaes não poderião creſcer, nem eſtender-ſe, como ſe eſtendem, ſe recebeſſem, e communicaſſem o ſucco ás plantas. O mais que póde fazer a virtude abſorvente, que ſe lhes attribue, he chupar todo o ſucco da terra, que tem contacto com ellas, mas acabado elle, devem ſeccar as plantas, ſe á tal virtude abſorvente ſe não juntar tambem a d'attracção. Algumas arvores abſorvem n'uma ſó Primavera mais ſucco, do que todo o pezo do ſeu tronco com as raizes, e ramos; e póde ſegurar-ſe atrevidamente, que não ha huma ſó planta, que não abſorva dobrado do ſeu volume, entre o que gaſta para creſcer, e tranſpirar, e a terra, que tem contacto com as raizes d'uma planta, não póde conter nem a decima parte deſte ſucco. As arvores, que ſe plantão d'eſtaca, creſcem, e pro-

du-

duzem ellas meſmas raizes. Donde vem o ſucco para principiar a formar eſtas primeiras raizes? Sem dúvida das arvores; he o que ſe não póde negar, mas ſe ellas o fornecem no principio, porque o não forneceráõ ſempre? Suppôr, como vós, que ella principia d'um modo, e inverte logo a primeira ordem, para ſeguir outra, he complicar muito a ſua marcha.

EU.

Nós ſabemos, que o alamo obſorve mais ſeve n'uma Primavera, do que todo o pezo do ſeu tronco com os ramos, e raizes, (1) mas iſſo não implica com a pouca, que ſe acha na terra, que toca nas ſuas raizes, porque as experiencias de Du-Hamel provão, que ella deſce dos ramos até ás extremidades das raizes, iſſo não ſó em virtude do ſeu pezo, mas tambem por huma força propria da vegetação. O meſmo Sábio confeſſa, que hão caſos, em que huma raiz he produzida unicamente com a ſeve, que deſce do ſeu tronco.

LISDA.

Se confeſſais, que a ſeve, que deſce

(1) Coll. Acad. Etr. tom. 2. pag. 173.

ce d'uma arvore, produz algumas vezes huma raiz, deveis concordar em que eſtes caſos são geraes; porque a marcha da Natureza foi, he, e ſerá conſtantemente a meſma.

As experiencias, que tendes feito, de fazer produzir os ramos d'algumas arvores no rigor do inverno, mettendo-os dentro de caſas, onde conſervais o calor proporcionado ao do tempo da vegetação, não vos provão evidentemente, que o nutrimento entra pela parte dos ramos? Os ramos deſſas meſmas arvores, que ficárão de fóra ſem vegetar, e os mais exemplos, que me tendes citado, baſtarião, ſe vós quizeſſeis fazer alguma reflexão para vos convencer deſta verdade.

EU.

He innegavel, que eſtas experiencias provão muito a favor da voſſa opinião. O tronco da eſpongeira, de que vos fallei, ſem fazer vegetar os ſeus ramos, a pezar do calor, que elle, e as raizes recebem conſtantemente da cavallariça, e a videira ſobre a forja do Ferreiro, com o tronco, e com as raizes, onde não podião receber parte alguma do calor da forja, provão que a ve-

vegetação depende do gráo do calor da atmosfera, capaz de pôr as ſubſtancias aériformes em eſtado de poderem entrar pelos póros dos vegetaes.

O Diccionario d'Agricultura confeſſa, fallando da experiencia de Fabroni, que fez produzir no inverno folhas, e flores a hum ramo d'amendoeira, do meſmo modo que o Author, de que vos fallei, que neſta vegetação não houve ſeve alguma fornecida pelas raizes. (1)

LISDA.

Parece, que vós não fazeis uſo algum da voſſa razão, ou que a não tendes, porque vos lançais nas contradicções mais extravagantes, que ſe podem imaginar. Se as arvores vegetão algumas vezes ſem o nutrimento das raizes, porque não vegetão ellas ſempre? Vós quereis conduzir a Natureza ſegundo a voſſa fantaſia.

Se os enxertos temporãos em arvores tardias, e os enxertos tardios em arvores temporãs brotão ſempre nos tempos, que lhes são proprios, ſem que a ſeve das arvores, onde elles eſtão en-

(1) Art. Air. Sect. 2.

enxertados, em movimento, ou quietação, os adiante, ou atraze, que prova quereis mais evidente para ſaber que elles não recebem nutrimento algum deſſas arvores.

Como podeis vós conceber, que a ſeve d'uma arvore mude inteiramente de qualidade no momento, em que entra no enxerto? Quando a imaginaria fermentação, a que tendes recorrido, pudeſſe ſer real, como poderia ella mudar a qualidade da antiga ſeve, ſem lhe deixar veſtigio, ou final algum do que antes era? Que exemplo de fermentação tendes vós, tão repentina, e tão completa?

Quando todos os fenomenos, de que temos fallado, não provaſſem d'um modo tão evidente, como elles o provão, que as plantas, e os fructos não recebem nutrimento algum das raizes, o limão que o voſſo Du-Hamel enxertou n'uma laranjeira, quando era da grandeza d'uma ervilha, e que creſceo, e amadurou perfeitamente limão ſem miſtura alguma da laranjeira, devia convencer-vos deſta verdade. Se a ſeve da laranjeira nutriſſe o limão, devia neceſſariamente communicar-lhe huma grande parte da ſua natureza, e combinar

o

o limão com huma boa parte de laranja. Mas vós direis, segundo o vosso costume de filosofar, que a seve da laranjeira soffreo huma fermentação, desde que entrou no limão, que a fez mudar de natureza.

Eu não posso comprehender, que especie de encanto vos cega sobre a multidão de fenomenos maravilhosos, com que a Natureza vos mostra constantemente a sua marcha. Eu creio que vós tendes hum espirito tão cégo para tudo o que vos vem dos vossos passados, que vos podem dizer, que o branco he negro, e o negro branco, sem que vos entre na cabeça o pensamento de duvidar hum só instante da infallibilidade das suas decisões. Acostumados a ver a origem das plantas na terra, elles pensárão, que ella as nutria, e sustentava; e como a ignorancia dos primeiros tempos não permittia, que s'examinassem as cousas com attenção, este erro passou de Geração em Geração, fortificando-se tanto mais, que os homens julgavão ter a experiencia da sua parte. Eis-aqui o que naturalmente vos tem cegado a respeito de verdades tão claras, e tão evidentes, como as de que temos fallado. A julgar pelo que vos

vos tenho ouvido, podem apostar-se cem contra hum, que os vossos conhecimentos na maior parte das Sciencias são com pouca differença semelhantes.

EU.

Já hum grande Filosofo da Europa disse, que a Academia Real das Sciencias de París tinha mais erros, do que a Republica dos Hurões. Eu concordo em que os nossos conhecimentos não são tão extensos, como eu os suppunha, mas nem tão limitados, como vós os imaginais. Tambem he certo, que a natureza depõe mais a favor do vosso Systema da vegetação, do que do nosso, mas isso só não basta para decidir com tanta segurança, como vós decidís sobre huma materia, a qual além de dever passar por exames mais serios, precisa a opinião pública, e sobre tudo a Sanção do tempo, para ser recebida com a evidencia, que vós lhe quereis dar.

LISDA.

Esse Filosofo não fazia ainda muita injuria á tal Sociedade literaria, suppondo-lhe simplesmente mais erros do que aos Hurões. Os Hurões não podem

ter

ter muitas verdades, mas nem muitos erros; em lugar de que a tal Academia ha de necessariamente ter muitos milhares d'erros confundidos com as suas verdades.

Eu decido com segurança, porque fallo de verdades, que a Natureza attesta constantemente com evidencia. Eu tenho da minha parte a opinião pública de todos estes Póvos; mas, quando a não tivesse, fallaria com a mesma segurança; porque a opinião pública não póde mudar a verdade em mentira, nem a mentira em verdade; e a Sanção do tempo, que vós prezais tanto, não dá mais força a huma, do que á outra. O que julga da verdade d'uma cousa, pelo número das pessoas, que a seguem, he hum estupido incapaz d'entrar na carreira das Sciencias.

Não he por hum principio de vaidade, que eu vos fallo com segurança d'algumas cousas, mas por estar perfeitamente convencida da sua verdade. Eu não tive o mais pequeno pejo de vos confessar a minha ignorancia a respeito da organização das plantas, das suas partes seminaes, das flores, e dos fructos. Nós não temos nunca vergonha d'ignorar o que não podemos saber.

ber. A obrigação da Filosofia he de seguir, e contemplar a Natureza até o ponto, onde póde tirar consequencias de principios evidentes, e seguros; o que se não póde fazer, sem muita meditação. Os Filosofos, que se servem d'hypotheses arbitrarias em lugar de principios evidentes, e que querem dar as suas conjecturas por verdades, bem longe de concorrerem para os progressos dos conhecimentos humanos, não fazem mais do que augmentar a massa dos erros.

E U.

Muitas vezes succederá o que vós dizeis, mas tambem as hypotheses, e as conjecturas podem ser algumas vezes felices. Concordo igualmente em que a opinião pública, e a Sanção do tempo não são hum meio seguro para conhecer todas as verdades, principalmente em materia de Religião, porque vejo a Catholica Romana, a unica verdadeira, seguida por mui pouca gente, em comparação dos muitos milhões d'Almas, que em toda a circunferencia da terra vivem mergulhados nos mais vergonhosos, e grosseiros erros, que a superstição, e a extravagancia humana podérão inventar.

Continuemos o assumpto, que nos occupava, e dizei-me huma cousa, que tenho grande desejo de saber: como vós conheceis tão bem os principios da vegetação, e tendes feito progressos tão grandes nesta materia, deveis saber o modo de combinar as fructas humas com as outras, e conhecer por consequencia qual dos dous modos, que eu vos annunciei, he o melhor, se o das Transacções Filosoficas, ou o do Diccionario d'Agricultura. Eu não posso crer, que a tal combinação seja obra da Natureza, como o pensa o sujeito, de quem vos fallei; e ainda menos produzida pelo pó das estaminas d'outras arvores, como o crê Du-Hamel; porque se assim fosse, deveriamos ter hum grande número destas combinações na Europa, onde as arvores fructiferas estão misturadas nos pomares humas com as outras.

LISBA.

Se seguires o methodo das Transacções Filosoficas semeando a semente do ultimo enxerto, tereis o fructo da qualidade do tal enxerto, sem mistura alguma; se enxertardes segundo o methodo do Diccionario d'Agricultura, tra-

trabalhareis até o fim do mundo, sem que vos pegue hum só enxerto, e no caso que vos pegue algum, não brotará nunca em todo o comprimento da união, e os botões, que sahirem dos dous lados, serão cada hum da qualidade simples do páo, donde brotar. O que suppõe, que a Natureza deixa a sua marcha natural, para se divertir a fazer mudanças tão extraordinarias, não póde fazer huma confissão mais patente da sua ignorancia. Du-Hamel he o unico, que merece alguma desculpa, em suppôr as taes combinações, produzidas pelo pó fecundante d'arvores differentes. Com tudo isso, nós temos feito milhares d'experiencias para alcançar combinações por este modo, e até agora ainda não conseguimos nem ao menos huma; e como vós o observais, estas combinações serião frequentes, pela proximidade das arvores humas com as outras, se ellas se combinassem deste modo.

Vede os máos effeitos da prevenção; se o vosso Du-Hamel, reparando bem nas suas experiencias, conhecesse que as plantas se nutrem dos fructos, e das folhas, teria feito logo hum grande número de combinações differentes, e vós

terieis hoje não só huma grande variação de fructas combinadas, e aperfeiçoadas, mas tambem o meio de fazer muitas arvores temporãs, ou serodias, segundo a precisão dos climas, para onde fizesseis estas mudanças. Eu vou descubrir-vos este grande segredo, que vós estais com tanto desejo de saber.

Supponhamos, que quereis huma laranja combinada com limão. Fazei hum enxerto de limoeiro sobre hum ramo de laranjeira nova, mas que tenha produzido já laranjas; des de que o vosso enxerto der limões, esperai, que o ramo da laranjeira, onde estiver o enxerto, lance novos ramos; todas as arvores, que provierem destes novos ramos, serão combinadas de laranjas com limão, segundo a proporção de grossura, em que estiver o ramo da laranjeira com o do enxerto. As arvores vão sempre crescendo, e ramificando pelas suas extremidades, e os poucos ramos, que produzem mais abaixo, não são regularmente fructiferos; eis-aqui a razão, por que eu vos digo, que a laranjeira deve ser nova, para no caso que não produza os taes ramos, a poder transplantar para terra nova bem estrumada, e desfeita, e forçalla por este modo a produzillos.

O principio he o mesmo a respeito de todas as qualidades de fructas, que se quizerem combinar, devendo-se ter sempre a precaução de fazer os enxertos em arvores novas, não sómente porque ellas produzem mais facilmente os taes ramos combinados, donde devem sahir as arvores, que se desejão; mas tambem porque se podem forçar a produzillos, passando-os para melhor terra. Além destas circumstancias, as raizes destas arvores novas produzirão tambem arvores combinadas.

O mesmo succede a respeito das videiras, as quaes se podem do mesmo modo, que as arvores, combinar, aperfeiçoar, e fazer mais productivas. A maior parte das nossas uvas, e das nossas fructas são combinadas, as quaes, além de diversificarem em figura, deversificão tambem em gosto; mas devo advertir-vos, que nem todas as combinações melhorão: fazem-se algumas, que peorão. Para isto não ha outra regra melhor do que a experiencia, segundo a qual se podem continuar as boas, e desprezar as más.

Estas combinações não tem lugar entre todas as qualidades de fructas; quem quizesse combinar huma ameixa com

maçã, ou hum pecego com pera, trabalharia inutilmente toda a sua vida. Para combinar as fructas, he necessario que ellas tenhão alguma analogia, e que os enxertos concordem bem com as arvores, onde forem enxertados.

Nós temos a pouca distancia daqui muitas destas fructas, e uvas, que vós podeis ir ver, e examinar, para poder, no caso que volteis á Europa, perguntar aos vossos Sábios, se persistirem no seu antigo Systema, porque razão a seve, que desce dos enxertos para as arvores, conserva a sua primeira qualidade, formando o resto do ramo combinado, e por consequencia todos os que elle produz depois da nova combinação. Segundo o seu modo de discorrer esta seve devia soffrer huma fermentação no momento, em que passasse do enxerto para a arvore, que fizesse mudar a sua primeira qualidade da mesma arvore.

Quando não houvesse outra razão para desenganar os vossos Filosofos do seu erro, bastarião os vermes, que s'encontrão dentro das fructas, sem buraco, ou final algum, por onde elles tenhão entrado. Ou elles hão de confessar, que os taes vermes se formão sem semente de qualidade alguma, ou que os óvos,

ou

ou semente, que os produz, entra pela mesma fructa no tempo da sua formação; porque seria o mais estupido delirio, suppôr que os taes óvos entrão pelas raizes, e sobem pela arvore até ás fructas. Ha sitios, onde as fructas são tão sujeitas aos taes vermes, que se não acha alguma, que os não tenha.

CAPITULO XIX.

Explicação d'algumas dúvidas sobre a mesma materia.

SE quereis propôr agora as vossas dúvidas, podeis fazello, porque estou prompta a responder a ellas, até onde chegarem os meus conhecimentos. He justo, que concluamos hoje com esta materia; para tratarmos á manhã do modo de fertilizar as terras, de supprir os estrumes animaes, e todos os outros nos lugares, onde os não houver. Depois continuaremos a fallar dos instrumentos agronomicos, das lavouras, das sementeiras, das colheitas, com todos os meios, que as facilitão: conhecimentos, com os quaes podereis ser util aos vossos Europeos, quando voltardes á Europa.

Ho-

E U.

Homberg fez vegetar algumas plantas, que ſemeou n'um vaſo mettido no recipiente d'uma máquina pneumatica, donde fez extrahir o ar (1); o que deſtróe os voſſos principios, viſto que as plantas podem vegetar ſem ar.

LISDA.

Se eſſe Sábio extrahiſſe exactamente todo o ar do recipiente, a vegetação ſeria impoſſivel. O ar miſturado, e introduzido na terra do vaſo, vendo-ſe livre do pezo, que o continha opprimido, devia em virtude da ſua elaſticidade produzir huma eſpecie de fermentação na meſma terra, e ſahir a formar no recipiente, junto com a agua, hum fluido dominante em humidade. Ora todas as ſementes, que vegetão bem n'um ar dominante em humidade, podem vegetar neſte caſo, e toda a difficuldade eſtá na primeira fermentação da materia farinacea da ſemente, porque o tal fluido ha de ficar mais rarefeito, onde houver calor.

He

(1) Mem. de l'Acad. R. des Scienc. de Paris. tom. 2. pag. 184.

E U

He certo, que entre as ſementes, que naſcêrão, e vegetárão, as d'alface forão as que proſperárão, e algumas d'outras qualidades ficárão ſem final algum de vegetação. Achard achou que as plantas vegetavão com pouca differença, tão bem no ar deflogiſticado, como no flogiſticado, e que os reſultados das ſuas experiencias erão contrarios aos de Prieſtley (1). Ora ſe as plantas vegetão em ar deflogiſticado, he certo que não podendo receber augmento do tal ar, devem recebello das raizes; o que tambem arruina todos os voſſos principios.

LISDA.

Hum dos dous s'engana infallivelmente. Eu digo que he Achard, porque os ſeus reſultados não ſó são oppoſtos aos de Prieſtley, mas tambem aos noſſos. Além d'um grande número d'experiencias, que nos moſtrou ſempre, que as plantas não vegetão em ar perfeitamente puro, temos as cebolas, e outros fructos, ou ſementes, que grelão, e creſ-

(1) Mem. de l'Acad. R. des Scienc. e Belles Let. de Berlin. Anno 1778. pag. 51.

crescem fóra da terra, que o não fazem nunca, senão em ar empregnado de substancias aériformes; e que vegetão com mais, ou menos força, em razão da maior, ou menor abundancia destas substancias.

EU.

Se se faz hum grande buraco n'um alamo, quando está na força da seve, lança gotas de succo, de 4 em 4, ou de 5 em 5 batimentos de pulso; se se dá hum corte com huma serra pela parte debaixo, as gotas sahem mais demoradas, e se se serra por cima, párão de todo (1): como explicais vós isto?

LISDA.

A serradella por baixo do buraco embaraça que a fermentação das raizes continue a puxar o succo dos ramos, por isso elle diminue, mas não secca; porque o succo, que se acha do buraco para cima, continua a descer em virtude do seu pezo, e pára, logo que o interceptão, serrando a arvore por cima do buraco.

Ha-

(1) Collec. Acad. Etrang. tom. 2. pag. 186.

EU.

Hales adaptou hum tubo a hum ramo d'uma arvore, o qual elle baixou até o ponto de metter a extremidade do tubo n'um vaso com azougue, e o azougue subio algumas pollegadas (1). Se o succo desce dos ramos, parece que não devia o azougue subir.

LISDA.

Sim. As raizes puxão em virtude da rarefacção o succo de todos os ramos, e como não tinhão que puxar desse, senão o ar do tubo, faltando-lhe elle, por força o mercurio havia de subir.

EU.

He certo, que se não póde negar que o ar entra abundantemente nos vegetaes, como o mostrão bem as muitas experiencias d'Hales (2), e d'outros muitos Sábios. Explicai-me hum fenomeno, que alguns delles tem observado a este respeito: eu o exponho. „ Ingen-Housse „ diz, que a maior parte das folhas, „ das

(1) Stat. di Veg. pag. 79. fig. 14.
(2) Stat. di Veg. cap. 5.

» das flores, das raizes, e dos meſmos
» fructos ſe cobrem de bolhas, quando
» ſe mergulhão em agua ao Sol, ou de
» dia em hum ſugar aberto, e bem
» claro, mas infinitamente mais em
» agua freſca; que eſtas bolhas não ſão
» produzidas pelo calor do Sol, que
» rarefaz o ar adherente ás folhas,
» pois que muitas produzem bolhas no
» meſmo inſtante, que ſe mergulhão
» em agua a mais fria, ainda que ellas
» eſtejão bem quentes pelo Sol, no mo-
» mento em que ſe ſeparão da arvore,
» e ſe mettem na agua; que as folhas
» não dão bolhas d'ar depois do Sol
» poſto, ou mui poucas; que as que
» tem ſahido, não deſapparecem ape-
» zar do frio da noite. Eſte Sábio con-
» clue da apparição ſubita deſtas bo-
» lhas do ſeu augmento, que ſe faz
» por degráos em agua fria expoſta
» á luz do dia; da ceſſação deſta
» emiſsão d'ar durante a noite, ou á
» ſombra de dia, na meſma agua,
» que eſtas bolhas não devem a ſua
» origem ao ar exiſtente na agua, e
» chupado pelas folhas, nem á rare-
» facção do ar já adherente ás fo-
» lhas; mas a algum movimento vital,
» que tem lugar nas folhas expoſtas á
» luz,

» luz, e que ceſsão, deſde que ſe achão
» á ſombra. (1)

Bonnet fez as meſmas experiencias, as quaes concordão com eſtas, porém elle fez ferver agua durante tres quartos d'hora, para lhe extrahir o ar, e repetindo a meſma couſa neſta, achou que as bolhas não apparecião. Depois introduzio ar á meſma agua por meio d'um canudo, e as bolhas apparecérão do meſmo modo. (2)

LISDA.

Eu não ſei de que ſerve aos voſſos Filoſofos, o cançarem-ſe a fazer experiencias, ſe as não entendem. Não ha nada mais facil em Fyſica, do que o conhecimento da cauſa, que produz eſſas bolhas. O ar abſorvido pelas folhas da parte do Sol he mais rarefeito, do que o que abſorvem as da ſombra, ou todas ellas de noite, tempo em que elle eſtá mais denſo. Além de receberem as folhas da parte do Sol o ar rarefeito, são penetradas pelo calor do meſmo Sol, que o rarefaz ainda mais; e logo que

(1) Cours Compl. d'Agric. Art. Air ſect. 1.
(2) Recherches ſur l'uſage des Feuilles. pag. 24. e ſeg.

que se mergulhão na agua, o ar he forçado a condensar-se por causa do frio, e os vácuos deixados pela condensação, attrahindo o ar da agua, produzem as bolhas. Quanto mais fria for a agua, maior será a condensação, e por consequencia maior o número das bolhas. Extrahido o ar da agua, he impossivel, que ellas appareção, visto que são formadas delle. Como o ar chupado pelas folhas da parte da sombra, e por todas ellas de noite, não he rarefeito, tambem se não condensa, e por isso não produz bolhas.

EU.

As cebolas, como vós mesma tendes ponderado, grelão, e vegetão na atmosfera sem união alguma á terra; o mesmo succede mettendo as raizes das mesmas cebolas, ou parte dellas em agua: fenomenos que succedem com outr.s muitas plantas. Explicai-me isto.

LISEA.

O principio he o mesmo, que promove a primeira vegetação de todas as mais sementes. Desde que a humidade da atmosfera penetra a cebola, produz huma fermentação no seu interior, que principia a vegetação, e a mesma vegetação fornece o succo, que continúa a fermentação com a materia da cebola, em quanto esta dura. O mesmo succede a respeito de todas as mais plantas, e as que vegetão com huma parte mettida em agua, he porque o seu miolo, ou substancia interior fermenta com o contacto da mesma agua. Semelhantes vegetações são sempre lentas, por causa da fraqueza da fermentação.

EU.

Os nossos Sábios dizem, que as plantas parasiticas se sustentão das arvores, ás quaes se unem, ao menos em parte. (1) Eu julgo a cousa impossivel segundo o vosso Systema.

LISEA.

Certamente. Todas as plantas, de qualquer natureza que sejão, se nutrem geralmente da atmosfera; e o mais que podem fazer as parasiticas he communicar o seu succo aos troncos, onde se ligão, pela união dos seus póros com os delles; e vegetar em virtude desta união á custa da rarefacção das raizes dos mesmos troncos.

Se

(1) Collec. Acad. Etr. tom. 12. pag. 113.

E U.

Se as plantas se nutrem universalmente da atmosfera, parece-me inutil o sachar a terra, e arrancar as más hervas, para fazer prosperar as boas; porque as suas raizes em lugar de tirar algum succo da terra, antes lho communicão.

LISDA.

Nada he mais util para fazer prosperar as plantas, que se cultivão, do que sachar a terra, e arrancar as más hervas. Ellas chupão as emanações, que sahem da terra, á qual ficão regularmente mais proximas; e recebendo os orvalhos, embaração que elles caião na terra, para se levantarem outra vez com a acção do Sol: eis-aqui como ellas roubão o nutrimento das boas, deixando-lhes o ar pouco empregnado de substancias aériformes, e por consequencia incapaz de boa producção. As sachas não só servem para arrancar as más hervas, mas tambem para revolver a terra, e forçar as substancias heterogeneas misturadas com ella, a huma fermentação mais forte pelas novas combinações destas mesmas sub-

substancias; porque mais esta fermentação he forte, mais as suas exhalações empregnão a atmosfera de substancias proprias para vegetação.

E U.

Se as raizes não nutrem as plantas, he inutil o regallas; mas nós vemos que ellas prosperão, quando as regão, e que seccão, se lhes falta a agua.

LISDA.

As plantas seccão por falta d'agua, e prosperão com ella por hum principio bem differente, do que vós pensais. Para que a atmosfera possa obrar na vegetação, he indispensavelmente necessario, que na sua combinação com a substancia aériforme entre tambem a humidade, a qual he não sómente necessaria, por fazer parte desta substancia; mas tambem porque facilita a entrada, e a acção das outras nos vegetaes, formando o liquido, a que chamamos seve. Este liquido além d'ajudar a vegetação em virtude do seu pezo, vai sahir ás raizes, e produzir a fermentação, de que já vos fallei, depois de depôr no seu caminho grande parte das materias, que o combinavão.

Ao paſſo que a terra vai ſeccando, vão tambem as ſuas exhalações ſendo menos humidas; e logo que a humidade principia a faltar na combinação da atmosfera, para formar a ſeve, principião as plantas a ſeccar, e morrem, ſe lhes não acodem com o ſoccorro neceſſario. Para a terra, que ſerve de matriz ás raizes, he preciſa tão pouca humidade, que baſta, que ella conſerve a fermentação geral, que as ſubſtancias heterogeneas, miſturadas com a meſma terra, tem humas com as outras. Quando o calor do Sol chega a penetrar, e ſeccar a terra até o fundo das raizes, já as plantas tem morrido por falta d'humidade atmosferica. Se quereis convencer-vos deſta verdade, reparai em que os orvalhos ſuſtentão muito tempo as plantas, e algumas vezes depois de darem ſinaes de morte, vós ſabeis que elles não penetrão a terra. Se iſto vos não convence, lançai a viſta ſobre os campos cultivados, quando a continuação dos grandes calores do Eſtio, fazendo torcer, e cahir amortecidas as folhas das plantas, annuncia aos infelices Cultivadores a perda do ſeu trabalho e a eſterilidade. Vós direis que tudo iſto fortifica o voſſo argumento,

e

e que a falta, que as raizes tem de ſucco para ſuſtentar as plantas, produz a deploravel ſcena, que deſola os Cultivadores. Vejamos. A deſolação he ſeguida d'uma chuva de pouco tempo, que penetra apenas a terra d'uma até duas pollegadas; as raizes, que eſtavão faltas d'humidade, ficão na meſma penuria, porque a agua não póde chegar-lhes. Não obſtante iſſo, as plantas reverdecem, toda a Natureza parece reanimada; os campos preſentão huma nova ſcena, tão riſonha, e tão agradavel, que torna o abatimento dos afflictos Cultivadores em contentamento, e alegria. Se examinais a terra por toda a parte, conheceis que a chuva não chegou ás raizes das plantas. Como podeis conceber eſte prodigio?

EU.

A minha illuſão ficou de todo diſſipada, deſde o momento, em que me diſſeſtes o modo, por que combinaveis as fructas, que tendes em abundancia; e ſe eu continuei a pôr-vos algumas dúvidas, foi pelo grande deſejo, que tenho de m'inſtruir n'uma materia tão intereſſante, com a qual eſpero de poder ainda ſer util aos Póvos da Europa.

Eu confeſſo que eſtou plenamente convencida, e concórdo comvoſco em que he neceſſaria huma extrema cegueira, para não conhecer huma verdade, que a Natureza arreſta conſtantemente por toda a parte. Deſejo que m'expliqueis algumas dúvidas mais, que me lembrão, para me não ver embaraçada, quando mas propuzerem. Se s'applica hum tubo com mercurio ao buraco feito no tronco d'uma arvore, obſerva-ſe que o mercurio ſóbe com o calor do Sol, e que deſce com o frio da noite. Os noſſos Filoſofos ſuppõe que a ſeve faz ſubir o mercurio, quando ella ſóbe, e deſcer, quando ella deſce.

LISDA.

Os voſſos Filoſofos diſcorrem mui mal: ou a ſeve ſuba, ou deſça, o principio, ou principios, que a obrigarem a eſſes movimentos, extrahiráõ todo o ar do tubo, e fatáõ deſcer o mercurio em ambos os caſos; porque não he a direcção da ſeve, mas o principio, que a puxa, e determina o que puxa, e extrahe tambem o ar do tubo. Mas o mercurio ſóbe, diteis vós, ſim; porque o calor do Sol fazendo aquecer a arvore, produz alguma rarefacção no ar com-

combinado com a ſeve, e a rarefacção dilatando, e fazendo entrar o ar pelo tubo, faz ſubir o mercurio. Eſta meſma rarefacção he a cauſa da tranſpiração de todos os vegetaes.

EU.

Se ſe corta, ou ſerra o tronco d'uma arvore, obſerva-ſe que ſahe igualmente ſucco de cima, e debaixo.

LISDA.

O ar comprimido força a ſeve a ſahir, logo que ſe lhe deixa huma liberdade completa; mas eſta emiſsão dura ſómente, em quanto o ar interior do tronco ſe não reſtitue ao ſeu eſtado natural.

EU.

Du-Hamel olha como huma prova inconteſtavel da ſubida, e deſcida da ſeve as experiencias de La Baiſſe, e de Bonnet, que fizerão ſubir riſcos, e ſinaes de tintura pelas fibras d'algumas madeiras. N'um ramo de figueira mergulhado vinte e quatro horas em tintura apparecêrão ſinaes cróados, até tres pollegadas por cima do nivel da tintura, e em outras madeiras apparecê-

cèrão os meſmos ſinaes, oito pollegadas acima do meſmo nivel. (1)

LISDA.

Todas as arvores, e muitas plantas communicão os canaes da ſeve com o interior, por huma multidão de póros, pelos quaes s'extravaſa huma parte do ſucco. Ora, póde ſer, que a tintura ſe communique miſturada neſte ſucco extravaſado até huma certa altura; mas nenhuma experiencia moſtrará nunca, que a tintura póde ſubir pela parte da caſca, por onde ſe faz a corrente total da ſeve, que ſuſtenta as arvores

EU

Dizei-me a cauſa, por que algumas fructas perdem o ſucco, ſe as deixão amadurecer nas arvores. A's laranjas d'alguns ſitios ſuccede iſto meſmo, ſe as deixão ficar muito tempo nas laranjeiras, e algumas vezes no Inverno, quando o frio he exceſſivo.

LISDA.

Os póros das fructas fechão, á proporção que ellas creſcem, como vos diſ-

(2) Phyſique des Arb. liv. 5. cap. 2.

ſe já; e algumas são de tal natureza, que deſde que eſtão feitas, e completas, não deixão entrar pelos taes póros ſenão ar puro; e como as raizes das arvores, que as produzem, eſtão ſempre puxando a ſeve, extrahem todo o ſeu ſucco, até que as deixão ſeccas. A's laranjas ſuccede a meſma couſa, mas não he em todos os ſitios, porque como tem huma grande parte de ſubſtancia eſpirituoſa, que póde entrar por póros mui ſubtís, em todas as partes que abundarem deſtas ſubſtancias, conſervaráõ ellas o ſeu ſucco. As que o perdem no Inverno, he porque eſtão em ſitios menos abundantes das taes ſubſtancias eſpirituoſas; e como as outras ſe gelão facilmente, não podem entrar depois de geladas pelos ſeus póros, e deixão ás raizes a liberdade de lhes extrahir todo o ſucco.

EU.

Porque cauſa ſeccão as plantas raſteiras com mais facilidade, do que as que eſtão mais levantadas, e as que eſtão mais levantadas mais depreſſa, do que as arvores, as quaes reſiſtem com tanta facilidade aos grandes calores do Eſtio? O que me parece difficil d'explicar

car ſegundo o voſſo Syſtema he a cauſa, porque huma cepa de vinha ſe conſerva, ſoffrendo os grandes calores do Eſtio, quando huma planta na meſma terra, com a meſma, ou mais altura ſécca tão facilmente.

LISDA.

Já vos diſſe, que a vegetação depende da humidade atmosferica; e a atmosfera proxima da terra, que he a mais empregnada d'humidade, quando a terra lha póde fornecer, he tambem a que ſe principia a exhaurir della no Eſtio, porque além de ſoffrer o calor do Sol como a mais levantada, ſoffre mais o que eſtá reflectindo da meſma terra. A falta d'humidade diminue o calor, que elle faz produzir pela fermentação; e a diminuição do calor nas raizes, no meſmo tempo em que o da atmosfera augmenta, produz o equilibrio do ar interior com o exterior, e deſtróe por conſequencia a vegetação; porque a vegetação não póde ſubſiſtir ſem a deſtruição do equilibrio do ar, ſempre a favor da atmosfera. Eu digo a favor da atmosfera, porque ſe o equilibrio do ar ſe perder, ficando o exterior da atmosfera mais quente, e rarefeito, do que o das raizes, o mal para a vegetação ſerá peor.

As plantas, que eſtão mais levantadas, não ſoffrendo hum gráo de calor tão forte, como as raſteiras, viſto que não ſoffrem o da reflexão da terra, podem ſuſtentar-ſe mais tempo; porque o ar, que as cerca, não póde aproximar-ſe tão depreſſa ao equilibrio do das raizes. Além deſta vantagem ellas podem gozar com mais facilidade do ar freſco, que a viração traz algumas vezes d'outras partes.

Ainda que a planta ſeja mais alta do que a cepa, logo que lhe faltar a humidade atmosferica, faltará tambem a fermentação, que ella produzia nas raizes, o que a fará morrer, como já vo-lo expliquei. Toda a madeira da cepa eſtá tão empregnada da ſeve, que s'extravaſou no tempo da abundancia, que ella ſerve de ſupplemento, quando falta a humidade atmosferica, para continuar a fermentação nas raizes. Continuando a vegetar ſem interrupção, ella recupéra, em quanto durão os orvalhos da noite, huma parte do ſucco, que perde de dia, ſuſtentando-ſe com a ajuda deſte reſervatorio contra os ardentes calores do Eſtio. As arvores eſtão nas meſmas cir-

circumstâncias, e gozão mais do ar fresco, quando corre alguma viração, porque estão mais levantadas.

EU.

Dizei-me, porque razão as plantas, que crescem á sombra das arvores, e no alto das montanhas, são mais fracas, do que as outras.

LISDA.

As plantas, que crescem á sombra das arvores, além de lhes faltar a acção do Sol essencialissima para a vegetação, são privadas dos orvalhos, que as devião fecundar, porque as arvores lhos roubão. Como as emanações dos valles não chegão a empregnar a atmosfera, que cobre os altos das montanhas, as plantas, e as arvores, que nascem nos taes altos, limitando-se unicamente ao pouco nutrimento, que lhes fornece o seu terreno natal, crescem tão lentamente, que não podem igualar ás dos valles.

EU.

Observa-se, que nos ramos das arvores os fructos mais levantados são regularmente os melhores; dizei-me a causa.

Duas

LISDA.

Duas causas concorrem ao mesmo tempo para este effeito; a primeira he, porque os fructos mais levantados, sendo os menos assombrados das folhas, gozão mais livremente da acção do Sol, e dos orvalhos; a segunda, porque o pezo da seve concorre tambem para a vegetação; e este pezo he maior á proporção da maior altura da sua columna.

EU.

Dizei-me tambem, porque causa as espigas do trigo, e do centeio se voltão mais para a parte do Sul, do que do Norte, quando o seu pezo as não deixa sustentar direitas.

LISDA.

Isso deve succeder nos climas situados ao Norte, porque o grão da parte do Meio-dia, tendo constantemente o Sol da sua parte, deve crescer mais do que o da sombra, e fazer por esta razão voltar a espiga para onde he forçada pelo maior pezo. O lado da espiga, que estava á sombra, fica voltada para o Sol pela nova direcção, e ganha o que tinha perdido antes da mudança. Nos

cli-

climas do Meio-dia o effeito deve ser o meſmo, mas n'um ſentido contrario.

EU.

Se huma arvore, ou huma planta, que creſce perpendicularmente, he inclinada para o horizonte por alguma cauſa eſtrangeira, torna ella a tomar de ſi meſma a antiga direcção. Qual he a cauſa deſta mudança?

LISDA.

As fibras das arvores, e das plantas, são dotadas d'uma virtude elaſtica, aſſim como quaſi todos os outros córpos. A cauſa, que obriga o ramo d'uma arvore, ou d'uma planta, a voltar para algum lado, faz obrigar as ſuas fibras, principalmente as fibras ſuperiores, que fazem o maior arco, as quaes tendem em virtude da ſua elaſticidade para voltar ao ſeu eſtado natural. A compreſsão das partes, que formão a planta, he o principio, que conſtitue a ſua elaſticidade, aſſim como em todos os mais córpos. Quando as partes comprimidas pelo alongamento das fibras não tem a força neceſſaria para tomarem o ſeu primeiro eſtado, talvez por cauſa da ſua demaſiada flexibilidade, baſta a paſſagem da

da ſeve para lha reſtituir, engroſſando, e fazendo encolher as fibras: circumſtancias que fórção o ramo a tomar a ſua primeira direcção.

EU.

Reparo em que tendo-vos dito, que a luz abſorvida pelas folhas he hum dos principios elementares, e nutritivos das plantas, não tendes reſpondido nada a eſte reſpeito. A luz he olhada como hum dos principios eſſenciaes da vegetação, não ſó pelos Authores das Memorias, mas tambem por quaſi todos os outros Sábios. As muitas experiencias, que alguns deſtes Sábios tem feito, concordão unanimemente ſobre eſte ponto. (1)

LISDA.

Nada me parece mais digno de piedade, do que o ſentimento de que a luz abſorvida pelas folhas das plantas he hum dos principios elementares, e nutritivos das meſmas plantas. A luz eſtá tão longe de poder ſer abſorvida pelas plantas, que nem póde exiſtir fóra da preſença do Aſtro, que a produz. Ainda que

(1) Cours Compl. d'Agric. Art, Lumiere.

que a luz pudeſſe influir alguma couſa ſobre a vegetação, a ſua influencia não poderia de nenhum modo eſtender-ſe a mais, do que á ſuperficie exterior das plantas. Como poderia ella influir no interior da plantas, onde a ſua exiſtencia he abſolutamente impoſſivel?

Quando os voſſos Filoſofos continuaſſem a fazer experiencias até o fim do mundo, para provar a eſſencialidade da luz na vegetação, não terião provado nada no fim de todas ellas; porque he, e ſerá ſempre fóra da poſſibilidade dos homens, o fazer vegetar huma planta fóra da luz, ſem a privar da acção do Sol, e do ar livre. Elles attribuirão a fraqueza d'uma planta creada na obſcuridade á falta de luz, e eu á privação deſtes dous principios, e ſem temor algum de ſer convencida.

Se a luz fôſſe hum dos principios elementares, e nutritivos das plantas, como elles o dizem, as noites deverião fazer-lhes ſentir eſta falta; mas em lugar diſto vemos, que ellas appârecem regularmente mais verdes, e mais viçoſas no fim da noite.

EU.

A ſatisfação, que me cauſa tudo o que

que me tendes dito da vegetação, eſtimula tanto o meu appetite, que eſtou impaciente por ſaber os meios de fertilizar as terras, para paſſarmos aos objectos de Medicina, e d'Aſtronomia. A reſpeito d'inſtrumentos agronomicos, creio, que me não podereis dizer couſa alguma nova, por ſer eſta huma materia, em que a Europa tem feito grandes progreſſos.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.